

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

VITOR PACHIONI BRUMATTI

**A UTILIZAÇÃO DA INTERNET NOS ESPAÇOS DE
ACESSO LIVRE SOB A PERSPECTIVA DOS
ESTUDOS CULTURAIS LATINO-AMERICANOS**

BAURU
2012

VITOR PACHIONI BRUMATTI

**A UTILIZAÇÃO DA INTERNET NOS ESPAÇOS DE
ACESSO LIVRE SOB A PERSPECTIVA DOS
ESTUDOS CULTURAIS LATINO-AMERICANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, Área de concentração: Comunicação Midiática, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martín Vicente.

**BAURU
2012**

Brumatti, Vitor Pachioni.

A utilização da internet nos espaços de acesso livre sob a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos / Vitor Pachioni Brumatti, 2012
142 f. il.

Orientador: Maximiliano Martín Vicente

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2012

1. Estudos culturais Latino-americanos. 2. Cultura. 3. Sociedade da informação. 4. Internet. 5. Inclusão digital. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE VITOR PACHIONI BRUMATTI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de junho do ano de 2012, às 10:00 horas, no(a) Sala dos Órgãos Colegiados da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. DANILO ROTHBERG do(a) Departamento de Ciências Humanas / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. THALES HADDAD NOVAES DE ANDRADE do(a) Departamento de Ciências Sociais / Universidade Federal de São Carlos, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de VITOR PACHIONI BRUMATTI, intitulado "A utilização da internet nos espaços de acesso livre sob a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: Aprovado ----- . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MAXIMILIANO MARTIN VICENTE


Prof. Dr. DANILO ROTHBERG


Prof. Dr. THALES HADDAD NOVAES DE ANDRADE

Dedico este trabalho ao meu filho Felipe e
minha esposa Fernanda, que dão sentido e
significado a tudo que faço.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e pela possibilidade de poder estudar e trabalhar com aquilo que me faz feliz: a comunicação.

À minha esposa Fernanda e meu filho Felipe, por sua compreensão nos momentos de minha ausência e pelo amor e apoio incondicional durante a realização deste trabalho. Amo vocês!

Aos meus pais Airton e Vilma, pelo amor e apoio sempre presentes e demonstrados em todos os momentos de minha vida.

Aos meus sogros José Carlos e Angela e meu cunhado Daniel, pelo apoio constante e presença permanente em minha vida.

Aos familiares que participaram direta ou indiretamente, acompanhando-me no desenvolvimento deste trabalho. A torcida de vocês foi fundamental.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante o mestrado, apoiando-me, ouvindo-me e participando dos debates que auxiliaram a reflexão a respeito da pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Maximiliano Martín Vicente faço um agradecimento especial por me acolher no desafio do desenvolvimento deste trabalho, participando não somente como um orientador, mas sim como um amigo sempre presente, orientando e principalmente me corrigindo sempre que necessário.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/FAAC, pelo conhecimento compartilhado, pela sabedoria e por sempre estarem à disposição, indicando o melhor caminho.

À Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – UNESP, por possibilitar a continuidade dos meus estudos e me subsidiar com as bases fundamentais para o desenvolvimento e conclusão dessa pesquisa.

À Universidade Sagrado Coração – USC, por apoiar constantemente o desenvolvimento dos meus estudos e meu crescimento pessoal e profissional.

À Oficina Cultural “Gláuco Pinto de Moraes”, pela colaboração no desenvolvimento da pesquisa presente nesse trabalho. Um agradecimento especial aos funcionários: Paulo Rogério Pereira, Alissia Ruiz Fernandes, Juliana Natale Cezareto, Rogério Luiz de Souza e Sidney Barnabe pelo apoio na realização da pesquisa.

A todos que me acompanham no dia a dia e compartilham as alegrias, angústias e conquistas. Pra vocês, o meu “Valeu!”.

“[...] a cultura comum da sociedade em rede global é uma cultura de protocolos de comunicação, permitindo a comunicação entre culturas diferentes não tendo como base os valores compartilhados, mas a partilha do valor da comunicação”.

Manuel Castells (Communication Power, 2009)

RESUMO

Buscar a compreensão sobre o uso dos meios de comunicação é um processo que permite aprofundar a relação entre a própria comunicação e a sociedade, possibilitando entender a cultura não somente como resultado, mas também como mediadora das ações dos indivíduos dentro de suas ações midiáticas, principalmente ao se considerar a Sociedade da Informação como o espaço de troca de mensagens e veículo da informação. Por isso, o objetivo deste estudo é compreender como se dá o processo de utilização da internet nos espaços de acesso livre a partir das perspectivas dos estudos culturais latino-americanos. Dessa forma, desenvolveu-se o escopo teórico do trabalho, tendo por base a conceituação da cultura e o surgimento dos estudos culturais, bem como sua vertente latino-americana, na qual reside o foco da análise do trabalho. Posteriormente, desenvolveu-se um estudo sobre a sociedade da informação com destaque para a internet como formatação de um espaço midiático, até se chegar ao processo de inclusão digital proporcionada por algumas ações existentes na sociedade atual. Como enfoque prático, desenvolveu-se uma pesquisa por meio de entrevista semi-aberta com questões semi-estruturadas aplicadas aos usuários do *infocentro* do *Programa ACESSA São Paulo*, localizado na Oficina Cultural Gláuco Pinto de Moraes – Bauru/SP, com a finalidade de compreender o uso da internet em um espaço de acesso livre e como essa utilização faz referência aos preceitos dos estudos culturais latino-americanos abordados anteriormente. Os resultados alcançados mostram uma significativa presença do processo de formação e afirmação cultural durante o uso das ferramentas disponíveis na internet, bem como a importância desses espaços de acesso livre como forma de democratizar e garantir o acesso à informação, assim como sua construção cultural.

Palavras-chave: Estudos culturais latino-americanos. Cultura. Sociedade da Informação. Internet. Inclusão digital.

ABSTRACT

Seeking the comprehension on the use of the means of communication is a process which allows to deepen the relationship between the communication itself and society, allowing to understand culture not only as a result, but also as a mediator of the actions of the individuals within their mediatic actions, specially as a mediatic space when considering the Information Society as the space to exchange messages and as information vehicle. Therefore, this study aims at understanding how people use the Internet in free access public spaces under the perspectives of Latin American cultural studies. Thus, the theoretical scope was developed based on the conceptualization of culture and the emergence of cultural studies as well as their Latin American axis, which is the focus of analysis in this investigation. Later, a study was developed on the Information Society focusing on the Internet and the process of digital inclusion provided by some actions developed in current society. The practical approach consisted of a research with a semi-open interview containing semi-structured questions targeted at the *infocenter* users of a Brazilian programme called *Acessa São Paulo*. This programme is located at the cultural workshop Gláuco Pinto de Moraes - Bauru/SP and its purpose is to comprehend the use of the Internet in a free access public space and how such use refers to the precepts of the Latin American cultural studies previously approached. The results show a significant presence of the culture formation and affirmation process during the use of available tools on the Internet and the importance of these free access public spaces as a way of democratizing and ensuring the information access as well as its ongoing cultural construction.

Key-words: Latin American cultural studies. Culture. Information Society. Internet. Digital inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sítio oficial do Programa ACESSA São Paulo	95
Figura 2 – Página dos Cadernos Eletrônicos do Programa ACESSA São Paulo	98
Figura 3 – Página dos Minicursos do Programa ACESSA São Paulo	99
Figura 4 – O que fez na internet.	102
Figura 5 – O uso da internet.	103
Figura 6 – Como utiliza a internet.	105
Figura 7 – O uso constante da internet.	106
Figura 8 – Locais de acesso.	107
Figura 9 – Locais de acesso à internet.	108
Figura 10 – A influência do local no acesso.	110
Figura 11 – Relação entre o uso e o local de acesso.	111
Figura 12 – O que acha do espaço de acesso livre.	112
Figura 13 – Percepção a respeito do local de acesso.	113
Figura 14 – Restrição a conteúdo nesse espaço.	115
Figura 15 – Restrição a conteúdos durante o acesso.	116
Figura 16 – Acessa blogs e redes sociais.	117
Figura 17 – Acesso a blogs e redes sociais.	118
Figura 18 – Tem blogs e perfis em redes sociais.	119
Figura 19 – Possui blogs ou perfil em redes sociais.	120
Figura 20 – Conteúdo que publica.	122
Figura 21 – Características do conteúdo publicado.	123
Figura 22 – Frequência de acesso.	124
Figura 23 – Frequência de uso da internet.	125
Figura 24 – Relação com hábitos <i>off-line</i>	127
Figura 25 – Hábitos fora da internet.	128
Figura 26 – Outras informações a respeito da internet.	129
Figura 27 – Outras percepções sobre a internet.	130

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS	16
2.1 EM BUSCA DE UM PENSAMENTO CULTURAL	17
2.2 CONTEXTUALIZANDO OS ESTUDOS CULTURAIS	20
2.3 MAIS QUE UM CAMINHO, UM PENSAMENTO LATINO-AMERICANO.....	39
3. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	57
3.1 CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	58
3.2 A INTERNET COMO ESPAÇO MIDIÁTICO	72
3.3 A INCLUSÃO DIGITAL.....	87
4. OS ESPAÇOS DE ACESSO LIVRE À INTERNET NA CIDADE BAURU E SUA UTILIZAÇÃO	91
4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	91
4.2 OS ESPAÇOS DE ACESSO LIVRE À INTERNET NA CIDADE DE BAURU ..	93
4.2.1 Programa Acessa São Paulo	95
4.3 PESQUISA COM USUÁRIOS DO ACESSA SÃO PAULO DA OFICINA CULTURAL GLÁUCO PINTO DE MORAES – BAURU/SP.....	100
4.4 ANÁLISE GERAL DA PESQUISA	131
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	138

1. INTRODUÇÃO

A comunicação não apenas faz parte da história da humanidade, mas é possível compreender que é ela quem conta sua história, como afirmam McLuhan (1972), Briggs e Burke (2004). McLuhan (1972) identifica a sociedade de acordo com o desenvolvimento da comunicação, culminando com o conceito de “Aldeia Global” para uma reorganização social determinada pelos meios de comunicação de grande abrangência. Ele propõe a classificação do mundo em três estágios: o primeiro deles, “O mundo tribalizado”, é organizado por intermédio da comunicação oral como plataforma de reprodução do discurso e das narrativas da sociedade. O autor afirma que nessa etapa a sociedade se organiza em pequenos grupos capazes de desenvolver a comunicação entre seus membros e dessa forma desenvolver um convívio aceitável entre seus participantes. A comunicação oral é a única forma de transmissão do conhecimento.

Em um segundo momento, nomeia como “O mundo destribalizado”. Com o surgimento da tecnologia desenvolvida por Guttenberg, a sociedade pode gravar suas narrativas e principalmente seu conhecimento acumulado e ampliar o alcance do mesmo, possibilitando a leitura individual e a análise crítica do conteúdo. Com isso, surge a reflexão em uma escala mais profunda a respeito do conhecimento adquirido pela sociedade. Não por coincidência, o autor afirma que movimentos sociais e intelectuais culminaram posteriormente com grandes repercussões como aconteceu, por exemplo, com a Revolução Francesa.

Posteriormente, em um terceiro momento, tem-se “O mundo retribalizado” que organiza a sociedade por meio da unificação do pensamento em consequência da proliferação dos meios eletrônicos. McLuhan (1972) afirma que a voz e a imagem dão a volta ao mundo instantaneamente e, assim, todos os seres humanos convivem numa grande “Aldeia Global”. É possível notar a importância que o autor deposita na relação entre a sociedade e os meios de comunicação, inclusive dando um grande destaque para a organização da própria sociedade, por sua relação direta com os meios de comunicação disponíveis.

A partir do texto de Briggs e Burke (2004), pode-se identificar uma atualização do pensamento de McLuhan (1972), pois os autores desenvolvem a relação entre comunicação e o homem a partir da imprensa de Guttenberg, determinando nesse ponto o surgimento do que se conhece hoje como *veículos de comunicação*. Vale destacar que a relação entre sociedade e meio de comunicação trabalhada pelos autores mostra um

desenvolvimento peculiar, já que a cada inovação proposta pelos veículos de comunicação, desenvolvem-se novos fatos e também novos processos sociais. Quando os autores relatam o surgimento do livro impresso, dos jornais, do rádio, da televisão e até mesmo da internet, demonstram como a sociedade absorveu esses novos formatos e os inseriu em seu cotidiano, pautando o seu dia a dia de acordo com a relação mídia e sociedade.

Em ambos os casos, os autores demonstram uma nítida e significativa proximidade entre a sociedade e os processos comunicacionais, possibilitando compreender o desenvolvimento de um ligado diretamente com o outro, tanto a mídia em relação à sociedade, como também a sociedade em referência à mídia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, que teve início com as reflexões acima mencionadas, propõe-se um aprofundamento a partir do pensamento desenvolvido pelos pesquisadores dos *Estudos Culturais*, mais especificamente a sua vertente *Latino-americana*. Com isso, na construção do corpo teórico do trabalho, pretende-se ter como base os estudos e teorias desenvolvidos por pensadores dessa corrente teórica, buscando relacionar o objeto de análise com a perspectiva proposta pelas pesquisas e estudos dessa área.

Fazem parte do corpo teórico autores que retratam de alguma forma os pensamentos discutidos por esses pesquisadores, ressaltando sua contribuição na configuração da corrente latino-americana dos estudos culturais. É possível destacar entre eles, Ana Carolina Escosteguy, em sua obra lançada em 2001, atualizada para uma versão digital em 2010, intitulada: *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*.

Nesse texto, a autora faz um panorama extremamente interessante do pensamento dos Estudos Culturais, permitindo compreender o posicionamento dos estudiosos dessa corrente e relacioná-los de acordo com suas contribuições para a construção do pensamento culturalista. Fica evidente que os estudos culturais compreendem uma longa trajetória na qual, diversas abordagens podem ser identificadas, fato esse que se pretende discutir nas páginas seguintes.

A proposta do trabalho procura, partindo das ideias levantadas anteriormente, incitar uma discussão que permita levar à luz a relação entre indivíduo e veículo de comunicação, tendo como ponto central a relação comunicação e cultura inserida nesse processo.

Como objeto de estudo propõe-se uma análise sobre a utilização da internet nos espaços de acesso livre. É possível identificar os planos destinados ao desenvolvimento de políticas e projetos sociais de inclusão digital envolvendo ações realizadas por entidades de diversas origens: primeiro setor, ou seja, o governo e as instituições públicas, além do segundo setor, composto por empresas privadas e também o terceiro setor, formado por instituições sem fins lucrativos, proporcionando à população polos de acesso a esse veículo de comunicação intitulado internet.

É fato também que dentro desse veículo de comunicação são múltiplas as ferramentas e principalmente as funcionalidades aplicadas ao mesmo, indo desde uma busca por informação em sites de notícias, até o desenvolvimento de relacionamentos virtuais entre pessoas que nunca tiveram um contato fora desse espaço. Dessa forma, tem-se uma pluralidade significativa em relação à utilização da internet. Quando o tema é o uso da internet realizado em espaços de acesso livre, busca-se aprofundar a compreensão sobre como esses espaços são utilizados, quais as ferramentas ou as funcionalidades mais acessadas pelos seus usuários.

Ainda dentro do corpus do objeto de pesquisa, definiu-se que a perspectiva de análise serão os estudos culturais latino-americanos, buscando aprimorar o conhecimento do uso da internet sob essa óptica.

Diante da contextualização proposta, apresenta-se como problema o seguinte questionamento: de qual maneira ocorre a utilização da internet dentro dos espaços de acesso livre da cidade de Bauru sob a perspectiva dos Estudos Culturais Latino-americanos?

A partir das análises colocadas anteriormente, definiu-se como objetivo principal do trabalho: compreender como se dá o processo de utilização da internet nos espaços de acesso livre a partir das perspectivas dos estudos culturais latino-americanos.

Sendo possível ampliar a discussão e a análise do trabalho a partir dos seguintes objetivos específicos:

- desenvolver uma contextualização sobre os estudos culturais latino-americanos e sua relação com o objeto de pesquisa;
- identificar as práticas dos usuários da internet em um dos espaços de acesso livre da cidade de Bauru;

Como hipótese para a realização do trabalho, desenvolveu-se a proposta de que a utilização da internet nos espaços de acesso livre está muito relacionada ao contexto cultural dos usuários, sendo que as escolhas em relação ao que fazer, ou mesmo qual

conteúdo acessar é pautada prioritariamente pelo espaço cultural no qual esse indivíduo está inserido, buscando reforçar os processos que lhe agradam, reduzir os que não lhe causam uma boa impressão e ampliar aqueles que se apresentam como possíveis novidades no seu contexto cultural.

Portanto, pôde-se propor uma relação de ambivalência entre mídia e cultura, na qual a explicação dessa relação encontra-se intimamente interligada e que a partir das propostas dos autores supracitados pretende-se elucidar tal questão.

A realização desta pesquisa faz-se importante, pois possibilitará em pleno século XXI, no momento em que se fala muito da acessibilidade da população à informação, conhecer quais são os espaços de livre acesso disponíveis para o uso da internet. Tal pretensão tem como delimitação a cidade de Bauru, no interior do Estado de São Paulo.

Será possível também conhecer quem utiliza tais espaços, definindo o perfil do usuário e principalmente qual a sua representação e a importância de todo esse processo no aspecto cultural desses indivíduos, permitindo compreender se a referida acessibilidade contribui de forma efetiva para a formação cultural dos indivíduos em questão.

Para tanto, o trabalho foi organizado da seguinte maneira: no item 2 traçou-se a perspectiva dos Estudos Culturais, tendo como base o viés latino-americano dessa corrente, tendo como base a obra de Escosteguy (2010) que permite contextualizar o pensamento culturalista dos autores e pesquisadores. Outras obras e autores complementarão as abordagens e interpretações oferecidas por Escosteguy, pois é pertinente lembrar que os estudos relacionados com a temática crescem de forma significativa como será observado nas páginas seguintes.

No item 3, a abordagem centrou-se na discussão a respeito da Sociedade da Informação e seus desdobramentos dentro do ambiente em que está inserida. Nessa etapa, o foco é o embate das características que constituem o que se compreende por sociedade da informação, suas relações com os aspectos tecnológicos, sua participação e influência no cotidiano.

Posteriormente, no item 4, propôs-se o levantamento por meio da busca de projetos desenvolvidos por empresas, associações e Estado, que possibilitem quantificar quantos são os espaços públicos disponibilizados para a população de Bauru.

Na sequência, aplicou-se uma pesquisa, por meio de entrevista semi-estruturada, com alguns indivíduos usuários da internet nos espaços de acesso livre. Com foco exploratório, tais entrevistas buscaram elucidar a relação existente entre a utilização da

internet nesses espaços e os aspectos culturais dos usuários, permitindo traçar uma relação mais forte entre comunicação e cultura por meio da utilização da internet como veículo de comunicação.

Por fim, no item 5 construiu-se as considerações finais, relacionando o uso da internet com o espaço cultural desses usuários e como os espaços de acesso livre são facilitadores para semelhantes processos.

O caminho metodológico proposto para o desenvolvimento do trabalho é composto por algumas etapas. Primeiramente é descrito o desenvolvimento teórico do trabalho e posteriormente, no item 4, quando se dá a pesquisa de campo, a metodologia referente a essa etapa é explanada com grau maior de detalhamento.

O estudo teve início com o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica a respeito dos aspectos teóricos relevantes ao seu desenvolvimento. Por pesquisa bibliográfica, entende-se, a partir das colocações de Marconi e Lakatos (2001), tratar-se de uma documentação indireta por se utilizar de dados e informações coletados e organizados por outras pessoas e previamente publicados em materiais disponíveis para acesso e consulta. Por isso são consideradas fontes secundárias de informação.

Esse levantamento deve compreender os materiais já publicados em diversos formatos: livros, revistas, publicações avulsas, materiais da imprensa e atualmente há uma quantidade relevante de materiais em meios eletrônicos e digitais. A finalidade principal da pesquisa bibliográfica é permitir o acesso do pesquisador ao que sobre o tema e o assunto de pesquisa já existe e assim aprimorar suas análises e organizar as informações de acordo com o que pressupõe os materiais já divulgados (MARCONI; LAKATOS, 2001).

Além disso, a pesquisa bibliográfica é um momento de elucidação de conceitos e teorias, como também uma possibilidade de concretizar novas ligações entre o que foi estudado, permitindo explorar e aplicar os conceitos em temas, assuntos ou áreas ainda não estudadas (MARCONI; LAKATOS, 2001).

Reforçando esse conceito, Stumpf (2010) indica que a pesquisa bibliográfica trata do planejamento efetuado a respeito do desenvolvimento de todo o trabalho a fim de identificar, localizar e obter as informações relevantes para o desenvolvimento de um trabalho científico. Ela pode ser a única técnica presente, como também ser a etapa inicial de uma pesquisa, caso esse, que se aplica ao presente estudo. Assim, tal levantamento ganha ênfase pelo seu aspecto inicial e essencial na construção teórica de uma pesquisa.

Severino (2002) completa esse pensamento ao colocar a pesquisa bibliográfica, que ele intitula de documentação bibliográfica, como um processo de enriquecimento teórico do estudante, ou pesquisador, na medida em que tem contato com os livros, artigos e demais textos publicados nas áreas de interesse. Semelhante processo deve ser realizado constantemente e de forma organizada para permitir um aprofundamento e uma continuidade no desenvolvimento das atividades de estudo.

Por isso, que em um primeiro momento foi desenvolvido um levantamento bibliográfico-teórico com ênfase nos pensadores e pesquisadores da escola dos Estudos Culturais, em especial no seu desenvolvimento por meio dos pesquisadores e estudiosos latino-americanos. Assim, além de qualificar o estudo, contemplar também a Sociedade da Informação, buscando relacionar suas teorias e compreender os aspectos que permeiam a internet, desde sua criação, desenvolvimento e constituição como um *veículo de informação*, permitindo, assim, constituir um corpo teórico significativo.

Para essa etapa foram utilizados livros, artigos científicos publicados em periódicos especializados e em anais de congressos da área, bem como materiais eletrônicos pertinentes. A partir de então, propôs-se o levantamento por meio da busca de projetos desenvolvidos por empresas, associações e Estado, que possibilitem identificar quais são os espaços de livre acesso para a utilização da internet disponibilizados para a população de Bauru.

Na etapa seguinte, aplicou-se uma pesquisa, por meio de entrevista semi-estruturada, com alguns indivíduos usuários desses espaços de acesso à internet. Com foco exploratório, as entrevistas buscaram elucidar a relação existente entre a utilização da internet nos espaços de livre acesso e os aspectos culturais dos usuários, permitindo traçar uma relação entre comunicação e cultura por meio da utilização da internet como veículo de comunicação. Entretanto, como foi colocado anteriormente, esse dois últimos processos serão detalhados no capítulo 4, no qual se encontra o desenvolvimento.

Sendo assim, compreende-se que as informações teóricas e práticas necessárias para a elaboração e compreensão do objeto de pesquisa foram coletadas e analisadas a fim de possibilitar o cumprimento dos objetivos propostos inicialmente.

2. A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Ao compreender a relação entre sociedade e comunicação como um processo complementar, a comunicação pode, além de relatar o trajeto histórico percorrido, exercer um papel ativo entre os indivíduos através de diferentes meios de comunicação, como observam Briggs e Burke (2004). Os autores demonstram a influência que cada nível de desenvolvimento dos meios de comunicação provocou na sociedade. Destacam como ponto nevrálgico, na relação comunicação – desenvolvimento social, a imprensa de Guttenberg. Para eles, seria a invenção de Guttenberg a alavanca inicial determinadora dos meios de comunicação tal como os conhecemos atualmente.

Os autores ainda mostram que à medida que novos suportes comunicacionais foram desenvolvidos (Jornal, Revista, Rádio, Televisão e Internet), a sociedade assimilou essas tecnologias dentro de sua rotina e passou a integrar e pautar os processos cotidianos. Dessa forma, a importância que cada inovação representou em seu devido tempo evidencia a necessidade de compreender o que os meios de comunicação produzem dentro da sociedade e qual sua importância dentro dos processos sociais (BRIGGS; BURKE, 2004).

É preciso aprofundar a compreensão dos efeitos da relação comunicação e sociedade. Para isso, faz-se necessário analisar o impacto dessa integração em um dos aspectos mais relevantes de qualquer sociedade: a cultura. Assim, ao determinar uma análise de utilização de um meio de comunicação a partir de seus usuários é fundamental ter como perspectiva o pensamento comunicacional desenvolvido pelos estudos culturais.

Ao escolher a internet como meio de comunicação para a realização da análise é preciso justificar a seleção pelos estudos culturais. Por se tratar de um veículo de comunicação que proporciona uma significativa mudança nos processos comunicacionais, possibilitando uma participação efetiva do usuário, o mesmo pode ser mais do que mero receptor, permitindo que se torne emissor em tais processos.

Com isso, a comunicação ganha novas configurações e principalmente novas interações, a partir das quais o emissor pode ser qualquer indivíduo que detenha conhecimento tecnológico para manipular os equipamentos necessários. Assim, ao determinar a atenção dos estudos ao processo desenvolvido pelo usuário, busca-se compreender de que forma o sujeito da comunicação está integrando seus processos culturais aos comunicacionais.

Como será visto nos tópicos a seguir, pretende-se, neste capítulo, desenvolver uma breve definição a respeito do conceito de cultura, contextualizar os estudos culturais, explorando seu processo histórico e cultural, sem abrigar a necessidade de um compromisso com a ordem cronológica dos fatos, entendendo a construção do diálogo teórico a partir de textos originais e também de suas interpretações que buscam ampliar a legitimação do campo.

Além disso, o capítulo aspira compreender uma perspectiva latino-americana dos estudos culturais não apenas como uma vertente de estudo, mas como um delineamento e principalmente um reconhecimento dos trabalhos e análises desenvolvidas, configurando-se como uma das mais promissoras e fundamentadas escolas dos Estudos Culturais existentes na atualidade, formatando assim, o que se compreende como os *Estudos Culturais Latino-Americanos*.

2.1 EM BUSCA DE UM PENSAMENTO CULTURAL

Em busca de elucidar e aprofundar-se nos Estudos Culturais, é preciso primeiramente trazer o conceito de cultura a partir da visão de alguns autores, para que seja possível discuti-la como corpo teórico do trabalho. Nessa análise inicial sobre a própria cultura, é fato que somente o exercício para destacar o conceito central ou mesmo amplamente aceito já seria um esforço digno de um trabalho exclusivo para essa discussão. Por isso, para esta etapa do trabalho, pretende-se trazer alguns conceitos que permitam delinear o pensamento acerca da cultura e posteriormente desenvolver uma síntese dos mesmos.

O antropólogo Geertz (2001) demonstra o quanto esse exercício pode ser exaustivo ao relatar um trabalho desenvolvido por ele com a finalidade de delimitar a conceituação de cultura a partir de cento e setenta e uma definições cabíveis para o termo, em que as leituras poderiam ser as mais plurais possíveis, levando em consideração diferentes perspectivas com a mesma temática.

Por isso, o próprio Geertz (2001, p. 26) se baseia em outro estudo realizado por ele e sua equipe para identificar os pressupostos da cultura e principalmente do estudo da cultura. O autor coloca que “o estudo das culturas de outros povos implica descrever quem eles pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que estão fazendo [...]”. Para isso, o autor ainda complementa que [...] é

necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significados em meio aos quais elas levam suas vidas [...]”.

Esse pensamento reflete a importância da inserção do estudo dentro do contexto e também do cotidiano do universo pesquisado, pois dessa forma será possível identificar e descrever o significado presente nas ações, atitudes e também na forma de pensar de cada povo, compreendendo assim sua formação, valores, hábitos e crenças, ou seja, sua cultura.

Voltando um pouco no tempo, é possível identificar uma conceituação interessante a respeito do termo cultura que ainda hoje é compreendida como atual e aplicável. Trata-se da definição de Tylor (1871 apud LARAIA, 2008, p. 25) “[...] é todo este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Esse conceito já apresenta outra visão a respeito da cultura, pois é possível identificar pontuações específicas e mais urgentes a respeito da formação cultural do homem, bem como essa própria característica compreendida como processo, ao levantar os hábitos adquiridos como uma forma de manifestação cultural, isso porque esses valores e costumes possibilitam a identificação dos indivíduos como membros de um grupo social.

Assim, a cultura tem sua aplicação ampliada, pois ela não é somente um processo, mas também um indicador de inserção dos seus membros de acordo com suas características e atividades.

Caminhando em direção ao pensamento dos Estudos Culturais, faz-se digno compreender a conceituação de cultura proposta por Williams (1969, p. 18), em que realiza um detalhamento breve, porém interessante, a respeito das facetas que o termo *cultura* já abarcou. O autor demonstra que a cultura já foi compreendida como “[...] um estado geral ou disposição do espírito [...]” passando para “[...] estado geral de desenvolvimento intelectual no conjunto da sociedade [...]” encaminhando-se para “[...] corpo geral das artes [...]” até chegar a “[...] todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual [...]”. Vale ressaltar que essas citações trazidas na íntegra do texto original servem como base para identificar o caráter mutante não da cultura propriamente dita, mas sim da forma como ela foi estudada e compreendida.

É nítida a aproximação desse processo com a definição proposta por Tylor (1903), pois é possível identificar ligações conceituais diretas, principalmente no

tocante aos pontos de referências de compreensão da própria cultura como relação entre o Homem e seu espaço social.

Já em comparação com as colocações de Geertz (2001), é possível identificar outro momento teórico, trazendo uma imersão a respeito não apenas da identificação e entendimento da cultura, mas sim de um processo que permita compreendê-la em sua magnitude, para que assim seja possível estudá-la.

Processo esse que o próprio Williams (1969) já identificava ao relacionar o caráter evolutivo da palavra e do conceito de cultura como um índice da quantidade de processos e reações que a sociedade está sujeita e que possibilita compreender melhor a realidade em que esses fatores se materializam e são possíveis de serem estudados.

Aproximando-se da proposta Latino-americana, Canclini (1983) apresenta um posicionamento diferente para conceituar a cultura, pois inicia seu pensamento a partir do choque cultural existente na análise e comparação dos aspectos culturais entre dois povos ou nações. O autor indica que o período de expansão do Ocidente ocasionou um processo comparativo entre as características dos povos e até mesmo a gestão dos fatores sociais de cada sociedade. Isso permitiu entender a cultura do *outro* não como um processo inferiorizado, mas como uma realidade complementar repleta de significados tão ricos como qualquer outra cultura.

Com esse pensamento, Canclini (1983, p. 19) define cultura como “[...] o que não é obra da natureza, tudo aquilo que foi produzido por algum ser humano, não importando o seu grau de complexidade e desenvolvimento”. E continua:

Foram consideradas como parte integrante da cultura todas as atividades humanas, materiais e ideais, inclusive aquelas práticas ou crenças anteriormente qualificadas como manifestações de ignorância (superstições e sacrifícios humanos), as normas sociais e as técnicas simples daqueles que vivem nus na selva, por mais rudimentares que sejam, são dotadas de estrutura, possuem no seu interior coerência e sentido.

Com isso, aprofunda a ideia sobre cultura e permite compreender de forma detalhada sua composição, estrutura e o mais importante, sua significação, colocando no mesmo patamar todas as ações humanas em ordem de um processo de significação para o contexto social onde estão inseridas.

Cuche (2002, p.9) apresenta a noção de cultura sob o viés das ciências sociais e afirma que “O homem é essencialmente um ser de cultura”. Criando assim um vínculo entre homem e cultura impossível de ser dissociado. O autor ainda aprofunda a importância da cultura como processo ao fazer a seguinte colocação:

A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. As diferenças que poderiam parecer mais ligadas a propriedades biológicas particulares como, por exemplo, a diferença de sexo, não podem ser jamais observadas “em estado bruto” (natural) pois, por assim dizer, a cultura se apropria delas “imediatamente”: a divisão sexual dos papéis e das tarefas nas sociedades resulta fundamentalmente da cultura e por isso varia de uma sociedade para outra (CUCHE, 2002, p. 10-11).

Essa colocação demonstra claramente a cultura como processo construído capaz de explicar as ações do homem diante de seu contexto social. Até mesmo seus atos e atitudes são passíveis de interpretação e significação pela cultura em que se insere, sendo reafirmada pelo próprio Cuche (2002) a ausência do processo puramente natural na existência humana.

Com essas colocações, crê-se que seja possível identificar os pilares conceituais a respeito da cultura em sua conceituação e principalmente em sua aplicação na sociedade. Não é objetivo do presente tópico realizar uma discussão exaustiva a respeito do conceito de cultura, mas sim fixar as bases para compreensão da mesma como foco de estudo e desenvolvimento teórico para o trabalho.

Assim, é possível entender a própria cultura como a formação das ações humanas significadas de acordo com o contexto em que acontecem. Destacando principalmente sua construção enquanto processo social, tornando indissociável homem e cultura.

Além disso, como processo, torna-se então foco de estudo e comparação entre as mais diferentes realidades que se apresentam, permitindo o detalhamento sistemático e a compreensão analítica do processo de causa e consequência das ações humanas existente no cotidiano como um contexto cultural de cada sociedade.

Dessa forma, faz-se importante compreender os Estudos Culturais como um campo de pensamento estruturado e capaz de foco dos estudos científicos, ênfase essa que será abordada no próximo tópico.

2.2 CONTEXTUALIZANDO OS ESTUDOS CULTURAIS

Para compreender os Estudos Culturais como um campo de estudo, é preciso realizar uma breve contextualização a partir de suas ações formadoras, histórico resumido, além de passar também pelos principais temas abordados.

O desenvolvimento dos Estudos Culturais tem influência distante, desde os estudos de crítica literária desenvolvidos por Frank Raymond Leavis intitulado de *Mass*

*Civilization e Minority Culture*¹ publicado em 1930. Nesse estudo, o autor analisa o capitalismo industrial e suas expressões culturais, tendo como foco principalmente o cinema (MATTELART; MATTELART, 2002).

Ao final da década de 50, de acordo com Escosteguy (2010), três textos são considerados o início dos estudos: *The Uses of Literacy*² desenvolvido por Richard Hoggart em 1957, *Culture and Society*³ de Raymond Williams, publicado em 1958 e *The Making of the English Working-class*⁴ realizado por E. P. Thompson e publicado em 1963. Esses três textos iniciam, mais que um campo de pensamento e pesquisa, uma nova forma de “olhar” para a cultura, compreendendo seus processos de forma diferenciada e tratando os processos culturais como objeto de análise dentro de seus estudos. Os estudos culturais surgem como um campo de pesquisa de forma organizada na Inglaterra através do *Centre for Contemporary Cultural Studies*⁵, conhecido também como CCCS.

Na interpretação de Mattelart e Mattelart (2002), a fundação do CCCS acontece somente em 1964 dentro da Universidade Birmingham e é resultado da publicação dos textos citados anteriormente. São considerados como as premissas do pensamento do Centro e de acordo com a definição de Richard Hoggart, primeiro diretor dessa Instituição britânica, “formas, práticas e instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação social” (MATTELART; MATTELART, 2002, p. 105).

A partir de Williams (1980) pode-se compreender a relação proposta e desenvolvida dentro dos estudos culturais. O autor, um dos fundadores dos Estudos Culturais, propõe que o desenvolvimento do processo cultural de uma sociedade nada mais é do que uma tomada de consciência a partir de seus integrantes. Ou seja, para que se forme a cultura é preciso que os homens sensibilizem-se quanto aos conflitos existentes dentro de uma sociedade e consigam, a partir deles, alcançar um equilíbrio.

Continuando com a interpretação de Mattelart e Neveu (1997), estes destacam o pioneirismo do CCCS ao configurar-se inicialmente como um espaço de animação científica que permitiu uma discussão a partir das teorias já consagradas no âmbito acadêmico, como por exemplo as teorias Marxistas, Escola de Frankfurt e até mesmo a Escola de Chicago, permitindo assim compreendê-las sob a perspectiva cultural dentro

¹ Tradução: Civilização em Massa e Cultura Minoritária – *Tradução livre*

² Tradução: Os usos da alfabetização – *Tradução livre*

³ Tradução: Cultura e Sociedade – *Tradução livre*

⁴ Tradução: Os bastidores da classe trabalhadora inglesa – *Tradução livre*

⁵ Tradução: Centro de Estudos Culturais Contemporâneos – *Tradução livre*

do cenário da Grã-Bretanha. Em um segundo momento, o CCCS contribuiu como um terreno fértil de pesquisa e compreensão da cultura e de suas relações com os meios de comunicação, principalmente em temas relacionados com identidade sexual e etnia, mostrando assim sua importância como centro de estudos e principalmente como parte fundamental para a existência dos Estudos Culturais.

Hall (1996, p. 32), apesar de posterior, mas considerado também fundador dos Estudos Culturais e, portanto, original da linha de pensamento, faz as seguintes colocações a respeito desses textos: “Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões”. Percebe-se que há nas observações de Hall a legitimação da urgência social do pensamento proposto na época e sua justificativa na busca de uma formatação enquanto linha de pesquisa científica.

Já na interpretação de Hohlfeldt, Martino e França (2001) é possível reafirmar o eixo teórico central definido nesse primeiro momento para o CCCS. Richard Hoggart define as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, analisando suas formas culturais, suas instituições e práticas, além de compreender suas relações e as mudanças sociais presentes dentro de cada processo cultural. Já Hall (1994) sintetiza cultura a partir das discussões de Hoggart, como também de outros autores contemporâneos, entre eles Williams, oferecendo uma relação simples e ao mesmo tempo complexa ao trazer a conceituação de *cultura* como *um modo de vida*.

O próprio Hoggart (1970 apud DALMONTE, 1999) coloca que é possível entender que a maioria das pessoas não é mera consumidora dos meios de comunicação de massa. Ela permanece coerente à suas crenças e valores, constituindo suas tradições e costumes.

O autor ainda ressalta que o choque cultural presente nas relações sociais e também nos meios de comunicação geram uma capacidade muito peculiar de não somente manter as tradições culturais, como ainda a possibilidade fantástica de criar novas manifestações tendo como base o próprio embate entre diferentes culturas (HOGGART, 1970 apud DALMONTE, 1999).

Assim é perceptível que, para o autor, a conceituação de cultura é resultado, pelo menos em parte, da capacidade de resiliência cultural da sociedade em gerenciar as diferenças que se apresentam em sua própria estrutura e principalmente nas relações com outras culturas.

A cultura detém uma série de significados e responsabilidades, pois é necessário que ela desenvolva e equacione as relações sociais, econômicas e políticas a fim de alcançar um intercâmbio entre esses fatores que possibilite compreender como os indivíduos de determinada região e com determinados aspectos relacionam-se e desenvolvem seus estilos de vida, que de acordo com a colocação de Hall (1994) é o que pode ser compreendido como cultura.

Com isso, insere aspectos que permitem compreender a cultura como um processo social construído por meios das relações sensoriais e das atividades sociais que possibilitam a integração entre os indivíduos que dessa maneira tecem a história. E, por consequência, o que se entende como cultura também é resultado de tal processo. Entretanto, ressalta que o processo de construção da cultura não deve ser absorvido pelos fatores econômicos, mas é necessário sim haver um ponto de equilíbrio aceitável em relação ao nível de influência que a economia deve exercer sobre a própria cultura (HALL, 1994).

Já Matterlart e Neveu (1997) destacam que a cultura não pode ser abstraída das relações de poder, muito menos das mudanças sociais, demonstrando assim a necessidade de inseri-la numa dimensão profunda de análise e compreensão dos seus fenômenos e efeitos dentro da sociedade e principalmente no cotidiano dos indivíduos.

O surgimento dos estudos culturais como uma linha de pensamentos e estudos se dá ao longo da década de 50, quando esses autores passam a analisar questões da cultura dentro da sociedade inglesa, tendo em mente que se tratava de um período peculiar da Inglaterra. A Segunda Guerra Mundial havia acabado há poucos anos e a sociedade estava fragmentada. Assim, esses autores buscavam compreender a cultura a partir de seu papel e também de seu efeito no período pós-guerra (ESCOSTEGUY, 2010).

Com tais estudos, iniciou-se uma perspectiva muito significativa, a compreensão da cultura como objeto de estudo e análise. Williams e Thompson (apud Escosteguy, 2010, p. 28), por sua vez, definem cultura como “uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo está em primeiro plano”. Com isso, fica evidente a participação da cultura dentro dos estudos realizados pelos autores e como os mesmos definiram a forma de compreendê-la, bem como sua relação com os processos sociais e comunicacionais também.

Outra definição a respeito cultura e sua relação com a sociedade é apresentada por Williams em sua obra *The Long Revolution*,⁶ publicada em 1965, quando ele aplica uma definição antropológica para o conceito de cultura, ao colocar que ela é um processo global por meio do qual as significações são social e historicamente construídas. Uma contribuição importante de Williams nesse período é a ideia de um marxismo complexo que busca compreender a relação entre cultura e as práticas sociais. Nesse contexto, ele debate a contextualização da base sobre a superestrutura que impõe à cultura apenas uma determinação social e econômica, descredenciando alguns valores e preceitos a respeito da própria cultura e tendo-a como um simples reflexo dos processos sociais e econômicos da época (MATTELART; MATTELART, 2002).

Essas colocações de Williams jogam luz à face do pensamento que se buscava implantar no CCCS, primeiramente ao contextualizar a cultura dentro de um espectro antropológico e ampliando sua abrangência, propondo um aspecto global a ser compreendido a partir de uma construção social e histórica.

Com isso, o caráter orgânico da cultura fica evidenciado. Ela é um processo em constante mutação, um embate de forças que se reafirmam pela proposição de um marxismo complexo, no qual se pode reconfigurar as forças interagentes dentro da sociedade, principalmente no tocante à constituição da cultura e suas relações com o contexto social e econômico que se apresenta.

Outra colocação importante é oferecida por Storey (1997, p. 46 apud HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 155):

O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo.

Com isso, consegue-se delinear o pensamento presente no princípio dos estudos culturais, compreendendo, então, o processo cultural como uma atividade social, reforçando seu papel ativo e não apenas receptivo. Desse modo, suas atividades e sua rotina diária assumem um significado muito mais profundo e mais abrangente, pois elas estão na realidade trazendo aquilo que, com a devida análise, torna-se possível chamar de cultura.

⁶ Tradução: A longa revolução – *Tradução livre*

De acordo com Mattelart e Mattelart (2002), E. P. Thompson em seu trabalho *The Making of the English Working-class*, publicado inicialmente em 1963 e revisado em 1968, mostra uma crítica ao trabalho de Williams ao acusá-lo de conduzir a cultura sempre em um aspecto mais singular e não plural como ele propõe. Thompson justifica isso ao mostrar que a história é feita de lutas, tensões e conflitos entre as culturas existentes e seus modos de vida aplicados ao cotidiano, que estão por sua vez em uma ligação íntima com suas culturas e sua formação social.

Dessa forma, é possível identificar a amplitude que Thompson deseja aplicar ao contexto de cultura, compreendendo-a não como um fator, um aspecto isolado, mas como um movimento, um conjunto de fatores que permitam compreender toda a movimentação social ocorrendo em um determinado período. A história recente tem mostrado que Thompson está com a razão. É possível identificar que os movimentos sociais são articulados e as tensões e conflitos que acontecem são reflexos da cultura e ideais presentes em cada estrato social.

Outro autor muito importante no desenvolvimento dos estudos culturais é Stuart Hall. Ele não pode ser considerado um membro fundador do campo de pensamento, mas contribuiu sobremaneira para sua definição ao substituir Hoggart como diretor do CCCS durante o período de 1968 a 1979. Nesse período, Hall orienta os estudos analisados dentro do Centro em busca de entender a subcultura e suas práticas de resistência, além de dar especial atenção aos meios de comunicação de massa e suas relações com a sociedade (ESCOSTEGUY, 2010).

De acordo com Escosteguy (2010), a emergência histórica dos estudos culturais se dá em um momento peculiar, quando duas características surgem com significativa importância. A primeira delas é o impacto do capitalismo na cultura e nas relações sócio-culturais e o segundo, é o colapso do império britânico. Com isso, fica evidente que no período pós-guerra houve um re-ordenamento dos sistemas sócio-econômicos, principalmente nos países que participaram efetivamente da Segunda Guerra Mundial. Essa reorganização econômica incita novas relações sócio-culturais dentro da sociedade.

As relações, naquele momento, estavam pautadas pelo capitalismo e o mesmo dava sinais de inserção dentro dos valores culturais da sociedade, estimulado, na maioria das vezes, pelos meios de comunicação de massa, provocando novas configurações da cultura e com isso reações diversas e controversas dentro da sociedade britânica. Além disso, o império britânico dava sinais de desgaste, identificando o

período de surgimento dos estudos culturais britânicos como um período de crise na identidade daquele país (ESCOSTEGUY, 2010).

É nítida a influência da Escola de Frankfurt no início do desenvolvimento dos trabalhos dos Estudos Culturais. Entretanto, foi necessário ampliar o espectro teórico e romper com a forma de enxergar a cultura de massa presente dentro dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores de Frankfurt. Dessa forma, há uma ruptura com o aspecto negativo da cultura de massa e uma aproximação com os pensadores do Marxismo que evidenciavam uma linha de pensamento que valorizava a cultura popular dentro da sociedade (BEVERLEY, 1996).

Pode-se afirmar que as pesquisas realizadas pelos teóricos de Frankfurt deram início às possibilidades dos Estudos Culturais Britânicos. Ao analisar os temas tratados em suas análises, destacam-se principalmente os efeitos dos meios de comunicação de massa na sociedade, em especial o cinema, a televisão e até mesmo a música popular. Além de produzir termos como manipulação, reificação, falsa consciência a respeito da relação entre os meios de comunicação e a sociedade. Entretanto, é necessário reduzir o olhar *negativista extremo* a respeito da cultura popular e possibilitar uma abertura do pensamento científico para novas formas de compreensão da própria cultura (BEVERLEY, 1996).

Isso é resultado de uma relação entre o Marxismo e os Estudos Culturais, na qual a princípio temos uma crítica forte ao reducionismo existente e também ao economicismo presente no Marxismo. Mas convém destacar que contribuiu com os Estudos Culturais quando permite compreender a cultura com alguma autonomia dentro dos processos sociais. Isso sem deixar de lado a influência que o processo político-econômico exerce dentro da sociedade, gerando conflitos e compondo a complexidade presente dentro de cada contexto social (HOHLFELDT, MARTINO, FRANÇA, 2001).

Entretanto, em Hoggart (1970 apud DALMONTE, 1999) é possível identificar os primeiros indícios de ruptura da herança da Escola Frankfurt sobre o desenvolvimento da linha de pensamento dos Estudos Culturais. De acordo com seu pensamento, os indivíduos não podem ser reduzidos ao estado de consumidores passivos dos meios de comunicação de massa (MCM).

Sendo assim, a óptica de dominante e dominado, comum ao pensamento *Frankfurtiano*, precisa urgentemente de uma reflexão a fim de permitir o avanço e consolidação de uma variável do pensamento crítico, os Estudos Culturais, que apesar de jovem mostrou um olhar diferenciado e inovador, ao gerenciar os valores tradicionais

presentes em seu ambiente, ao mesmo tempo em que protege suas crenças, valores e tradições (HOGGART, 1970 apud DALMONTE, 1999).

Ao compreender a participação dos consumidores não apenas como agentes passivos ou meros receptores da informação, mas como vetores interagentes no processo de construção das mensagens, surge a principal diferença entre as duas escolas do pensamento comunicacional.

Como conceito teórico, os Estudos Culturais, re-significaram a ideia de cultura, abrangendo em seus princípios as práticas e sentidos do cotidiano. Com isso, os estudos centrados nesse foco alteram não apenas a forma de “olhar” para a cultura, mas principalmente a compreensão da participação do indivíduo no processo cultural, entendendo este como um agente constituinte da própria cultura, participando de forma ativa e não de maneira passiva nos processos culturais trabalhados principalmente pelos meios de comunicação de massa (ESCOSTEGUY, 2010).

Jameson (1998, p. 28 – *Tradução livre*) define a compreensão de cultura como

Porém estas análises das subjetividades intercoletivas e das posições subjetivas nos leva virtualmente às fronteiras de um novo campo, que já não é nem da antropologia, nem da sociologia em seu sentido tradicional. Entretanto, efetivamente restabelece a cultura e seu significado mais profundo e oculto, ou seja, a cultura compreendida como o espaço dos movimentos simbólicos dos grupos, que estabelecem mutuamente uma relação agonística.⁷

Essa definição traz à tona a necessidade do processo de mediação entre os sujeitos produtores de processos e produtos culturais, em que o debate das relações sociais permite compreender o papel de grupo dentro da sociedade e por consequência na produção cultural da sociedade.

Essa definição suscita o conceito que o processo de mediação é na verdade a decisão limítrofe do que se pode compreender como campo de estudo, porém é arriscado afirmar que apenas a discussão seja capaz de determinar os limites do campo de estudos dos Estudos Culturais. Faz-se necessário aprofundar ainda mais a discussão em busca de uma determinação da abrangência e amplitude do campo.

De acordo com Mattelart e Mattelart (2002) são diversas as influências presentes dentro da matriz de conceitos dos Estudos Culturais. Uma delas é a interação com a

⁷ Do original: Pero este análisis de las subjetividades intercolectivas y las posiciones subjetivas nos lleva virtualmente a las fronteras de un nuevo campo, que ya no es ni antropología ni sociología en el sentido tradicional, pero que efectivamente restablece a la cultura su significado profundo oculto, o sea, la cultura entendida como el espacio de los movimientos simbólicos de los grupos, que establecen mutuamente una relación agonística (JAMESON, 1998, p. 28).

escola de Chicago em relação ao interacionismo social ao trabalhar em uma dimensão etnográfica e levando em consideração os valores e significados culturais dos grupos em relação à cultura dominante presente na sociedade.

Schwarz (1994, p. 380 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 31) relaciona de forma clara os princípios fundadores dos estudos culturais:

[...] a identificação explícita das culturas vividas como um objeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas do nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confinado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo anti, disciplinar [...]

Faz-se necessária uma discussão detalhada do trecho acima citado, que mostra princípios importantes da fundação teórica dos estudos culturais. O primeiro e mais relevante é a identificação da cultura como objeto de estudos. Trata-se de contemplá-la como centro dos estudos e a partir dela e sobre ela debruçar as análises subsequentes aos processos sociais e midiáticos. Isso é possível, pois o segundo argumento reconhece a autonomia e complexidade das formas simbólicas em eixo inicial. Com isso, destacam-se duas características importantes do objeto de estudo, sua autonomia e complexidade.

Em se tratando da autonomia da própria cultura é muito importante reconhecê-la, pois é justamente a autonomia que permitirá um papel ativo das culturais locais em seus próprios ambientes, possibilitando dessa maneira justificar que os atores sociais são capazes de interferir no processo hegemônico em que estão inseridos. A afirmação anterior evidencia um contraponto muito interessante em relação à teoria hipodérmica e revela justamente o caminho oposto, “as vozes vindo de baixo”.

Na obra de Hoggart (1970 apud DALMONTE, 1999) é possível identificar uma posição nítida a respeito desse delineamento temático dos estudos culturais. O autor discorre sobre a força implícita e percebida a respeito do volume de publicações creditadas à Indústria Cultural. Quantidade essa que transmite a sensação de ampla aceitação de suas mensagens. Entretanto, um aspecto deve ser analisado com cautela, pois as influências presentes em tais processos comunicacionais são rápidas e facilmente superadas por valores éticos, morais, crenças e tradições.

O texto discutido acima propõe uma diminuição na participação da fundação dos Estudos Culturais, principalmente para a época em que foi constituído. Hoje, levando

em consideração que o momento temporal de discussão desse texto é outra, aproximadamente quarenta anos de desenvolvimento e discussão do pensamento, é perceptível que o nível de influência dos produtos midiáticos elevou-se consideravelmente, assim como a penetração das mensagens publicitárias dentro do cotidiano social.

Por isso levanta-se a questão: é possível identificar o embate entre as mensagens da indústria cultural e a resistência da cultura dos povos? Sim, esse embate não somente é capaz de ser identificado, como também mensurado, permitindo uma melhor compreensão do contexto cultural, bem como suas atitudes e reações aos estímulos que recebe.

Mattelart e Mattelart (2002, p. 107), em sua interpretação, reafirmam essa interação ao conceituar a tradição etnográfica britânica a partir do que ele chama de “ateliês de história oral”, sendo a base para um fazer história social a partir dos “de baixo”.

A complexidade também se faz de extrema importância nesse cenário, pois ao assumir que a cultura pode estabelecer um processo autônomo em seu meio é preciso então compreendê-lo e dar início à significativa diversidade de combinações, ações e reações que se configuram dentro da autonomia das culturas, locais ou globais, torna possível identificar um nível elevado de complexidade a ser estudada, analisada e compreendida.

Com isso, um novo panorama se apresenta. Acredita-se na diversidade de formações culturais. Compreendem-se todas como importantes e dignas de estudos e nomenclatura próprias, recusando a visão das classes sociais mais altas e alinhando-as em um patamar mais equivalente em relação ao grau de importância e significado dentro da sociedade. De certa forma, rompem-se os paradigmas apresentados por outras linhas de pensamento e estudos da comunicação, principalmente a teoria crítica e o funcionalismo e é possível iniciar novos processos para compreender os fenômenos culturais com outra perspectiva, a dos estudos culturais, que devem ser entendidos de forma inter, multi, trans, ou mesmo anti disciplinar, reconhecendo que não cabe uma leitura em uma disciplina única.

Tal conceituação pode ser vista também em Escosteguy (2010), principalmente ao mostrar que as artes, a música, a literatura passam a ser “apenas” uma expressão da cultura, criando assim um grande espaço de constituição da vida social a partir de significados e práticas existentes na sociedade.

Outra citação importante é feita por Brundell *et al* (1993, p. 2 apud HOHLFELDT, MARTINO, FRANÇA, 2001, p. 158):

Os Estudos Culturais não dizem respeito apenas ao estudo da cultura. Nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam.

O trecho anterior destaca que o papel dos Estudos Culturais, enquanto linha de pensamento teórica, identifica as manifestações culturais inseridas dentro de um contexto social que determina a forma como ela ocorre.

Contextualizando as bases fundamentais dos estudos culturais com o objeto dessa pesquisa, é possível verificar a necessidade de realizar estudos que visem analisar e compreender as práticas e seus significados nos meios de comunicação. Em se tratando da internet e de suas múltiplas ferramentas, esse estudo ganha uma emergência ainda maior, pois a internet é o meio que mais permite diálogo e interação entre seus usuários. Os processos comunicacionais presentes nesses espaços desenvolvem novos formatos e novas aplicações a cada dia e os significados presentes nessas práticas ainda se mostram um tanto nebulosos.

Ao reconhecer a autonomia, a complexidade e a importância dessas práticas culturais dentro da sociedade, é preciso identificá-las, analisá-las e compreendê-las, pois como Hall (1996a apud Escosteguy, 2010) mostra, é necessário recusar um discurso hegemônico e dominante, mas é fundamental compreender e balizar esses processos, integrá-los aos processos culturais da sociedade e assim contextualizá-los dentro da cultura em que estão inseridos.

Ainda dentro de tal perspectiva, a internet e principalmente as práticas de seus usuários necessitam ser compreendidas como processos culturais, pois configuram um contexto político, intelectual e social específicos, condizentes com a época em que serão construídas, tendo assim seu valor cultural e também histórico.

Retornando ao surgimento dos estudos culturais é necessário analisar que seu surgimento e desenvolvimento não marcaram somente a comunidade acadêmica (é fato que desempenhou um papel muito importante). Seu contexto sugere que além dos interesses acadêmicos há também interesses políticos ligados ao desenvolvimento do pensamento dos estudos culturais, pois a análise de suas práticas em todas as camadas sociais e seus significados dentro da sociedade devem servir para possibilitar a criação de projetos políticos que melhor atendam a essas práticas, dando suporte para sua plena

realização. Por isso é possível afirmar que os estudos culturais devem ser pensados e analisados sob duas perspectivas: política e intelectual (ESCOSTEGUY, 2010).

Dessa forma, é possível contextualizar o pensamento de Green (1995, p. 229 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 33) “[...] os estudos culturais oferecem um espaço onde se pode explorar – e refletir – sobre uma variedade de questões políticas, e jamais negaram que sua agenda tem questões políticas e não pode ser ‘objetiva’”. Dentro desse contexto, é preciso afirmar que o surgimento dos estudos culturais na Inglaterra se dá simultaneamente à emergência de uma nova esquerda dentro do cenário político britânico. Tal colocação é importante de se compreender, pois uma nova classe política busca introduzir seus valores dentro das discussões que participa. Esses valores fazem parte de sua constituição e muitas vezes contrapõem os que estão em evidência na sociedade da época. Com essa vertente, os estudos culturais buscam preocupar-se em lançar olhares às diversas classes da população e compreendê-las como um lugar de manifestação digna de ser estudada e analisada, deixando nítida a importância do viés político e também intelectual do movimento.

De acordo com Mattelart e Mattelart (2002), é possível afirmar que a inovação dos estudos culturais está concentrada em conseguir reunir diferentes temas dentro de seus grupos de trabalho, podendo-se relacionar temas presentes nessa fase e de repercussão relativamente conhecida, entre eles: a pesquisa etnográfica, os estudos dos meios de comunicação, a relação entre literatura e sociedade, teorias da linguagem e subjetividade e também os estudos relacionados ao movimento feminista.

Dessa forma, é possível compreender a amplitude temática reunida dentro do CCCS, fato esse que, de forma recorrente, recebe críticas a respeito da profundidade que cada tema alcança e também por conta da gestão de diferentes temas em um único espaço de pesquisa e estudo. Mas ao assumir essa gestão é necessário compreender que ela é resultado da formação multifacetada natural do próprio campo dos Estudos Culturais. Jameson (1998) ilustra a compreensão de grupo social ao relacionar a formação de cada pesquisador com seu campo ou objeto de estudo. Com isso, identifica um contexto multilinear no pensamento constituinte dentro do próprio campo e ainda mais divergente no tocante a objeto de estudo que apresenta poucos casos de repetição temática e ainda menor em relação a uma centralização do tema. Portanto, o que é tido como um problema, o autor compreende como uma característica do campo que precisa ser analisado e compreendido como processo constituinte da própria área de estudo.

Na perspectiva teórica, os estudos culturais configuram-se inicialmente não como uma “disciplina” formatada e limítrofe. Essa escolha, inclusive, é fator essencial dentro da própria constituição dessa linha de pensamento, já que a própria insatisfação com os limites de outras disciplinas fizeram surgir a forma de pensar dos estudos culturais. Apesar de ocasionar recorrentes críticas (FOLLARI, 2003), pois uma área de estudo surge para criticar exatamente os limites que as outras disciplinas impõem e busca ampliar a relação entre os eventos pesquisados, em uma óptica inter, trans ou mesmo antidisciplinar, é de se esperar que os autores pertencentes a outras linhas de pensamento não compreendam ou mesmo valorizem esse processo de construção do conhecimento.

Follari (2003) ainda destaca a fragilidade presente dentro dos trabalhos desenvolvidos e abarcados pelos Estudos Culturais. É preciso que a posição limítrofe seja determinada em busca de um fortalecimento do próprio campo. O autor aponta que falta aos pesquisadores dessa linha de pensamento falar mais sobre a própria linha, auxiliar na conceituação da mesma e aprofundar o que se compreende como partícipe ou não do pensamento *culturalista*.

Com isso, é preciso conhecer as fragilidades do campo em busca de aprofundar essas necessidades e dar musculatura aos pensamentos e teorias desenvolvidas por seus pesquisadores. Isso é natural que aconteça, já que os Estudos Culturais como uma linha de pensamento é relativamente novo e necessita alcançar uma maturidade natural tanto dos investigadores como também, e até mesmo principalmente, aos objetos de estudo que são o foco dos trabalhos. Com isso, a conceituação do que se entende por disciplina será objetiva e possível de identificar e compreender (FOLLARI, 2003).

Escosteguy (2010) mostra que a existência da característica inter ou transdisciplinar dos estudos culturais são na verdade uma forma de compreender os fenômenos a partir de uma linha de pensamento que as disciplinas existentes não conseguem compreender ou explicar, por isso é correto afirmar que os estudos culturais não surgiram com o objetivo de ser uma disciplina, mas a intersecção de campos do conhecimento que buscavam ampliar a relação entre seus conteúdos e proporcionar uma nova forma de compreender os acontecimentos.

As disciplinas que se relacionaram e deram origem aos estudos culturais foram a Literatura Inglesa, a História e a Sociologia, sendo que cada uma proporcionou a análise dos fenômenos, contribuindo com olhares a respeito dos fatos. Principalmente a Sociologia, que possibilitou o estudo da reprodução estrutural e da subordinação, e a

História, analisando a “história de baixo” e a valorização da história oral e da memória popular como fenômenos de análise (ESCOSTEGUY, 2010).

Entretanto, Beverley (1996, p.3) mostra aspectos críticos das disciplinas conhecidas como tradicionais e que na realidade atualmente podem ser consideradas relativamente novas. Isso porque o que o autor chama de “disciplinas tradicionais” são na verdade conhecimentos hegemônicos resultantes do desenvolvimento imperialista presente no século XIX. O autor cita o exemplo da presença da literatura espanhola como uma disciplina nos currículos de diversos países, inclusive nos Estados Unidos.

Esse aspecto coloca em cheque o paradigma de disciplina e Beverley (1996) responsabiliza o fato de as fundações teóricas das disciplinas serem relativamente frágeis e rapidamente superadas, podendo em poucas décadas cair em um esquecimento e perder seu sentido e sua funcionalidade.

De acordo com Reguillo (2004), os Estudos Culturais surgem como resposta ao *processo disciplinar* do saber, com forte ligação política e contra todo e qualquer procedimento de compartimentalização do conhecimento, aspecto muito presente na configuração acadêmica atual.

Com isso, o aspecto multi, trans e até mesmo anti-disciplinar dos Estudos Culturais podem ser responsáveis pela constante atualização do campo, rejeitando uma conceituação definitiva e possibilitando sua atualização de forma permanente.

Entretanto, Morris (apud JAMESON, 1998, p. 41 – *Tradução livre*) coloca: “pensemos os Estudos Culturais como uma disciplina capaz de refletir sobre as relações dos marcos locais, regionais, nacionais e internacionais de ação e experiência⁸”, ao passo que identifica e localiza os Estudos Culturais com um objetivo e um objeto próprios. Aspecto antes não colocado por outros autores, o que demonstra uma maturidade e um ponto de vista divergente ao mesmo tempo que complementar em relação à contextualização dos Estudos Culturais como campo teórico de pesquisa e construção de conhecimento.

Outro ponto crítico é a falta de definição do próprio campo. Hall (1980 apud ESCOSTEGUY, 2010) rejeita qualquer definição conclusiva a respeito do campo de estudo, determinando que não deva ser uma preocupação identificar o alcance e a extensão dos estudos culturais, rejeitando qualquer definição descritiva ou prescritiva do

⁸ Do original: pensemos en los Estudios Culturales como una disciplina capaz de reflexionar sobre las relaciones en los marcos locales, regionales, nacionales e internacionales de acción y experiencia (JAMESON, 1998, p. 41).

campo. Com isso é possível compreender sua conceituação como um campo de tensão entre as perspectivas teóricas e políticas, partindo de um marxismo no campo teórico à sua relação com a *New Left* e os movimentos de educação para adultos e as campanhas em prol do desarmamento nuclear.

De acordo com Beverley (1996), a relação dos Estudos Culturais com a *New Left* presente na Inglaterra deve-se ao processo de democratização pelo qual passava o ensino superior naquele país. Durante o pós-guerra, as universidades estavam se descentralizando e com isso passou a estar presente em outras áreas antes inatingíveis para a educação superior. Ao se fazer presente nesses novos ambientes, como é o caso de Birmingham, é de se esperar que novos estudos fossem desenvolvidos, novas ideias e novos ideais.

Uma característica constante nesses estudos reside na implantação da forma de pensar dos pesquisadores, incentivados por uma nova maneira de pensar o capitalismo. Um capitalismo pós-guerra que buscava novas bases e novos alicerces para o seu desenvolvimento. Um espaço em busca de maior liberdade para o desenvolvimento dos trabalhos, um projeto neocapitalista de reforma e modernização da educação (BEVERLEY, 1996).

Jameson (1998) identifica o surgimento dos Estudos Culturais como uma insatisfação com as disciplinas existentes, não somente por conta do conteúdo, mas principalmente por causa dos limites existentes dentro de cada disciplina. Por conta dessa característica, o autor define os Estudos Culturais como pós-disciplinares e que buscam ampliar e fortalecer a relação com outras disciplinas a fim de elucidar a relação entre cultura e os meios de comunicação de massa. Com isso, faz-se necessário compreender como ocorre a relação com cada disciplina, em que os pesquisadores buscam o arcabouço teórico para as explicações advindas de outras áreas do conhecimento para sustentar suas bases teóricas dentro do próprio campo e assim tornar de fato o campo de estudo e conhecimento não em uma disciplina, mas em um movimento que se sobrepõe e se sobressai nas relações disciplinares.

De acordo com Jameson (1998), um fator de recorrentes críticas a respeito dos estudos culturais deve-se ao fato de o campo de estudos abranger uma multiplicidade de objetos de análise, pois se parte do pressuposto que não é possível subtrair os aspectos culturais das relações de poder e dos movimentos de mudança social. Essa ausência de uma definição a respeito do objeto e dos métodos de estudo faz recair, de forma geral, temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e

posteriormente aos estudos de identidade. Ainda de acordo com Escosteguy (2010), é necessário aguardar a implantação da publicação *Working papers*⁹ para que a produção intelectual do CCCS fosse mais bem compreendida e passasse a alcançar visibilidade dentro da comunidade científica.

Entretanto, a multiplicidade de fatores de análise e pontos de convergência ao redor dos pesquisadores dos Estudos Culturais culminou com o que se pode entender como uma crise de identidade disciplinar, já que diferentes áreas e campos do conhecimento cercam os estudos culturais como corpo teórico do campo e inter-relacionam seus objetos de estudo e por muitas vezes provocam certa confusão na posição limítrofe entre as áreas que colaboram e compõem a área de estudo que se trata com mais dedicação nesse trabalho (JAMESON, 1998).

Por conta dessa incerteza, Reguillo (2004, p. 3) chega a chamar os estudos culturais como uma “comunidade de falantes” devido à multiplicidade de origens teórica presentes dentro da constituição do corpo teórico dos pesquisadores, ocasionando uma falta de unidade temática e até mesmo, como se pode constatar, teórica.

Outra crítica que surge a respeito dos Estudos Culturais é a visão de Bravo (1999) que coloca o pensamento dos pesquisadores compreendendo de forma errada o que pode ser considerado como *arte*, ao retirar sua formação institucional e considerá-la dentro dos aspectos sociais, antropológicos e históricos. No entanto, é preciso identificar que o autor segue um pensamento *póscolonial*, juntando-se a uma linha de pensadores que têm certas restrições a respeito dos Estudos Culturais e nem sempre entendem o mesmo desde sua temática inicial e principalmente a partir da sua forma de analisar e estudar seus objetos, ocasionando assim críticas como essa citada anteriormente que em sua totalidade não procede fielmente ao pensamento apresentado pelo autor.

Para contextualizar as temáticas que deram início aos esforços dos estudos culturais, pode-se afirmar que inicialmente as análises foram a respeito das culturas populares ou subculturas e sua resistência em relação à estrutura dominante presente. Essa relação buscou, nessa perspectiva, os estudos que tratavam da constituição de um sistema de valores dominantes e como esse sistema constrói uma identidade coletiva a qual é objeto de articulação de resistência e subordinação por parte das classes

⁹ Publicação científica do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS)

populares. Na segunda metade da década de 70, o foco foi os estudos dos meios de comunicação de massa, principalmente em sua estrutura ideológica com atenção especial à cobertura jornalística dos fatos da sociedade, sendo o pressuposto que os efeitos da comunicação de massa poderiam ser compreendidos a partir da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios de comunicação (ESCOSTEGUY, 2010).

Esses estudos desencadearam um constante interesse pelo consumo dos meios de comunicação por parte dos pesquisadores do CCCS. Esse fato ganha notoriedade a partir da publicação do texto de Stuart Hall “Encoding and decoding in the television discourse”¹⁰, publicado pela primeira vez em 1973 e é tido como responsável por tornar os meios de comunicação de massa um foco constante de pesquisa dos estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2010).

Nesse trabalho, Stuart Hall examina o processo de comunicação televisiva, no qual ele analisa o papel da audiência ao mesmo tempo como receptor e fonte da mensagem. O autor faz uma análise dos momentos de codificação, processos de produção e a resposta que a audiência pode dar dentro desses processos. Hall delimitou três classificações de decodificações: dominante, oposicional e negociada, em que o próprio autor compreende a relação entre produção e recepção de acordo com a interpretação da audiência em relação ao que está sendo produzido e transmitido (MATTELART; MATTELART, 2002).

Sob esse aspecto, é possível reforçar novamente a escolha dos estudos culturais para a perspectiva teórica de análise, pois o histórico presente dentro do campo de estudo possibilita uma profundidade importante ao trabalho e uma compreensão adequada dos eventos relacionados à internet e sua utilização por parte dos usuários.

De acordo com Escosteguy (2010), os estudos voltados aos meios de comunicação de massa continuaram muito presentes dentro dos estudos culturais e somente na segunda metade da década de 80, não limitado às pesquisas do CCCS, foi possível identificar uma mudança significativa na perspectiva de estudo, quando se passou a um maior interesse pelo que está à frente da tela ao invés do que está dentro dela, do texto para a audiência.

Outro fato interessante desse período é a compreensão dos interesses pessoais como interesses políticos presentes dentro dos estudos culturais. É possível identificar essa trajetória através principalmente da inserção do feminismo dentro das temáticas de

¹⁰ Tradução: Codificando e decodificando o discurso televisivo – *Tradução livre*

estudos. De acordo com Escosteguy (2010), o feminismo toma conta das pesquisas realizadas dentro do centro. Como a própria autora mostra é um cenário complexo demais para ser determinista em relação a fatos, porém pode-se compreender o vínculo entre os estudos culturais e o feminismo a partir do momento que Stuart Hall e Michael Green convidam algumas feministas para integrar e trazer para dentro do centro o feminismo como uma temática de estudos.

Esse fato é muito importante, pois possibilita uma compreensão de como a cultura era tratada na época e a importância de agregar a diversidade dentro um campo de estudo. Talvez daí surjam algumas críticas a respeito do objeto de estudo dos estudos culturais, ser relativamente amplo e capaz de abarcar os mais diferentes temas. Porém é preciso entender o que se buscava com decisões como essa. Ao trazer para dentro do centro pesquisadoras que têm em seus objetos de estudos temas que são extremamente presentes em sua vida pessoal e que a partir dessas temáticas organizam seus estudos e pesquisas e utilizam do método científico para identificar, compreender e analisar os fatos do cotidiano, o CCCS está, na verdade, lançando novos olhares para a cultura, permitindo que novas formas tornem-se foco dos estudos, garantindo assim o fator inter e transdisciplinar que deu origem e pauta ao desenvolvimento das pesquisas desse centro, sem que perdesse sua preocupação central: a cultura.

Isso é possível de confirmar de acordo com a avaliação de Green (1996, p.125 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 41): “se há um tema que possa ser identificado na primeira fase dos estudos culturais, é o da cultura como espaço de negociação, conflito, inovação e resistência dentro das relações sociais das sociedades dominadas pelo poder e fraturadas por divisões de gênero, classe e raça”. Dessa forma é muito importante salientar as ações que determinam o desenvolvimento do pensamento presente dentro dos estudos culturais, *um espaço de negociação, conflito, inovação e resistência*. Com essa colocação, ficam evidentes a preocupação inicial do CCCS, para o qual as relações sociais estabelecem ações que pressupõem uma constante mudança e alternância dos significados das relações de poder presentes em cada sociedade.

Durante a década de 1980, é possível identificar uma expansão do conceito dos estudos culturais para outras localidades, ocasionando mudanças importantes nas identidades sociais de cada nação, ocasionado principalmente pelo acelerado processo de globalização. Além disso, houve também uma preocupação e atenção crescentes em relação à recepção dos meios de comunicação social, buscando um aprofundamento na compreensão do processo de codificação e decodificação (ESCOSTEGUY, 2010).

Assim, os anos 80 colaboram de forma importante na formatação dos estudos culturais, já que o foco passa a ser a audiência e como essa se relaciona com o texto produzido pelos meios de comunicação. Com isso, são desenvolvidos estudos de recepção das mensagens dos meios de comunicação de massa, principalmente da televisão, cujo objetivo é dar visibilidade à audiência. Os métodos de estudos também são aprofundados e surge uma crescente preocupação com o trabalho etnográfico (ESCOSTEGUY, 2010).

Entretanto, de acordo com a própria Escosteguy (2010), é necessário analisar os estudos de audiência com muito cuidado, pois há constantemente a tendência de compreendê-la como um processo inteiramente ativo em relação aos textos midiáticos, chegando a defini-lo como um campo autônomo e resistente à hegemonia dos meios de comunicação de massa. É preciso conceituar muito bem a resistência em relação ao pensamento hegemônico presente na sociedade, pois não se pode trabalhar com um conceito de hegemonia abstrato. É preciso compreender bem de que hegemonia se fala em cada sociedade e como a audiência é capaz de resistir por meio da interação e participação nos meios de comunicação de massa.

Essa disputa entre audiência e pensamento hegemônico dos meios de comunicação de massa também reforça a compreensão necessária desse trabalho a partir do viés dos estudos culturais, pois é possível prever que parte de participação ativa em um ambiente de construção coletiva seja para expressar insatisfação e descontentamento com o *status quo* da sociedade. É evidente que se trata até o momento de um cenário de suposição que precisa e será aprofundado ao longo do próprio trabalho.

Durante a década de 90, as pesquisas desenvolvidas pelos estudos culturais continuaram com o foco nos processos de recepção, desenvolvendo análises mais profundas, buscando relações etnográficas para compreender as reações da audiência. Além disso, características como idade e gênero ganharam ainda mais relevância. Contudo, o foco continuou sendo a busca por uma reflexão do papel dos meios de comunicação na construção de identidades sociais (ESCOSTEGUY, 2010).

Atualmente, é possível afirmar que os estudos culturais não estão mais delimitados à Inglaterra ou mesmo à Europa, mas estão descentralizados, com um campo geográfico abrangente, permitindo diversas e complexas relações entre meios de comunicação e sociedade. O que irá se aprofundar no próximo tópico é a vertente latino-americana dos estudos culturais, sua concepção e construção, seu crescimento e

consolidação como um campo de estudo perene dentro do âmbito científico da América Latina.

2.3 MAIS QUE UM CAMINHO, UM PENSAMENTO LATINO-AMERICANO

Nesta parte do trabalho, pretende-se aprofundar a participação dos estudos culturais dentro da América Latina, propondo não somente uma identificação dessa linha de estudo dentro de uma região geográfica específica, mas sim avançar e contextualizar um pensamento comunicacional latino-americano, buscando as bases que permitem afirmar a existência de uma tendência de estudos delineada como: estudos culturais latino-americanos, linha de pensamento que tem por base teórica os estudos do CCCS, mas que avança significativamente no aspecto teórico e ideológico dentro da constituição de sua própria teoria e forma de condução dos seus pensamentos.

Como base foi utilizado o trabalho desenvolvido por Escosteguy, (2010) que trilha há algum tempo esse percurso e outros textos e autores que complementam a temática e reforçam a linha de pensamento. A justificativa de escolha dessa obra como base desse tópico é a mesma utilizada anteriormente. Ao considerar um texto de interpretação tão relevante dentro do trabalho, busca-se a legitimação e consolidação do conhecimento proposto pela autora.

Obviamente, outros autores compuseram o escopo teórico em busca de ampliar e reforçar o pensamento do autor do trabalho, além de trazer luz às problemáticas existentes e tão presentes no cotidiano geográfico no qual nos encontramos.

Os percursos históricos dos países latino-americanos delinearam um cenário muito frutífero e de grande relevância para a realização de estudos e análises no âmbito da cultura. Ainda que de forma tímida e pouco evidenciada, os pesquisadores latino-americanos debruçam-se sobre os estudos britânicos em busca de aprofundar as análises e compreender a situação em que se encontram cada país e seu povo (ESCOSTEGUY, 2010).

De acordo com Escosteguy (2010, p. 47):

De forma ainda genérica, toma-se, como ponto de partida, a análise de formas culturais contemporâneas num determinado estágio do capitalismo, formulando respostas particulares à inserção das indústrias culturais na vida cotidiana. O que a Inglaterra experimentou, no final dos anos 50, a América Latina passa a vivenciar acentuadamente nos anos 70.

Nesse trecho, a autora demonstra de forma objetiva as singularidades que aproximam as duas regiões do globo e que permitem, mesmo em épocas diferentes, realizar análises com o mesmo embasamento teórico. O que foi vivenciado na Inglaterra do pós-guerra permite compreender o período ditatorial e pós-ditatorial presente nesse período dentro da América Latina como um todo. A inserção das indústrias culturais mostra-se, em ambos os casos, como o marco que emerge à discussão a respeito da participação da cultura no processo social de cada país ou nação.

A partir daí é possível identificar um deslocamento no pensamento latino-americano a respeito da aplicação dos estudos culturais, que apesar de seguir os preceitos teóricos pensados pelo CCCS, passa a trilhar um caminho próprio, repensando o campo e delineando novos horizontes para a pesquisa e análise da relação comunicação e cultura.

Os Estudos Culturais contribuíram sobremaneira para o pensamento comunicacional na América Latina, pois eles não eram previsíveis, não tinham pensamentos lineares e possibilitaram novos olhares a respeito das relações entre comunicação, cultura, sociedade e poder. Com isso, novas formas de interpretações do social surgiram e possibilitaram o desenvolvimento de novas linhas de pensamento e contribuíram para outras já existentes, como por exemplo, os estudos pós-modernos (FOLLARI, 2000).

É possível ver em Martín-Barbero (1992, p. 29 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 47) nitidamente a mudança em curso:

Os deslocamentos com os quais se buscará refazer conceitual e metodologicamente o campo da comunicação virão do âmbito dos movimentos sociais e das novas dinâmicas culturais, abrindo, dessa forma, a investigação para as transformações da experiência social.

No trecho acima, o autor demonstra de forma direta a mudança pela qual o campo da comunicação está passando, cujo o foco dos estudos em comunicação não está mais somente em entender o processo de emissor, meio e receptor, é preciso aprofundar e trazer à luz o contexto de onde a comunicação está acontecendo. Com isso, faz-se necessário contextualizar quem é o emissor, como se configura o meio e avançar significativamente relacionando os valores sociais e culturais dos agentes inseridos no contexto da comunicação.

É preciso entender a comunicação a partir da experiência social em que está inserida. Isso permite considerar os valores sociais e culturais dos fatos e movimentos

presentes em uma sociedade, porque a comunicação é compreendida a partir da cultura em que está alocada, fazendo com que ela esteja carregada de sentido, valores e processos que precisam ser analisados sob a perspectiva não de uma disciplina apenas, mas de um campo multi, inter ou transdisciplinar (ESCOSTEGUY, 2010).

De acordo com Martín-Barbero (1995a apud ESCOSTEGUY, 2010), o surgimento de sua teoria aplicada ao contexto da América Latina busca inicialmente avançar a discussão dentro do campo comunicacional, não discutir somente a existência das etapas conhecidas: emissor, meio e receptor, mas ir além, aprofundar e a partir desse ponto avaliar quais processos comunicacionais são capazes de florescer.

Assim, o autor propõe uma análise tendo como princípio as práticas sociais existentes em cada ambiente e a partir dessas práticas é que se deve desenvolver o foco de estudo.

Por isso, a interpretação feita por Escoteguy (2010) incita que o entendimento dos fenômenos sob a óptica dos estudos culturais significa lançar o olhar para os fatos sob um viés interdisciplinar, entendendo os fenômenos como processos interdependentes e não como ocorrências isoladas, prática comum dentro das disciplinas. Essa análise interdependente e, portanto, interdisciplinar, permite desenvolver novas relações, numa estrutura dinâmica com outras esferas, principalmente com a estrutura social e com os seus processos produtivos.

Os estudos culturais procuram analisar as intersecções entre os processos culturais, suas formas e práticas, com as estruturas sociais existentes em cada região. Na América Latina, o estudo dos meios de comunicação de massa, sob a perspectiva dos estudos culturais, busca aprofundar a relação entre a cultura e os processos produtivos e isso permite a abertura da discussão a respeito da hegemonia e do poder. Desenvolveu-se, dessa forma, uma preocupação muito grande em compreender as bases sociológico-culturais dos processos comunicacionais existentes na sociedade (ESGOSTEGUY, 2010).

Bennet (1992, p. 23 apud Yúdice, 1993, p. 13 – *Tradução livre*) identifica quatro objetivos que são importantes de se observar ao realizar os estudos e análises a respeito da relação *cultura e poder*, principalmente na América Latina.

[...] primeiro, a necessidade de incluir considerações políticas na definição de cultura, como parte integrante do Governo; segundo, a necessidade de distinguir diferentes regiões culturais dentro de um aspecto mais abrangente, em termos do objeto, objetivos e técnicas de governo que são peculiares; terceiro, a necessidade de identificar as relações políticas específicas das diferentes regiões culturais definidas

e desenvolver processos específicos para comprometer-se com e dentro deles; e quarto, conduzir um trabalho intelectual de maneira tal que, tanto em conteúdo como em estilo, possa mensurar sua influência, seus serviços e a conduta dos agentes culturais de cada região¹¹.

Já Reguillo (2004) afirma que os estudos de cultura e poder desenvolvidos na América Latina levam em consideração as relações simbólicas de consumo e economia políticas, bem como compreendem as pertinências culturais como principais mediações de recepção e interpretação do mundo, além de investigar o papel dos meios de comunicação como mecanismos de poder e instituições culturais e o processo de construção das identidades socioculturais e a própria gestão da cultura. Com isso, a autora reforça e complementa o conceito inicial dos estudos realizados pelos pesquisadores na América Latina a respeito dos Estudos Culturais.

De acordo com Escosteguy (2010) é inevitável afirmar que os estudos culturais na América Latina se constituíram primeiramente no âmbito acadêmico, apesar de seu desenvolvimento estar constantemente marginalizado a poucos setores dentro dos departamentos universitários, ou mesmo linhas de pesquisas de programas de pós-graduação, ou ainda como foco de pesquisa e trabalhos interdisciplinares. Esse processo não pode ser comparado à legitimação ocorrida com esse mesmo campo em outros países, como a Inglaterra, país de origem, ou mesmo os Estados Unidos, Canadá e outros países que constituíram seu pensamento sob a perspectiva dos estudos culturais.

Apesar de intimamente ligados ao âmbito acadêmico, os estudos culturais ganham força na América Latina em um período de redemocratização política e de grande ação dos movimentos sociais, observados e analisados de perto pelos intelectuais dos estudos culturais. Esse caráter de engajamento político presente na América Latina é o ponto principal que o diferencia da vertente britânica, ou mesmo, dos estudos culturais norte-americanos (ESCOSTEGUY, 2010).

Isso porque durante as décadas de 70 e 80 a América Latina vive a efervescência dos movimentos sociais que buscam combater a proliferação das ditaduras militares, fato muito constante na região durante esse período. Tal movimentação social foi

¹¹ Do original: primero, la necesidad de incluir consideraciones políticas en la definición de cultura, como si fuera un campo particular de gobierno; segundo, la necesidad de distinguir diferentes regiones de cultura dentro de ese campo general, en términos de los objetos, objetivos y técnicas de gobierno que les son peculiares; tercero, la necesidad de identificar las relaciones políticas específicas a las diferentes regiones de cultura así definidas y de desarrollar modos específicos apropiados para comprometerse con y dentro de ellas; y cuarto, lo conveniente de un trabajo intelectual conducido de manera tal que tanto en su sustancia como en su estilo, pueda calcular su influencia o sus servicios a la conducta de agentes identificados en la región de cultura involucrada (BENNET, 1992, p. 23 apud YÚDICE, 1993, p. 13).

identificada dentro das pesquisas realizadas no campo da comunicação. Inclusive é possível identificar uma mudança no foco de estudo e análise a partir desse momento (ESCOSTEGUY, 2010).

Entretanto Yúdice (1993) destaca que é possível identificar uma diferença entre os processos de estudo e análise da cultura comparando os trabalhos desenvolvidos entre América do Norte e América Latina. O autor destaca que nos Estados Unidos a preocupação maior é o desenvolvimento de uma *política de representação* ligada a elementos que busquem reparar a injustiça social, por isso estão no foco questões como a raça, a classe social e a discriminação sexual. De acordo com o autor, o mesmo não ocorre na América Latina onde existe uma *política de representação*, que busca compreender questões como o *negro no Brasil* ou os *povos indígenas no México*, que são entendidos como um processo de hibridização ou mesmo mestiçagem e são identificados como cultura popular, o que de acordo com o mesmo autor, acaba por influenciar em sua própria *estigmatização*.

Retornando ao trabalho de Escosteguy (2010), pode-se identificar de forma sucinta quatro áreas de destaque dentro da pesquisa em comunicação a partir da década de 70. São elas: a influência da política econômica internacional no desenvolvimento cultural dependente, que analisa a presença do processo econômico presente no cenário internacional e que pode ser identificada dentro do processo de desenvolvimento da cultura de um povo ou de uma nação; políticas dos meios de comunicação e, sobretudo, a democratização da comunicação, pelas quais o governo desenvolve leis e regulamentações com foco especificamente para a participação e a comunicação na sociedade; comunicação popular/alternativa como base da democratização da comunicação, foco muito presente na formação dos estudos culturais; papel dos meios massivos na transformação das culturas nacionais, pelo qual é possível analisar e identificar a presença da mensagem midiática dentro dos processos sociais

Essas quatro linhas de pesquisas identificadas dentro dos estudos realizados na América Latina, permitem uma compreensão nítida a respeito dos esforços realizados pelos pesquisadores latino-americanos, principalmente no período de constituição do pensamento comunicacional referente aos estudos culturais. Vale destacar que a presença da relação da comunicação e cultura é claramente observada e constantemente trabalhada como centro dos estudos comunicacionais, permitindo assim uma constituição inicial dos estudos culturais latino-americanos.

Nesse período observou-se uma alteração no campo ideológico de condução dos estudos, migrando de um marxismo determinista para um marxismo de corte gramsciano. O primeiro busca explicar as lutas e conflitos pelo viés único e exclusivo das lutas de classes, sem analisar a contribuição da cultura para a formação social. Já ao incorporar o pensamento gramsciano na base teórica dos estudos culturais dentro da América Latina é possível identificar uma flexibilidade do foco relacionado à relação dos estudos focados na disputa de classes sociais, permitindo redefinir o sentido de cultura e sociedade e assim redescobrir as culturas populares e o processo de constituição de identidades (ESCOSTEGUY, 2010).

As lutas e batalhas no aspecto sociopolítico não estavam mais restritas apenas à luta de classes. Os grupos sociais se organizavam de diferentes formas e formatos, com objetivos diversos, o que permitiu uma ampliação significativa em relação às temáticas abordadas dentro das reivindicações sociais, permitindo um despertar para outras dimensões da cultura (ESCOSTEGUY, 2010).

A presença desses temas e atores sociais colocou em crise a política social da época. Essa crise deveu-se ao fato de esses novos atores sociais inserirem na análise e discussão mais que novos fatos, mas também novas práticas do cotidiano e interesses presentes em uma área muito maior que o processo produtivo, renovando assim o âmbito político da América Latina. Esses aspectos políticos e culturais, obrigaram uma nova organização política e social, bem como abandono das estratégias de imposição cultural, sem que ocorresse uma reflexão a partir da utilização dos meios e produtos massivos por parte dos grupos sociais presentes na sociedade (ESCOSTEGUY, 2010).

Na década de 80, nota-se um novo cenário dentro da América Latina. A globalização atinge de forma certa os processos econômicos, sociais, políticos e principalmente culturais. No âmbito econômico-social têm-se um aquecimento da globalização econômica e assim um fortalecimento das relações de troca. No âmbito político, vê-se emergir um novo processo de redemocratização política, baseados em experiências coletivas que redesenham a política da região. Já na área cultural, têm-se um fortalecimento das trocas de bens simbólicos, ocorrendo tanto nas regiões de fronteiras, quanto na relação da América Latina com as indústrias culturais de outras regiões do mundo. A esse processo pode-se nomear de *globalização cultural* (ESCOSTEGUY, 2010).

Esse cenário permite uma reconfiguração dos valores da sociedade dentro da América Latina, os limites, as fronteiras, os paradigmas e a identidade da nação. Com

isso, as grandes narrativas presentes em cada nação perdem o foco e, portanto, seus sentidos. Nesse contexto, uma nova reconfiguração cultural acontece e com ela é possível identificar uma inserção diferenciada no âmbito da comunicação. Passa-se a compreender a comunicação na cultura, aproximando-a assim dos conceitos dos estudos culturais (ESCOSTEGUY, 2010).

Essa aproximação acontece sob três princípios, o primeiro é a ativação, no qual há a competência cultural dos indivíduos, a socialização de suas experiências criativas e o reconhecimento das diferenças individuais e sua afirmação dentro do processo comunicacional. Assim, ao considerar a comunicação na cultura é possível compreender que essa exerce não mais um papel de meramente mediadora do processo, mas assume um papel de dissolução da barreira social e simbólica, permitindo uma descentralização e uma desterritorialização da produção cultural e seus dispositivos (ESCOSTEGUY, 2010).

Características que, de acordo com Canclini (2000, p. 4 – *Tradução livre*), estão presentes até mesmo às vésperas do início do século XXI. “A cultura atual valoriza a criatividade nos métodos educativos, as inovações tecnológicas e a organização das empresas, as descobertas científicas e sua aplicação para resolver os problemas locais”¹². Nesse trecho, o autor destaca a relação entre cultura e um processo muito presente nas sociedades: a criatividade.

Nesse mesmo trabalho, Canclini (2000) destaca a importância de compreender alguns aspectos dentro de cada sociedade e sua relação com o desenvolvimento do contexto cultural daquela região. Uma característica que o autor dá especial atenção é a criatividade, mostrando que ao longo das décadas as sociedades sofreram de uma estagnação do seu processo criativo e como esse panorama é divergente em relação à posição ocupada por cada sociedade, chegando a considerar o primeiro mundo fadigado e o terceiro mundo criativo, ou seja, a América Latina em seu processo mais criativo que as nações do norte.

De acordo com Escosteguy (2010), há um deslocamento da ideia de cultura, que passa do sentido único de reprodução para compreender os processos constitutivos e transformadores do social, para compreensão da comunicação a partir da própria

¹² Do original: La cultura actual exalta la creatividad en los nuevos métodos educativos, las innovaciones tecnológicas y la organización de las empresas, en los descubrimientos científicos y en su apropiación para resolver necesidades locales (CANCLINI, 2000, p. 4).

comunicação, construindo assim um discurso próprio, sem que necessariamente isso signifique o desenvolvimento de uma disciplina específica para os estudos culturais.

Durante a década de 80, os limites identificados por Martín-Barbero (1989) deixam de estar plenamente definidos e passam a possibilitar um redesenho do escopo teórico da comunicação dentro da América Latina e isso possibilita um estreitamento das relações com outras disciplinas e áreas de estudos. A relação entre cultura e comunicação não estava mais restrita apenas ao campo da comunicação. Esse cenário é resultado da consolidação das indústrias culturais latino-americanas e do processo de globalização cultural, política e do próprio capital. Dentro desse contexto, a comunicação compreende que sozinha não é possível dar conta dos fenômenos exclusivamente dentro do seu campo teórico (ESCOSTEGUY, 2010).

Com isso, o foco dos estudos culturais latino-americanos recai sobre a cultura popular relacionada com os espaços comunicacionais. Sendo assim, o objeto de estudos dessa linha de pensamento está diretamente ligado ao espaço popular, em suas práticas da vida cotidiana, com fortes ligações com as relações de poder e uma conotação política. Desenvolve, desse modo, uma particularidade a respeito dos estudos culturais latino-americanos, um viés sociocultural dos estudos realizados (ESCOSTEGUY, 2010).

Canclini (1997, p. 3 – *Tradução livre*) destaca

Ao oferecer visões mais profundas da multiculturalidade e suas diferenças, a desterritorialização e a reterritorialização, os estudos culturais permitem retrabalhar a informação sobre a incomensurabilidade ideológica entre as sociedades, e sobre a americanização e a latinização.¹³

Permitindo assim compreender a relação entre as sociedades e as influências capazes de ser identificadas e analisadas, inclusive no tocante à troca de experiências e estilo de vida entre as regiões. É evidente que o autor destaca a exportação do modelo norte americano para o restante do mundo, em especial a América Latina através dos produtos midiáticos produzidos pelos Estados Unidos. Em contrapartida, o inverso também ocorre à crescente migração de latinos para o território americano, alterando as características demográficas da população, mudando por consequência seu comportamento e hábitos de consumo. Por isso, Canclini (1997) ressalta a importância

¹³ Do original: Al ofrecer visiones más profundas de la multiculturalidad y sus diferencias, de La desterritorialización y la reterritorialización, los estudios culturales permiten retrabajar la información sobre la inconmensurabilidad ideológica entre las sociedades, y sobre la americanización y la latinización (CANCLINI, 1997, p. 3)

das análises realizadas pelos pesquisadores dos Estudos Culturais, que buscam em seus trabalhos compreender esse processo e diagnosticar o nível de interferência e relação existentes e como ocorrem de fato.

Vale reforçar que essa diferenciação dos estudos e pesquisas referentes aos estudos culturais latino-americanos iniciam um processo, no qual é possível identificar claramente as raízes teóricas provenientes dos estudos de Birmingham, diferenciando-se, principalmente no objeto de estudos, como também no pensamento desenvolvido sobre a temática *comunicação e cultura*. Com isso, vê-se o início de uma nova área teórica, com novas frentes de estudo e que ao longo deste capítulo serão demonstradas do surgimento à consolidação dos estudos culturais latino-americanos como uma linha de pensamento e de pesquisa bem definida e compreendida entre os investigadores da comunicação.

Yúdice (1993) destaca uma visão um pouco diferenciada a respeito da influência que o *norte* é capaz de desenvolver no *sul*, já que os produtos midiáticos produzidos pelos Estados Unidos e exportados a toda América Latina não podem ser vistos somente como um processo colonizador das culturas e povos em desenvolvimento, pois ao chegar a determinados povos, esses materiais podem servir de estímulo à discussão e ser instrumento de contradição. Por exemplo, ao falar de igualdade sexual nos países em que isso não é uma realidade, fica posta uma *contradição cultural midiática* citada pelo autor.

Essas duas visões, de Yúdice (1993) e Canclini (1997), ilustram bem a divergências que se tem: o *norte*, produtor de conteúdos e agente de colonização e exportação cultural através de seus produtos midiáticos e o *sul*, colonizado e em busca de identificação, compreensão e resgate de sua cultura local. Mostra-se, assim, que é possível dialogar, mesmo com suas diferenças, a respeito do mesmo tema: cultura. Para isso é importante compreendê-las e como devem ser gerenciadas e analisadas dentro dos trabalhos realizados.

As principais distinções a serem notadas no início dos estudos culturais latino-americanos em comparação com a vertente britânica ou mesmo a norte-americana são duas linhas de estudo que iniciaram suas pesquisas tendo como base a literatura, partindo da crítica literária de movimentos existentes. A relação entre a análise de textos e o estudo da cultura identifica as vertentes britânica ou norte-americana muito próximas a disciplinas como a própria literatura. O que não acontece na corrente latino-americana, na qual é possível identificar uma trajetória social muito forte dentro de seus

estudos, o que gera uma preocupação muito grande, bem como proporciona competências pertinentes à mudança social, traço esse presente até o momento, entretanto com uma participação política menor (ESCOSTEGUY, 2010).

Essa preocupação inicial estabeleceu uma característica muito importante aos estudos culturais latino-americanos, a predominância de uma metodologia dentro das pesquisas. Inicialmente, a pesquisa qualitativa e os estudos etnográficos foram responsáveis por boa parte das pesquisas, mostrando-se eficazes no desenvolvimento de investigações. Isso porque esse método adapta a teoria de acordo com o contexto cultural de cada povo ou objeto de estudo. Assim, as condições culturais encontradas permitem confrontar e redirecionar a teoria de acordo com as análises realizadas (ESCOSTEGUY, 2010).

Dessa forma, a América Latina avança na busca por um campo de estudo próprio, com características peculiares à sua realidade e que permitam identificar, analisar e compreender as relações de poder presentes em seus territórios e muitas vezes gerenciadas pelos meios massivos.

De acordo com Canclini (1997), os estudos culturais latino-americanos são um terreno fértil, em que se analisam as injustiças presentes nas políticas de representação social, entretanto ao invés de desenvolver um processo de enfrentamento, essas análises proporcionam as bases para as reformas das políticas nacionais e até mesmo do Estado como conhecemos, mensurando, assim, as necessidades presentes na heterogeneidade de cada povo e permitindo uma resposta criativa a partir do que foi estudado.

No decorrer dos estudos com o desenvolvimento de uma linha de pensamento própria emergindo dentro do campo da comunicação, diversos autores passam a reconhecer a vertente latino-americana como um espaço novo e bem fundamentado dentro dos estudos culturais e também do campo da comunicação. Esse período é possível de ser identificado em Golding & Ferguson (1997, p. xvii apud Escosteguy, 2010, p. 57).

Na América Latina, os especialistas têm traçado, baseados na adaptação e transformação de uma mistura de produtos culturais populares locais e importados (em grande parte norte-americanos), a imagem característica da prática cultural popular de seus países. Muito da pesquisa e da literatura teórica desenvolveu-se como reação à procura de respostas para questões a respeito dos meios de comunicação e da democracia, bem como da criação de uma esfera pública aberta a mais vozes. [...] Evitando velhos dualismos teóricos, no que tange àqueles que detêm o poder e àqueles que não têm poder

nenhum, os estudiosos latino-americanos, tais como García Canclini e Martín-Barbero, propõem categorias analíticas como o sincretismo, a hibridação e a mestiçagem [...] para clarificar processos de apropriação, adaptação e vocalização culturais na mediação entre prática cultural, cultura popular, meios de comunicação democráticos e política.

Nesse trecho, vê-se a preocupação recorrente em compreender a formação da cultura popular do país de acordo com a composição dos produtos dos meios massivos. Há também o interesse em diagnosticar e entender a relação entre os meios de comunicação e o processo político, e por que não citar democrático, existente em cada país. O autor também mostra o resultado desse processo teórico, pontuando muito bem as características dos estudos culturais latino-americanos, ao colocar o avanço do pensamento, que ao invés do embate teórico e até mesmo ideológico, preocupa-se em compreender as relações e organizar o pensamento, reforçando o conceito e assumindo dentro dos discursos como termos: *práticas culturais, cultura popular, meios de comunicação democráticos e política*, configurando assim o pensamento comunicacional dos estudos culturais latino-americanos.

Um aspecto que também deve ser destacado do trecho anterior é a constante colocação de dois autores: Jesús Martín-Barbero e Nestor García Canclini. Ambos são recorrentes em citações de diversos autores e pesquisadores dos processos culturais não somente na América Latina, mas também em sua comparação com outros pontos do globo. Beverley (1996) coloca Canclini como uma referência na realização dos estudos culturais latino-americanos.

Canclini (2006) faz uma leitura muito interessante e peculiar da relação mantida entre a América Latina com a Europa e os Estados Unidos. Inicialmente, o autor afirma que a porção de terra dividida em países e nações que conhecemos atualmente como *América Latina* foi uma criação resultante do processo de ocupação iniciado por Portugal e Espanha, posteriormente ampliado para outros países do bloco europeu. Em um segundo momento, mais especificamente no século XX, o autor destaca a aproximação com os Estados Unidos que transforma um relacionamento entre dominantes e dominados numa relação puramente comercial e a partir daí ele (2006) passa a entender que houve uma significativa alteração na concepção das relações humanas e por consequência, culturais.

O autor destaca que o indivíduo deixou de ser cidadão e passou a ser consumidor, pois as relações antes pautadas por uma organização social em que os

indivíduos tinham seus direitos e deveres, transformaram-se em uma organização com cunho mais econômico e direcionada a um processo de troca de bens e valores muito mais presente (CANCLINI, 2006).

É inegável que uma mudança nesse sentido provocaria mais do que uma simples alteração nas interações cotidianas. Ao inserir uma mudança tão profunda dentro de uma região extensa como a América Latina, é óbvio que as novas relações provocaram mudanças estruturais na sociedade, inserindo um novo estilo de vida e configurando uma região peculiar, com características que necessitem ser estudadas e analisadas, uma região que se pode compreender como diferente de qualquer outra região do globo.

Assim, conforme aponta Canclini (2006), a influência está muito mais próxima dos cidadãos a partir do que é exibido nos meios de comunicação, levando em consideração que boa parte do consumo midiático é importado dos Estados Unidos e uma pequena parte proveniente de outras regiões, levando esse estilo de vida para diferentes regiões do globo, bem como o padrão de consumo também exportado. Dessa forma, tem-se uma base interessante para compreender o pensamento de Canclini e principalmente compreender sua importância dentro da América Latina, onde figura na atualidade como um dos principais pesquisadores da comunicação e ainda mais dentro dos Estudos Culturais.

Como já citado anteriormente, Jesús Martín-Barbero figura como um dos principais pesquisadores da vertente latino-americana dos Estudos Culturais. Ele demonstra a importância de compreender a relação entre comunicação e sociedade, principalmente no que tange às questões da globalização e seus efeitos locais, nacionais e globais. Destaca assim que é preciso pensar não somente uma política comunicacional de âmbito público, mas também de caráter privado, que possibilite e assegure uma sustentação financeira, bem como uma disseminação e sobrevivência da cultura local em concordância com os aspectos nacionais e que possibilitem uma interação com o global (MARTÍN-BARBERO, 2002).

De acordo com Martín-Barbero (2002), a globalização não deve ser vista com aspectos negativos, entretanto é necessário atentar para os malefícios que ela pode provocar, principalmente ao assumir uma similaridade muito grande com as propostas neoliberais presentes na América Latina desde a década de 1990. É preciso avançar o conceito de globalização e melhor compreender sua relação com a comunicação e seus efeitos dentro da sociedade, até mesmo para evitar que os meios de comunicação sejam

repletos de conteúdos importados de outros países com outros valores e processos sociais distintos.

Ao ampliar essa compreensão, novas relações são possíveis de serem concebidas. A produção *local* é valorizada como tal, levando consigo os aspectos culturais de cada região; a produção nacional deve ser explorada, mediando e interagindo as forças entre o local e o global, produzindo assim um espaço múltiplo e disseminador da cultura em seus ambientes (MARTÍN-BARBERO, 2002).

Escosteguy (2010) faz questão de ressaltar que a análise teórica da comunicação a partir da cultura presente na América Latina é produto de uma crise dos paradigmas existentes, indo ao encontro do pensamento que reduz a comunicação a explicações casuais e funcionais, permitindo questioná-las e considerá-las como uma classificação leve e superficial.

Vale ressaltar que o clima politizado toma conta do cenário intelectual nessa fase, quando os estudiosos buscavam manifestar seus desejos e preocupações ao tentar desenvolver um papel político no debate em busca da identidade dos países latino-americanos e de suas culturas. Entretanto, aos poucos, a força política dos intelectuais da comunicação vai enfraquecendo devido ao forte avanço do neoliberalismo e da perda de espaço dos Estados-nação e sua ineficácia em gerenciar os problemas sociais enfrentados em cada país (ESCOSTEGUY, 2010).

Com isso, ao final da década de 80, o ponto de convergência dos estudos culturais latino-americanos são os estudos que analisam o consumo cultural, a partir tanto de uma visão mais abrangente de cultura, como também de um processo de construção e hibridização de identidades culturais (ESCOSTEGUY, 2010).

Canclini (2006, p. 20 – *Tradução livre*) ilustra a diferença percebida entre os Estudos Culturais latino-americanos e os Estudos britânicos e norte-americanos

[...] o que a América Latina compreendeu bem, o pluralismo ou heterogeneidade cultural como partes de uma nação; já o debate norte-americano, como explicam diversos autores, “multiculturalismo representa separatismo”¹⁴

Esse trecho identifica uma cisão muito relevante na forma de pensar dos Estudos Culturais Latino-americanos em relação a outras vertentes, principalmente por se tratar de uma diferença conceitual, o mesmo termo “heterogeneidade cultural” é visto de

¹⁴ Do original: [...] lo que en América Latina se ha llamado más bien pluralismo o heterogeneidad cultural se piensa como parte de la nación, en tanto en el debate estadounidense, como explican varios autores, “multiculturalismo significa separatismo” (CANCLINI, 2006, p.20).

forma completamente diferente à medida que se tem regiões diferentes realizando a análise. Ao ter os meios de comunicação de massa e a cultura como foco dos estudos, tem-se uma mudança muito significativa na forma de compreender os processos ali desenvolvidos e, portanto, a forma de entender os resultados dessas interações será completamente divergente.

Pode-se afirmar que se está configurando o que se pode vir a compreender como uma institucionalização dos *Estudos Culturais Latino-americanos*, permitindo a concretização de uma corrente de estudos que amplia e assume uma postura teórica de pesquisa e análise dos fatos referentes à América Latina e ainda mais, entende os fatos ocorridos nessa região sob uma perspectiva que abrange diferentes enfoques que perpassam a *cultura* como centro ou parte importante dentro dos trabalhos (MATO, 2002).

De acordo com Mato (2002), essa institucionalização nada mais é do que uma afirmação da linha de pensamento já existente dentro dessa região, pois como alguns pensadores já ressaltavam, essa corrente de estudos já existia muito antes de aparecer o termo propriamente dito.

Escosteguy (2010) também mostra que o avanço metodológico dos estudos culturais se dá à medida que a própria linha atingiu certa maturidade intelectual. No princípio tinha-se basicamente a compreensão das análises dos textos e do processo de receptor, tendo como foco um leitor-passivo, enquanto que na escola anglo-americana os estudos semiológicos passam a ser o instrumental utilizado para as análises textuais. O mesmo não acontece na corrente latino-americana, priorizando o estudo a partir dos próprios receptores, ressaltando-se que esse cenário é ponto de divergência entre as linhas de pensamento: anglo-americana e latino-americana.

Os estudos culturais assumem assim uma forte adoção da metodologia etnográfica como base para realização de seus estudos, tanto a vertente britânica como também a vertente latino-americana e isso permite afirmar que existe uma ênfase no processo descritivo e até mesmo um empirismo ligado às pesquisas realizadas, tendo como desafio ampliar o pensamento, que são pautados pelos dados empíricos (ESCOSTEGUY, 2010).

Além de ganhar definições metodológicas, outro ponto importante é a definição do *objeto de estudo*. Ao analisar o contexto histórico dos estudos culturais é possível definir a *atividade da audiência* como preocupação principal a respeito dos efeitos e interesses a serem analisados. Entretanto, é necessário compreender a audiência dentro

de um processo de formação política, social e cultural a que está inserida. Sendo assim, a formação e até mesmo o perfil da audiência estão sempre relacionados com as diversas relações de poder em que estão inseridas e influenciam entre outros aspectos o consumo e o relacionamento com os meios de comunicação (ESCOSTEGUY, 2010).

Ainda dentro do *pesquisar*, nos estudos culturais é preciso compreender que boa parte do conhecimento é gerado por meio de interpretações do pesquisador e está sujeita as concepções do mesmo. Aspecto esse que por vezes torna-se difícil e até mesmo impossível de se garantir, já que para isso é necessário manter um distanciamento entre pesquisador e pesquisado a fim de permanecer a análise em um nível em que os contextos histórico, político e social do pesquisador não influenciem na análise e interpretação dos dados coletados, fato esse que não é possível de considerar, ao se tratar da pesquisa empírica com foco nas atividades da audiência, como já foi dito anteriormente. Dessa forma, o pesquisador não somente estuda seu objeto, mas pesquisa, interpreta e até mesmo *ressignifica* a partir da relação pesquisador-pesquisado (ESCOSTEGUY, 2010).

De acordo com Escosteguy (2010), a reflexão é o caminho em busca de uma densidade maior para a pesquisa empírica, principalmente ao se tratar dos estudos de recepção, em que podem ser encontrados dois eixos primordiais: no primeiro trata-se especificamente da relação entre conteúdo midiático e a audiência, já o segundo eixo é referente às variadas formas de constituição da própria audiência a partir do consumo dos meios de comunicação.

Nesse contexto, a partir do segundo eixo, pode-se identificar uma diferenciação entre os estudos culturais britânicos e latino-americanos. Enquanto os estudos britânicos ou anglo-americanos dão ênfase à questão do feminismo e de como ocorre o consumo dos meios de comunicação sob a perspectiva feminista, o mesmo não ocorre dentro da vertente latino-americana. Não que essa perspectiva não seja contemplada pelos estudos culturais latino-americanos, apenas não são o enfoque principal dentro dos estudos da audiência (ESCOSTEGUY, 2010).

Dentro da vertente anglo-americana, o *olhar feminista* lançou novos desafios a respeito dos estudos dos meios de comunicação realizados até então, permitindo compreender a família a partir de outra estrutura, compreendendo-a como um espaço de consumo dos produtos culturais (ESCOSTEGUY, 2010).

Na perspectiva latino-americana, a relação entre estudos culturais e feminismo se dá por meio da atenção que as espectadoras femininas ganham, principalmente as

espectadoras da televisão. Ao estudar a participação da mulher no processo de decisão de consumo dos produtos televisivos, analisam se é ela quem define o que a família irá assistir, quais temáticas devem ganhar mais atenção dentro dos lares, quais gêneros televisivos são os preferidos e comumente assistidos. Entretanto, essas pesquisas não se tornam foco central dos pesquisadores latino-americanos e ainda hoje carecem de uma profundidade maior de análise (ESCOSTEGUY, 2010).

A abordagem do feminismo pelos latino-americanos se dá muito mais como forma de abordar a classe social do que o gênero especificamente. Ao buscar a classe social como principal enfoque, principalmente durante a década de 90, culminando assim com estudos que buscavam analisar o processo constituinte das identidades e representações, ao final da década de 90 o poder é visto quase que em sua totalidade sob uma função de manipulação simbólica. Assim, os grupos e movimentos sociais passam a ser vistos como produto do consumo simbólico ao invés de uma ligação mais estreita com os processos produtivos (ESCOSTEGUY, 2010).

Nesse contexto é que os estudos culturais se prepararam para entrar no século XXI, Martín-Barbero (1996 apud ESCOSTEGUY, 2010, p. 63) aponta para quatro possíveis caminhos a serem seguidos pela vertente intelectual.

Quatro grandes questionamentos afloram: indagações em torno do desordenamento do cultural; questionamentos sobre os processos de mediação de massa da política; problemas em torno da cidade enquanto espaço de comunicação; e o âmbito da recepção/uso dos meios e do consumo cultural.

Todos esses possíveis caminhos são carregados do engajamento político, marca até então dos trabalhos realizados pelos estudos culturais. Essas linhas de pensamentos ou indagações como o autor propõe são na verdade uma reafirmação da comunicação como objeto dentro dos estudos culturais latino-americanos. Seguindo esse raciocínio, Escosteguy (2010, p. 63) reafirma

A questão da relação, em formações sociais específicas, entre práticas culturais e outras práticas, isto é, a relação entre o cultural e o econômico, o político e as instâncias ideológicas que caracterizou um deslocamento teórico fundamental na constituição da tradição dos estudos culturais, torna-se assim problemática no atual desenvolvimento dos estudos culturais latino-americanos.

Problemática essa que deve ser compreendida ressaltando a relação entre a comunicação e seus processos adjacentes dentro da sociedade, relação essa que deve ser o foco constante nas pesquisas e estudos realizados pelos pesquisadores.

De acordo com Escosteguy (2010), uma preocupação latente entre os pesquisadores é o possível enfraquecimento do vínculo político com os estudos e análises realizadas. Caso essa preocupação se concretize é fato que uma peculiaridade sempre presente dentro das pesquisas realizadas pelos estudos culturais latino-americanos acabaria se perdendo como ponto de análise e reflexão dos fenômenos estudados.

Outra preocupação dos pesquisadores é a continuação da participação dos indivíduos na produção ativa dos processos culturais. Participação essa que sempre foi e deve continuar sendo o foco principal dos estudos culturais latino-americanos. Caso isso se concretize, possivelmente será mais um passo dentro da confirmação do processo de despolitização dos estudos culturais, o que abrirá uma nova fronteira de relação entre os processos culturais e os indivíduos, buscando novas formatações, novas relações e principalmente um novo modelo de estudo (ESCOSTEGUY, 2010).

Entretanto é necessário compreender os estudos culturais não somente como um espaço de compreensão da cultura popular e de sua produção, ou ainda entender os organismos sociais e estatais, mas também como um lugar de discussão e adequação da esquerda política à situação atual de cada nação, reiterando assim seu papel político dentro da sociedade pós-moderna que se encontra atualmente. É preciso haver uma mudança de paradigma. A esquerda política necessita inserir-se dentro dos mecanismos comunicacionais, como por exemplo, a televisão, os processos comunicacionais e até mesmo a publicidade (BEVERLEY, 1996).

Para comprovar o pensamento de Beverley (1996), pode-se citar que menos de uma década após sua publicação teve-se uma crescente subida ao poder da esquerda na América Latina. Em parte, esse fato deve-se ao crescimento dos movimentos sociais e de sua participação na política sem se esquecer da mudança conceitual de sua relação com os meios de comunicação e propriamente com a forma de fazer comunicação da esquerda. No Brasil o fato que talvez tenha chamado mais atenção foi a vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva no pleito eleitoral de 2002, em que foi nítida sua mudança de postura e discurso perante a mídia.

Após esse levantamento bibliográfico realizado, fica nítido que atualmente não se fala somente em uma vertente da escola dos Estudos Culturais dentro da América

Latina, é possível identificar que os autores que aqui se localizam estão enraizados com as questões e os processos que necessitam ser pesquisados. Com isso, é possível afirmar que se tem uma densidade teórica dentro do arcabouço de pesquisadores levando não somente a um espaço de discussão, mas sim a uma linha de pensamento que deve ser aprofundada em busca da constituição dos *Estudos Culturais latino-americanos*.

Aliado a isso se tem uma crescente oferta de meios e mecanismos de comunicação, ocasionando a necessidade de novas relações, novos estudos e novas posturas frente às novas realidades que a sociedade vivencia entre eles a internet e suas múltiplas ferramentas e funções.

Ao relacionar os estudos culturais com ambientes de utilização da internet faz-se necessário aprofundar os estudos dentro das análises de surgimento do que se conhece como *A Sociedade da Informação*, foco do próximo capítulo.

3. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Como foi visto no capítulo anterior, comunicação e sociedade são fatores tão presentes e imbricados no momento atual que resulta quase impossível estudá-los separadamente. Foi citado que é possível identificar inclusive a organização da sociedade a partir dessa relação.

Um ponto de destaque que precisa ser evidenciado é o que move todo esse processo de desenvolvimento e categorização da sociedade a partir da maneira como seus integrantes se comunicam. Trata-se da informação.

Quando se compreendem os processos comunicacionais em pleno desenvolvimento e até se pode identificar certa *evolução* em curso dentro desse contexto, é preciso compreender a força motriz que impulsiona e alavanca a relação entre comunicação e sociedade. Nesse cenário, tem-se nos meios de comunicação e em suas constantes *revoluções* o espaço para permitir que cada vez mais os indivíduos se comuniquem e assim troquem informações sobre absolutamente tudo.

Para compreender tais processos e destacar a posição atual em que se encontra o desenvolvimento comunicacional, e por que não também entender como *informacional*, faz-se necessário realizar algumas discussões a respeito de determinadas temáticas.

De início, pretende-se contextualizar o que pode ser compreendido como *A Sociedade da Informação*, ou como alguns autores também propõem sociedade informacional. Não se tem a intenção de realizar um detalhamento histórico sobre a temática, tampouco esgotar o tema em discussão, mas sim apontar os aspectos principais que possibilitam a compreensão da formação dessa nova categorização da sociedade.

Posteriormente, o foco do capítulo repousará no entendimento do internet como veículo da informação e espaço para o desenvolvimento de um meio de comunicação que hoje se configura como um dos mais relevantes e promissores no sentido de revolucionar o conceito de comunicação. Busca-se assim, neste capítulo, compreender a formação da internet, suas principais características e ferramentas dentro da sociedade. Vale ressaltar que nesta etapa não se pretende realizar um agrupamento de fatos e marcos, ainda que eventualmente sejam citados ao longo do texto, como forma de concluir uma linha do tempo ou mesmo uma organização cronológica da criação e desenvolvimento da internet.

Por fim, o capítulo trará uma breve contextualização da inclusão digital no contexto da internet a fim de possibilitar a compreensão da existência de programas e projetos que viabilizem o acesso a tecnologias da informação.

Como escopo teórico do capítulo foram utilizadas obras de Castells, em especial *A sociedade em rede*. Essa escolha ocorreu pela importância tanto do autor como do texto para a discussão do tema e sua constante relevância e aparição nos debates atuais a respeito da sociedade da informação. Além disso, procurou-se desenvolver um diálogo com autores que permitem um melhor aprofundamento dentro de cada enfoque proposto, podendo citar em especial Wolton, que apesar de contrapor várias ideias de Castells, acaba por possibilitar justamente essa análise a fim de se alcançar uma complementaridade conceitual a respeito da temática ainda que iniciada a partir de óticas distintas. Outras contribuições importantes vêm de André Lemos e Armand Mattelart, entre outros pensadores que colaboraram nesse debate.

Com isso, espera-se estabelecer os aspectos teóricos necessários para o desenvolvimento da relação entre a utilização da internet, principalmente a partir de espaços públicos de acesso, e a perspectiva dos Estudos Culturais, detalhada e discutida no capítulo anterior. A centralidade dessa análise é a vertente latino-americana dos Estudos Culturais e sua presença na utilização da internet dentro desses espaços.

3.1 CONTEXTUALIZANDO A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A revolução tecnológica experimentada pela humanidade nos últimos séculos, em especial no século XX, traz à tona uma relação muito importante, a sociedade e a tecnologia não podem mais ser analisadas, ou mesmo consideradas, sem serem relacionadas de forma perene e, atualmente, profunda.

De acordo com Castells (1999, p. 43), “[...] a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” Denotando o que se pode compreender como uma profusão dessa intrínseca e cuidadosa relação que não apenas determinará os próximos passos da humanidade, ao menos em termos comunicacionais, como também organizará as novas relações sociais em um futuro não muito distante.

Como coloca Wolton (1999), o processo histórico da comunicação é tão antigo como a própria história do homem. Em contrapartida, a história da tecnologia é muito recente e faz com que boa parte das sociedades não tenha acompanhado o processo de

desenvolvimento a ponto de compreender com nitidez as mudanças sociais que todas as inovações tecnológicas vêm proporcionando durante as últimas décadas.

O paradigma tecnológico presente na segunda metade do século XX é pensado e desenvolvido principalmente nos Estados Unidos por uma parte de sua sociedade e acabou por alcançar novas definições de produção, comunicação, gerenciamento e até mesmo da vida (CASTELLS, 1999).

O autor ainda destaca que a *revolução tecnológica* à medida que se expandia, despertou certo sentimento libertário, proveniente dos movimentos sociais norte-americanos da década de 60, provocando uma diversificação de usos e aplicações da mesma, aumentando significativamente a abrangência e amplitude do que se pode identificar como desenvolvimento tecnológico. Dessa forma, permitiu seu uso plural e adequado às necessidades de cada sociedade e até mesmo de seus aspectos culturais.

Para complementar essa ideia, Mattelart (2002) constrói uma óptica, entendendo o surgimento da *sociedade global da informação*, quase que como um subproduto da *conquista espacial*, em que compreende que todo avanço tecnológico proposto e desenvolvido durante esse período acabou por proporcionar o conceito de aldeia global que posteriormente seria definido como uma nova formatação do *corpus social*.

O autor ainda aprofunda a discussão identificando que o processo de conceituação da sociedade da informação é na verdade uma construção geopolítica, tendo em vista que a proposta de uma nova organização social proporcionada por um *dever tecnoinformacional* deveria ocasionar uma releitura da própria composição da sociedade e reconstruir-se a partir de aspectos latentes na sociedade da época, como a ampliação da democracia, da solidariedade e atenção especial ao desenvolvimento da cidadania (MATTELART, 2002).

Entretanto, Mattelart (2002) ao propor uma contextualização histórica da sociedade da informação, faz excelentes contribuições para a compreensão dos processos relacionados ao longo de algumas décadas e até mesmo séculos para que possa entender o resultado desses fatos como a configuração do que ele mesmo intitula como a *sociedade global da informação*.

Entretanto, faz-se importante considerar que durante esse desenvolvimento histórico, o autor atenta-se bastante aos processos geopolíticos envolvidos nesse processo, o que de fato é de extrema relevância para a temática, pois é possível, inclusive, dialogar com as ideias colocadas por Castells (1999) ao compor a relação

entre ocidente e oriente dentro desse desenvolvimento tecnológico que acaba por proporcionar a sociedade informacional.

Mas ao dedicar-se excessivamente aos processos políticos envolvidos no desenvolvimento da composição desse novo formato da sociedade, Mattelart (2002) afasta-se um pouco da relação entre a *sociedade informacional* e a *composição cultural* da mesma, aspecto esse que é foco deste trabalho. Não que simplesmente não seja possível identificar a presença da cultura dentro do texto do autor, mas ele o faz em um caráter mais amplo e abrangente, proporcionando uma compreensão da formação cultural em seu sentido macro, envolvidos diversas vezes por questões e decisões políticas dentro do processo.

Como foi colocado, Castells (1999) ainda faz um breve relato histórico em que destaca diferentes momentos da humanidade, sendo possível identificar desenvolvimentos ou marcos tecnológicos importantes, principalmente na relação entre *Ocidente* e *Oriente*, em especial a China, que o próprio autor apresenta como uma das nações mais desenvolvidas tecnologicamente ao longo dos séculos.

Um aspecto importante é que ao discorrer sobre esses *inventos tecnológicos*, evidencia uma característica predominante, a presença constante da busca por *novos processos*. O que isso significa exatamente? Ao dedicar-se ao aprimoramento das etapas para a conclusão de uma tarefa, ou ainda os fatores que combinados levam a um determinado resultado, aquele precisa ou pode ser melhorado. Nesse sentido, é possível diagnosticar que todo avanço tecnológico é pautado por uma melhora da utilização da informação implícita ou embutida dentro do trabalho.

Ao desenvolver uma nova forma de fundição do ferro¹⁵, ou um novo sistema de arado¹⁶, o Homem desenvolve muito mais que novas ferramentas de trabalho, ele melhora a aplicação da informação dentro das necessidades do seu procedimento produtivo e isso resulta em produtos que facilitem sua rotina (CASTELLS, 1999).

Na relação entre informação e desenvolvimento tecnológico, o que se pode identificar é justamente essa busca constante, e até certo ponto livre, por novos processos e procedimento que visem aprimorar a utilização da informação e sua acessibilidade à sociedade.

Como foi visto no capítulo anterior, a aplicação da tecnologia aos meios de comunicação, iniciando com a imprensa de Guttenberg, configurou-se como um dos

¹⁵ Castells, 1999, p.45

¹⁶ Castells, 1999, p.45

principais marcos no âmbito comunicacional. Isso se deve ao fato que permitiu o desenvolvimento posterior de outras aplicações tecnológicas e até mesmo práticas sociais que levaram à formatação de novos veículos de comunicação e por consequência, à disponibilização da informação para a população, como por exemplo, os jornais e revistas (BRIGGS; BURKE, 2004).

De acordo com Castells (1999), existe uma relação próxima entre o desenvolvimento tecnológico e a participação do Estado nesse contexto. O autor identifica que os governos podem funcionar em duas direções. Seu papel resulta fundamental por ser uma força impulsionadora para a evolução da tecnologia presente em seus processos produtivos nos mais diferentes níveis, desde a agricultura até mesmo à indústria de vanguarda.

Por outro lado, a presença do Estado envolvida no desenvolvimento tecnológico sob seu domínio tem a possibilidade de acabar como um freio na sua evolução, direcionando as atenções a outros aspectos e subtraindo a importância da tecnologia em seu contexto social e principalmente produtivo. Tendo essa atitude, os governos podem chegar a ocasionar muito mais que uma simples mudança de foco em suas políticas e práticas sociais. Acabar por proporcionar um atraso significativo dentro do desenvolvimento do seu conhecimento e de sua competitividade frente a outras nações (CASTELLS, 1999).

Nessa vertente, enfatiza-se a necessidade de compreender a presença e relação do Estado no contexto tecnológico da sociedade. Pois como coloca Castells (1999, p.50):

Não é diferente no caso da revolução atual. Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico de reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional.

Nesse trecho, o autor assume o momento de revolução vivenciado ao final do século XX e avança em uma definição importante ao contextualizar essa fase com o sistema econômico em pleno processo de reorganização em que o fator que une é a tecnologia informacional. A partir desse momento, tem-se sim uma configuração social capitalista, ao mesmo tempo em que ela é baseada na informação, sendo assim, uma sociedade informacional (da informação).

Outro autor que se aprofunda nessa questão é Mattelart (2002), que discorre sobre a relação entre tecnologia e formatação de novos meios de comunicação. Ele o faz a partir de um diálogo com outros dois autores: Harold Innis e Marshal McLuhan. Dessa forma, mostra que apesar da diferença na formação e dedicação acadêmica, ambos podem ser relacionados, fato inclusive assumido por McLuhan e relatado na obra supra referenciada.

De acordo com Mattelart (2002), é possível identificar na produção de Innis a relação entre desenvolvimento tecnológico e poder, na qual cada avanço pode ser compreendido como uma nova configuração social. Evoluindo esse pensamento, o autor traz na construção teórica a célebre frase de McLuhan quando coloca que “*o meio é a mensagem*”, relacionando de forma precisa a presença da influência da forma no conteúdo e identificando inclusive processos históricos da relação entre a comunicação e a configuração da sociedade. Isso porque o próprio McLuhan (1972) compreende o desenvolvimento da sociedade a partir da sua contextualização com os processos comunicacionais.

Com isso, é possível compreender uma nova organização social pautada por alguns aspectos teóricos que explicam a nova estrutura. Portanto, faz-se necessária uma perspectiva teórica que aborde prioritariamente questões como a *produção*, a *experiência* e o *poder*. A relação entre esses fatores é o que se compreende como comunicação simbólica entre os agentes presentes, prioritariamente os indivíduos e até mesmo as organizações e instituições. O resultado desse processo histórico sofre uma espécie de cristalização, criando o que se compreende como *cultura* ou *identidades coletivas* (CASTELLS, 1999).

A partir dessa contextualização o autor propõe uma compreensão específica de cultura inserida no âmbito da sociedade da informação. Coloca-se a cultura como resultado de um processo interativo presente de forma significativa nessa nova formatação da sociedade e reafirma a importância do viés cultural dentro da composição da sociedade, conceito destacado e trabalhado com maior profundidade no capítulo anterior.

Para afirmar isso, o próprio Castells (1999) indica que a presença do processo produtivo informacional gera uma busca por conhecimento e informação que proporciona o que se pode identificar como o desenvolvimento tecnológico e informacional. Uma questão emerge nesse cenário: o que isso interfere nas relações culturais?

O desenvolvimento tecnológico pautado pela procura da informação e por consequência do conhecimento infiltra-se nas estruturas sociais e remodela ou mesmo reorganiza as relação de experiência e poder, resultantes dessa nova configuração. Assim modifica aspectos inerentes ao comportamento social e até mesmo a comunicação simbólica. Nesse sentido, tem-se uma ligação próxima entre a cultura e as forças produtivas da sociedade (CASTELLS, 1999).

Para complementar esse pensamento, tem-se em Lemos e Cunha (2003, p.11) uma conceituação do termo *cibercultura* que sintetiza o pensamento de diversos autores contemporâneos, inclusive os citados anteriormente. O autor diz que

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporâneas sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

Esse trecho é de extrema importância neste momento do debate, pois identifica uma relação e principalmente o produto resultante de uma nova forma de concepção a respeito da cultura, que está ligado sim à tecnologia, entretanto está muito mais próximo dos processos sociais do que do tecnológico.

Outra informação relevante que o autor oferece é o apontamento da existência atual da cibercultura, que leva, por conseguinte à mesma indicação em relação à *sociedade da informação*. Tendo a presença da tecnologia como item fundamental dentro desse novo conceito da sociedade e as práticas de seus usuários levando a uma cultura resultante, pode-se afirmar inclusive que a existência dessa nova formatação cultural somente é possível dentro da sociedade da informação.

Por isso, ao buscar alcançar uma definição para o conceito de sociedade informacional é preciso compreender que essa categorização precisa ser entendida dentro e a partir de uma contextualização. Não se pode simplesmente definir a existência de uma *sociedade da informação* por si só. Essa colocação necessita de um avanço teórico importante (CASTELLS, 1999).

É preciso dar destaque a dois aspectos: no primeiro é o fato da sociedade informacional ser baseada em um sistema capitalista, ainda que remodelado e reestruturado. Em um segundo momento, não é passível, muito menos aceitável, ignorar

a diversidade cultural presente dentro dessa sociedade, pois como já foi colocado anteriormente, a presença das múltiplas culturas é um fator tão importante a ponto de criar variações em sua constituição enquanto definição do próprio processo de formação da sociedade (CASTELLS, 1999).

Até porque Wolton (1999, p.38 – *Tradução livre*) tece uma crítica em relação à identificação da sociedade da informação:

A comunicação se reduz às tecnologias, e as tecnologias se convertem em sentido, até o de que acabamos de chamar a sociedade de amanhã em sociedade da informação ou da comunicação em nome da tecnologia dominante. Estranha forma de compreender o sentido, tendo como referência a compreensão dos dados da informática.¹⁷

Nessa colocação, o autor destaca uma possível superficialidade a respeito do título da *sociedade da informação*, fazendo uma ligação direta com a presença da tecnologia dentro da sociedade. A discussão que precede e que se seguirá aprofundará esse processo, mostrando que a materialização da sociedade da informação demonstra o nível mais detalhado que simplesmente a exaltação da tecnologia inserida no contexto social.

O próprio Castells (1999, p.54) diz que “[...] devemos esperar o surgimento de novas formas históricas de interação, controle e transformação social”. Com essa colocação, é possível identificar inclusive o diagnóstico feito pelo autor a respeito da necessidade de novos processos comunicacionais. Isso se traduz em uma interessante análise a partir do contexto em que o texto foi desenvolvido.

Tratava-se do final da década de 90 e a presença dos meios de comunicação de massa já era uma realidade, até mesmo a internet já tinha se consolidado como um meio de comunicação extremamente promissor e propenso a uma grande popularização dentro da sociedade.

O autor destaca essa necessidade, ainda que não faça referência direta à internet ou quaisquer outros meios de comunicação, pois não bastava apenas um meio de comunicação capaz de proporcionar a interação entre seus atores. Ele avança o pensamento e propõe a existência da necessidade de ferramentas relacionadas a essas interações sociais que possibilitem aspectos como o controle e principalmente o

¹⁷ Do original: *La comunicación se reduce a las tecnologías, y las tecnologías se convierten en sentido*, hasta el punto de que acabamos de llamar a la sociedad del mañana «sociedad de información o de comunicación» en nombre de la tecnología dominante. Extraña manera de comprender el sentido, a imagen de la manera de comprensión de datos en informática (WOLTON, 1999, p.3).

surgimento de um vetor de transformação social, aspectos esses que atualmente, após mais de uma década de desenvolvimento do texto original, são facilmente identificadas em algumas ferramentas da internet.

De acordo com Lemos e Cunha (2003), a cada transformação midiática as relações espaço-temporais se reorganizam e ganham novas formatações. Isso é interessante, pois como será trabalhado posteriormente, a internet precisa alcançar uma legitimação enquanto meio de comunicação, pois a mesma assume uma grande quantidade de fluxos informacionais em tempo real e participação social em níveis altamente integrados que permitem identificá-la como o espaço da sociedade informacional já citada anteriormente por Castells (1999).

É preciso delinear o foco dos processos e movimentos citados até o momento. Quando se fala em sociedade, deve-se centralizar suas ações a partir dos agentes dessas relações: o indivíduo. Com isso, torna-se inevitável analisar a participação das pessoas na construção e manutenção do que se tem chamado até o momento de *sociedade informacional* (CASTELLS, 1999).

O próprio Castells (1999) pondera que a presença do indivíduo na sociedade baseada na formação informacional é um processo de construção de significado a partir dos próprios atores sociais e que está pautado por uma busca de referencial na cultura, ou nos atributos culturais relacionados ao que se espera definir enquanto identidade moldada dentro desses espaços.

Até porque Lemos e Cunha (2003) identificam a criação dos novos meios de comunicação, como a internet, a partir da sua relação com a utilização do usuário, mostrando que cada meio que surge na sociedade faz com que a mesma se reorganize em seus processos e práticas sociais. Ao colocar a *cibercultura* como essa íntima relação entre a cultura, a sociedade e as tecnologias digitais, ocasiona reordenamentos espaço-temporais em que torna possível ao ser estar em um determinado lugar e agir à distância. Por isso, a formatação a partir da *cibercultura* desenvolve uma ampliação a respeito das formas de ação e comunicação que os indivíduos são capazes de realizar sobre o mundo.

Nesse ponto, faz-se importante uma reflexão a respeito dos posicionamentos acima tratados. Ao considerar a presença do ser, ou indivíduos, em ambientes informacionais como, por exemplo, a internet – foco de explicação e aprofundamento no próximo tópico – entende-se que esse pertencimento é produto de um processo de construção e afirmação de um sentido ou um significado. Nesse contexto, o indivíduo só

alcança a amplitude do que se pode compreender até certo ponto como *representação* na medida em que utiliza os próprios atributos culturais como âncoras para a concretização dessa identidade. O faz a partir das ações realizadas dentro desse espaço, atitudes essas que são remodeladas se comparadas a outros momentos da sociedade.

Assim a cultura, não é apenas adjacente, marginal ou resultante dos processos sociais, ela é o início da construção do *ser* dentro dos espaços informacionais. Isso em momento algum impede a interação entre os indivíduos de diferentes culturas ou mesmo com formação adversa a respeito dos atributos culturais iniciais. Entretanto, servem como referencial para sua identificação dentro da sociedade da informação (CASTELLS, 1999).

Não é possível ignorar um questionamento que se faz latente nesse momento. Por que tratar de identidade e representação dos indivíduos em uma sociedade baseada em novos processos e novos modelos, tendo como base a informação como matéria-prima? Seria esse processo realmente necessário? A resposta evidente é *não*. Apesar de objetiva, não é a mais assertiva. Esse processo de construção de identidade do *ser* em uma nova sociedade é o paradigma que se apresenta nesse contexto, pois ao apresentar uma nova formatação social, faz-se necessário compreender como será a participação dos indivíduos nessa reorganização e assim eles precisam constituir um processo de identificação que necessariamente remete à constituição de uma representação do mesmo na *nova sociedade*.

De acordo com Alain Touraine (apud CASTELLS, 1999, p.58): “[...] numa sociedade pós-industrial em que os serviços culturais substituíram os bens materiais no cerne da produção, é a defesa da personalidade e cultura do sujeito contra a lógica dos aparatos e mercados que substituí a ideia de luta de classes.”

Nessa colocação, o autor não somente contextualiza como também justifica o posicionamento dos indivíduos perante o novo cenário que se apresenta. A ideia de cultura avança em relação a momentos anteriores e assume um novo discurso nas relações sociais.

A respeito da configuração da *sociedade da informação* é importante ressaltar que ao longo de sua obra, Castells (1999) desenvolve uma série de afinidades entre o desenvolvimento tecnológico e processo histórico e social em curso durante várias décadas do século XX. Com isso, o autor pontua que o que se pode compreender atualmente como uma nova formatação da sociedade é resultado sim de um processo revolucionário gradual e constante que a sociedade vivenciou nas últimas décadas.

Essa colocação torna-se relevante ao destacar que o desenvolvimento de novos processos e práticas sociais foram profundas e enraizaram-se nas sociedades e exigiram uma reestruturação tanto do Estado, como também da iniciativa privada. Faz-se digno de nota que o autor enfatiza que por diversos momentos o primeiro passo rumo a essa nova formatação da sociedade foi dado pelo Estado e não pelos empreendedores privados.

Desenvolvimento tecnológico esse que não cessa de acontecer. É o que discorre Lemos e Cunha (2003) ao colocar a continuidade desse desenvolvimento como uma ponte para novos processos sociais. Avançando a análise, é importante considerar as novas formas de acesso de que o indivíduo dispõe, principalmente a possibilidade de mobilidade. Não se trata mais de um único espaço que permitirá acesso a conteúdos e informações. O resultado desse processo é a formatação da rede. O autor ainda pontua enfaticamente o conceito da rede totalitária, mudando inclusive o conceito de computador pessoal – PC¹⁸ – para o computador conectado – CC – ilustrando uma nova forma de entender a organização social.

Para que se possa configurar a sociedade da informação como um momento legítimo e reconhecidamente presente no contexto histórico da humanidade é preciso definir o paradigma predominante dessa sociedade. Para isso, tem-se a discussão referenciada por Castells (1999) que identifica a presença do próprio paradigma da *sociedade informacional* a partir da elaboração feita por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi, tendo como base uma adaptação clássica proposta por Kuhn (1998) a respeito das revoluções científicas.

Kuhn (1998) propõe que todo processo de desenvolvimento científico é pautado a partir de uma crise de paradigmas no cenário em foco. Com isso, ao trazer essa definição para a conceituação do paradigma da sociedade da informação, Castells (1999) evidencia, ainda que implicitamente, que existe um modelo social em crise, cujas aplicações e resoluções já não apresentam mais soluções para a realidade atual.

Nesse contexto, o próprio Castells (1999, p.108) organiza o paradigma tecnológico desenvolvido por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi e oferece cinco princípios em busca da formatação do paradigma da sociedade da informação:

A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: *são tecnologias para agir sobre a informação*, não

¹⁸ Do original em língua inglesa: *Personal Computer*

apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores.

Nesse primeiro aspecto, destaca-se a abordagem a respeito da relação entre a tecnologia e a informação, em que o posicionamento adotado define a presença da própria tecnologia em sua aplicação sobre a informação. Dessa maneira, reafirma o papel da informação como matéria-prima da sociedade e não o oposto, em que a tecnologia é o processo central, aspecto esse que o autor enfatiza como presente em todas as revoluções precedentes.

Esse alinhamento justifica-se por um processo no qual a própria tecnologia é pensada para aprimorar e ampliar a participação da informação e por isso esse foco não apenas surge com coerência, mas principalmente como única possibilidade.

Dando sequência, Castells (1999, p.108) coloca que:

O segundo aspecto refere-se à *penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias*. Como a informação é uma parte integral de toda a atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico.

A tecnologia sendo moldada e trabalhada para servir à informação é preciso compreender que as novas tecnologias avançam em seu conceito de acessibilidade e penetrabilidade de toda a revolução tecnológica perante a sociedade na qual está inserida.

Essa linha de pensamento reforça a relevância da presença da cultura como um dos processos de significativa importância. À medida que se amplia e aproxima a relação entre tecnologia, informação e fatores culturais, tem-se um índice de penetrabilidade maior de todos os fatores, em especial da tecnologia e da informação como fontes influenciadoras da sociedade e do indivíduo, resultando assim em interferência sobre a própria cultura.

Castells (1999, p.108) continua:

A terceira característica refere-se à *lógica de redes* em qualquer sistema ou conjunto de relações, usando essas novas tecnologias da informação. A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. [...] E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana.

Nesse terceiro aspecto do paradigma, coloca-se a presença da conectividade dos agentes e processos sociais em destaque. O formato da rede apresenta adaptabilidade à complexidade social que essa nova organização exige. É possível até compreender a crise paradigmática proposta e que necessita encontrar seu ponto de equilíbrio nesse processo. Quando o autor supracitado propõe “estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana”, está se referindo à presença da estrutura em rede como uma forma de equilíbrio entre a *organização* e o *caos*, que deve permanecer em um estado de tensão em busca da inovação constante.

Vale ressaltar que perseguir o novo é instigar a interação e movimentação em busca de novos caminhos, processo esse perfeitamente possível por meio da lógica das redes.

Na sociedade, toda estrutura que alcança um determinado nível de complexidade ao mesmo tempo em que atinge uma proposição de valor social e cultural inestimável, necessita de uma estruturação que garanta sua acessibilidade constante ao mesmo tempo em que permita um reordenamento dos fluxos inseridos no processo.

Sem realizar uma analogia de valor, embora o mesmo ocorra com outros itens essenciais à vida cotidiana, tem-se em aspectos como o abastecimento de água, energia elétrica e o sinal telefonia fixa a mesma estrutura que garante a permanência do fluxo por se organizar em uma lógica de redes que pode suprir-se ainda que alguns pontos fiquem isolados ou inoperantes.

Dando prosseguimento, Castells (1999, p.108) coloca que:

Em quarto lugar, referente ao sistema de redes, mas sendo um aspecto claramente distinto, o paradigma da tecnologia da informação é baseado na *flexibilidade*. Não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma tecnológico é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade caracterizada por constante mudança e fluidez organizacional [...].

A lógica das redes e sua “estruturação do não-estruturado” desenvolvem o sentido de flexibilidade necessária aos agentes e presentes nesse processo. São eles os responsáveis pelas interações, entretanto essas conexões não são rígidas, tampouco fundamentalmente imutáveis. Ao contrário, o conceito de flexibilidade apresentado pelo autor permite ampliar para o aspecto de fluidez em que os atores do processo, sejam

indivíduos, ou mesmo instituições, permitem se reconfigurar e se reorganizar dentro de seu contexto social.

Para finalizar essa definição, Castells (1999, p.109) diz:

Então, uma quinta característica dessa revolução tecnológica é a crescente *convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado*, no qual trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado.

Assim, o autor finaliza a composição do paradigma da sociedade da informação abrindo novos caminhos, principalmente no contexto comunicacional. Ao propor o conceito de convergência em busca de um sistema integrador de processo e/ou funções, ele indica a necessidade de novos meios e plataformas informacionais. Um espaço onde a funcionalidade possa se multiplicar exponencialmente na medida em que debruça seus esforços em tecnologias a serviço da informação, tendo a própria informação como centro. É nítido que o caminho é a convergência tanto como um processo tecnológico, mas talvez até mesmo como um processo influenciado pela cultura.

Com isso, definem-se mais do que parâmetros paradigmáticos. Ficam colocadas as bases dessa sociedade informacional, não mais como um conceito ou ainda um ideal, mas sim como uma realidade. Sim, a sociedade da informação é uma realidade onde se tem pressupostos para um reordenamento social e cultural mediante uma transformação dos próprios preceitos da sociedade.

Nesse novo contexto, o paradigma se aplica à informação, por isso vários aspectos levam a considerar uma sociedade informacional e remete a alguns questionamentos: quando a informação atingiu esse patamar de importância na sociedade? Como se pode materializar esse processo dissertado anteriormente?

Essas questões se entrelaçam e exigem uma resposta conjunta. A importância da informação sempre esteve presente, pois como foi colocado por McLuhan (1972) e Burke e Briggs (2004), a sociedade por vezes foi organizada e até mesmo classificada de acordo com a relação entre comunicação e sociedade. A matéria-prima desse processo sempre foi a informação. Por isso é possível afirmar que a informação sempre esteve presente com grande importância na sociedade.

Entretanto, outras classificações da sociedade não a colocavam como tendo a informação no centro de seus processos. Até porque como explica Wolton (1999), o conceito de sociedade da informação já existia na sociedade, porém aplicada a outros meios como os livros, as revistas e qualquer forma de interação social mediada.

Um dos fatores que provavelmente influenciaram foram o desenvolvimento e formatação dos meios de comunicação que até então apresentaram certa limitação na relação com a oferta da informação e principalmente em sua participação com a sociedade.

Entretanto é perceptível o avanço intelectual proporcionado por Castells (2009, p. 24 – *Tradução livre*) ao redefinir a forma de compreender a *sociedade da informação*:

A sociedade em rede é a sociedade cuja estrutura é composta em torno das redes ativadas por microeletrônica-baseada em informações digitalmente processadas e tecnologias da comunicação. Eu entendo as estruturas sociais como arranjos organizacionais dos seres humanos nas relações de produção, consumo, reprodução e poder expressos por meio da codificação pela cultura.¹⁹

Ao identificar o avanço teórico realizado pelo autor após mais de dez anos de sua obra referencial *A sociedade em rede* – Castells (1999) –, em texto mais recente o autor propõe limites muito interessantes a respeito do conceito da *sociedade em rede* que tem por base a própria *sociedade da informação*. Entretanto, ele desenvolve o pensamento e não compreende a cultura somente como resultado do processamento e interação dos usuários em seu ambiente. Mas apresenta a cultura como um espaço de codificação dos significados sociais e seus processos envolvidos.

Nesta mesma obra, Castells (2009) dedica-se a compreender como a sociedade da informação gerencia a relação entre poder e comunicação, o que pode ser percebido de acordo com a citação acima. É importante ressaltar que nessa obra o autor atualiza o conceito de cultura dentro da sociedade em rede. Em um primeiro momento compreendeu a cultura como resultado ou produto de interações prévias; posteriormente a cultura é compreendida como vetor dentro do processo (CASTELLS, 2009). Essa mudança de pensamento é muito significativa para o trabalho, pois desloca a ideia inicialmente apresentada e trata a cultura em um novo panorama aprofundando e dando novas funções aos processos culturais existentes dentro da sociedade *da informação*.

Não sendo mais produto e sim veículo dos significados das atitudes dos seres dentro da sociedade, toda e qualquer ação é carregada de seu contexto cultural e sua forma de materializar-se amplia seu espectro de representação e passa a ser um

¹⁹ Do original: A network society is a society whose social structure is made around networks activated by microelectronics-based, digitally processed information and communication technologies. I understand social structures to be the organizational arrangements of humans in relationships of production, consumption, reproduction, experience, and power expressed in meaningful communication coded by culture (CASTELLS, 2009, p.24).

multiplicador do significado que a própria ação transmite. Identificar esse processo dentro da internet é um dos focos centrais desse trabalho, pois a dialética proposta pelo próprio Castells (1999; 2009) está presente na presença dos indivíduos e no uso dos espaços comunicacionais da *sociedade informacional*, tendo a internet como principal agente nesse processo.

O autor ainda pondera, ao analisar a série de fatores, que isso pode influenciar o processo e principalmente a força de informações entre culturas diferentes. Para tanto, faz a seguinte colocação:

[...] a cultura comum da sociedade em rede global é uma cultura de protocolos de comunicação, permitindo a comunicação entre culturas diferentes não tendo como base os valores compartilhados, mas a partilha do valor da comunicação (CASTELLS, 2009, p. 38 – *Tradução livre*).²⁰

Esse paradigma exposto é o que o próprio autor adota como forma de abordagem e hipótese para a realização da obra, buscando ressaltar não somente o processo comunicacional como troca de valores, mas como partilha integrada, capaz de aproximar diferentes culturas pelo simples ato de partilha da informação.

Pode-se afirmar com isso que a internet é o espaço inicial para o desenvolvimento e materialização desta proposta, pois une todos os princípios identificados e explanados anteriormente em um contexto fortemente midiático, com o diferencial de entender seu público, ou usuário, como não apenas um mero receptor, reformulando o processo comunicacional. Esse item será abordado e explorado no tópico a seguir.

3.2 A INTERNET COMO ESPAÇO MIDIÁTICO

Em busca de entender a configuração da internet como um espaço que, atualmente, já pode ser compreendido como um meio de comunicação, formatado com características e aplicações próprias, faz-se necessário delinear algumas contextualizações históricas e sociais que permitam considerar a internet como um meio de comunicação.

²⁰ Do original: [...] *the common culture of the global network society is a culture of protocols of communication enabling communication between different cultures on the basis not of shared values but of the sharing of the value of communication* (CASTELLS, 2009, p.38).

Não é objetivo dessa etapa do trabalho detalhar todo o processo histórico vivenciado pela internet desde sua concepção até o momento atual de desenvolvimento. Essa escolha se justifica por alguns fatores.

Em primeiro lugar é o fato de que o debate e o registro da história da internet tem sido foco de múltiplos trabalhos e publicações nas últimas décadas, principalmente a respeito de sua criação e desenvolvimento inicial. Isso por si só já demonstra a recorrência do tema, de importância já identificada tanto quanto de sua profundidade de discussão alcançada. Entretanto, não limita a necessidade de contextualizar seu surgimento e processo histórico, ainda que de forma breve e resumida

Em um segundo momento, tem-se a necessidade de discutir a internet enquanto meio de comunicação que tem passado por constantes e profundas mudanças e redefinições. Para tanto, o foco recai justamente neste aspecto: a busca da configuração da internet como um espaço midiático de interação entre os diferentes atores sociais presentes na sociedade da informação.

Para elaborar um breve contexto histórico da internet é preciso considerar que o que se tem atualmente como internet é resultado de uma interação e até mesmo fusão entre iniciativa do Estado, motivada principalmente por interesses militares, colaboração da comunidade acadêmica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999).

Partindo para uma discussão a respeito de sua criação, pode-se considerar que o surgimento está intimamente ligado à presença e iniciativa do Estado, mais especificamente o governo norte-americano, por meio da Agência de Projetos de Pesquisa Avançadas²¹ – *ARPA* – pertencente ao departamento de defesa dos Estados Unidos. Em meio a Guerra Fria, principalmente após o lançamento do satélite Sputnik pelos soviéticos no final da década 50, os Estados Unidos identificaram a necessidade do desenvolvimento de um sistema de defesa de dados e informações que não fosse vulnerável a possíveis ataques (CASTELLS, 1999).

Nesse contexto, pensou-se um sistema que não apresentasse a dependência de centro de comandos, que não dispusesse de um único espaço para armazenamento e centralização da troca de informações. Dessa forma, possibilitou que seus conteúdos se reorganizassem e oferecessem novas rotas para os fluxos de informações de acordo com a necessidade e/ou disponibilidade física (CASTELLS, 1999).

²¹ Do original: *Advanced Research Project Agency* – *ARPA* (CASTELLS, 1999, p. 82).

Esse sistema foi elaborado a partir do conceito de *nós*, que estava interligado e permitia a existência do fluxo de informações. A essa rede deu-se o nome de ARPANET e ela entrou em operação no dia 1º de setembro de 1969 com quatro nós em funcionamento. Eles estavam alocados nas Universidades da Califórnia em Los Angeles, no Stanford Research Institute, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah (CASTELLS, 1999).

A escolha pela localização desses nós em universidades e institutos de pesquisas não foi aleatória, tampouco ocasional. A comunidade científica teve papel importante no desenvolvimento dessa tecnologia e a presença desse aparato em instituições civis certamente inibiram possíveis ataques ao sistema e sua estrutura. Na sequência, será possível identificar que esse fato foi muito importante para a constante evolução do sistema, pois sua proximidade com a academia acabou por possibilitar seu aprimoramento e aproveitamento para outros fins.

O número dos pontos de acesso à internet cresceu exponencialmente nos anos que se seguiram, assim como a utilização da rede a fim de proporcionar a realização de pesquisas militares, bem como científicas. A importância da rede e seu uso ganharam tanto significado na área acadêmica, que em meados dos anos oitenta foi preciso dividir a estrutura da rede de acordo com seus objetivos, a ARPANET foi destinada a utilização para fins acadêmicos, enquanto que foi criada a MILNET orientada única e exclusivamente para a utilização militar (CASTELLS, 1999).

Além disso, a Fundação Nacional para a Ciência - NSF²² esteve envolvida no desenvolvimento de outras redes com fins científicos, a CSNET, e com fins acadêmicos, porém não-científicos, a BITNET, esta última tendo como parceira a empresa IBM. Todas essas redes usavam como base de interconexão a ARPANET e ficou conhecida em um primeiro momento como ARPA-INTERNET e posteriormente somente como INTERNET (CASTELLS, 1999).

Neste momento, faz-se importante a análise a respeito desses fatos históricos. Como foi relatado anteriormente, a funcionalidade da rede foi pensada inicialmente para ter a aplicação exclusivamente para defesa das informações de um governo. Entretanto, não é necessário detalhar que sua aplicação não ficou restrita a esse objetivo e isso possibilitou um surgimento de novas redes e, por consequência, de novas aplicações

²² Do original: *National Science Foundation* (CASTELLS, 1999, p. 83).

para esse espaço de fluxo das informações. Não obstante, novas redes surgiram e buscaram se interligar. Estava constituída a internet.

Com a evolução tecnológica crescente, as estruturas existentes no início da década de noventa já estavam obsoletas, por isso no ano de 1990 a ARPANET é desativada, passando o gerenciamento da internet para a NSFNET, controlada pela NSF. Essa estrutura permaneceu até o ano de 1995 quando também foi desativada pelo governo norte-americano, tornando a internet totalmente controlada pela iniciativa privada. Com isso, nenhum órgão ou instituto controlava a internet e seu fluxo de informação e comunicação (CASTELLS, 1999).

A utilização comercial dessa rede foi uma questão de tempo. Uma vez destinado seu uso e controle à iniciativa privada, fez-se necessária a criação de instituições que organizassem e coordenassem as atividades dentro desse novo espaço. De acordo com Castells (1999), as primeiras tentativas de formatarem a coordenação da internet foram um tanto quanto frustradas, já que as instituições criadas para esse fim não o exerciam de fato, isso já no final da década de 90, quando seu uso pela iniciativa privada já estava completando aproximadamente dez anos em alguns países.

Nesse contexto surge a percepção que a internet é dotada de poucas regras a serem seguidas na internet e até mesmo um sentimento de anarquia ligada ao uso e possibilidades do meio (CASTELLS, 1999).

De acordo com Wolton (1999), esse sentimento de liberdade e autonomia foi responsável inclusive pela sedução que esses meios exerceram dentro da sociedade, já que a individualização do processo de comunicação baseado na internet provocou o surgimento e fortalecimento da percepção de uma participação social independente e até mesmo com poucas regras e com a possibilidade de uma autopromoção do indivíduo, sendo fatores, que segundo autor, justificaram o interesse de boa parte dos usuários da internet em sua etapa inicial.

Para que a ampliação do meio se tornasse possível, permitindo aplicações inicialmente impensadas por seus desenvolvedores, foi necessário um grande investimento e desenvolvimento tecnológico. Com isso, a criação de padrões de envio e recebimento de dados fez-se importante e ainda mais relevante era a necessidade de compatibilidade desses padrões ao redor do globo, exigindo que cientistas e estudiosos chegassem a um denominador comum em busca de uma maior conexão entre as estruturas da internet (CASTELLS, 1999).

Ainda de acordo com Castells (1999), a respeito da tecnologia é importante ressaltar que o desenvolvimento aplicado a esse processo de ampliação da rede mundial de computadores pautou-se por alguns fatores de destaque, pois foi preciso investir em estrutura física de comunicação e transmissão de dados além do desenvolvimento de linguagens e protocolos de conexão entre os diferentes pontos de acesso.

Não é aqui um espaço destinado ao detalhamento das múltiplas fases de desenvolvimento tecnológico sofridas durante a evolução da internet, pois o processo evolutivo é pontuado por diferentes momentos, muito deles concomitantes e com diferentes intuitos de criação e aplicação. Isso porque ao lançar o conceito inovador da internet era de se esperar que em diferentes locais, distintos pesquisadores e instituições buscassem alcançar acesso a rede através de múltiplas plataformas e protocolos (CASTELLS, 1999).

O ponto alto desse processo evolutivo é a chegada do que se conhece hoje como a teia mundial de computadores – WWW²³ – protocolo que facilitava significativamente a navegação e tinha como base a organização dos conteúdos e a simplificação do processo de pesquisa nos mesmos. Esse sistema foi criado por Tim Bernes Lee e Robert Cailliau dentro do Centro Europeu para pesquisas Nucleares – CERN²⁴ – eles foram considerados os criadores da linguagem que deu início ao processo de popularização da utilização doméstica por proporcionar um visual mais agradável e a disponibilização dos conteúdos baseados em hipertextos²⁵. A essa tecnologia, Tim Berners Lee aprimorou a linguagem e permitiu que materiais visuais e até mesmo audiovisuais fossem adicionados como recursos para a disponibilização da informação (CASTELLS, 1999).

Nesse contexto, já é possível notar um novo foco recaindo sobre a internet e sua utilização. O fato de a preocupação nesse momento de desenvolvimento da tecnologia estar sobre a ampliação de acesso e facilitação do uso permite identificar que o usuário já é visto como um dos alicerces dessa estrutura de troca de informações e que seu conteúdo está sendo moldado a partir de suas necessidades e anseios. Característica predominante dentro do conceito dos *meios de comunicação tradicionais*.

Com isso, o *centro gravitacional* da internet já apresenta mudanças significativas. Ao ter o usuário como o principal aspecto de referência é inevitável

²³ Sigla decorrente dos termos *World Wide Web* (CASTELLS, 1999, p.88)

²⁴ Do original: Centre Européen pour Recherche Nucleaire (CASTELLS, 1999, p.88)

²⁵ Conceito de transmissão fundamentado em emissões horizontais (CASTELLS, 1999, p.88)

preocupar-se com seus desejos e anseios, ainda que incipientes nesta etapa, sendo considerados dentro do desenvolvimento do próprio meio. Isso é reforçado pelo fato de o próximo passo consistir na elaboração de um *software* com a finalidade de promover a navegação pelo conteúdo disponibilizado na internet. O primeiro navegador construído e disponibilizado gratuitamente na *Web* foi o *Mosaic* criado por Marc Andreessen. Dessa forma, chegou-se ao que se pode chamar de a era dos navegadores, em que cada empresa, inclusive o próprio Andreessen buscou desenvolver outros aplicativos que aperfeiçoassem o conceito apresentado pelo *Mosaic* anteriormente (CASTELLS, 1999).

Esse processo é interessante e reafirma as próprias colocações de Castells (1999) quando o autor propõe que na sociedade da informação, a principal revolução é comandada pelos próprios agentes da sociedade. Eles se apropriam dos processos produtivos, organizam-nos e reinventam a partir das premissas da revolução tecnológica em curso que pressupõe a relação entre *inovação* e *uso* dos estágios que possibilitam a reinvenção do meio a partir do uso feito por seus usuários.

Um fato que merece nota é a escassez de material bibliográfico a respeito da história recente da internet. Entende-se por esse período os acontecimentos que datam do final da década de noventa a meados da primeira década do século XXI. Durante esse intervalo, pode-se considerar que houve mudanças significativas nesse meio de comunicação e que precisam ser demonstrados e discutidos para que se possa compreender a internet na atualidade.

De acordo com o documentário *Internet True History* (2008), quatro aspectos foram predominantes: a disputa entre os navegadores de internet, os serviços de busca de conteúdos, o comércio eletrônico e o poder das pessoas dentro da internet. Sobre cada um desses aspectos faz-se necessário uma breve explanação para que se possa compreender o contexto atual e suas possibilidades.

O primeiro aspecto a ser detalhado é o surgimento e crescimento dos navegadores de conteúdo dentro da internet. Com a *web* ganhando cada vez mais presença dentro da rede e o sucesso relativo do *Mosaic*, lançado por Andreessen, e que inaugurou o conceito de navegação de conteúdo, muitas empresas iniciaram o desenvolvimento de seus softwares de acesso à informação disponibilizada (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Esse interesse crescente justificou-se, pois o conceito apresentado por Andreessen e seu *Mosaic* possibilitava um novo leque de opções para o usuário comum da internet, pessoas simples que agora estavam no foco de desenvolvimento. Com isso, grandes

corporações fizeram grandes investimentos na criação de seus navegadores. Delineava-se a guerra dos navegadores, que chegou a ter episódios na justiça de alguns países por conta de suas práticas comerciais adotadas em empresas do mercado (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

O que deve ser destacado é que rapidamente o público virou o foco dentro da internet, pois até o surgimento e disseminação dos navegadores dentro da internet, principalmente da *web*, sua utilização era extremamente restrita a poucos pesquisadores e fatias da sociedade. Dessa forma, pode-se afirmar que os navegadores de conteúdo são o primeiro grande movimento em busca de uma popularização da internet (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Em um segundo momento, tem-se uma nova preocupação dentro da internet, a quantidade de informação disponível e principalmente como encontrá-la. Como a rede surgiu basicamente como um grande repositório de conteúdo que pudesse ser acessado de qualquer lugar, nada além do esperado que essa quantidade de dados fosse crescendo exponencialmente com o passar do tempo. A questão recaiu sobre uma forma de organizar e principalmente encontrar esse conteúdo (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Dessa forma, o segundo ponto de destaque nos acontecimentos recentes da internet é o desenvolvimento dos serviços de busca ou pesquisa. Antes das ferramentas de busca, *navegar* na internet exigia justamente uma espécie de *passeio* por diversos sites e conteúdos interligados e dentro dessa jornada encontrar o que se desejava era um exercício considerado muito complexo. O principal desafio foi a catalogação, organização e disponibilização desse conteúdo para os usuários. Com isso, diversas empresas buscaram criar uma metodologia, em específico um sistema, que alcançasse um nível satisfatório de catalogação e organização (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Pode-se considerar que a empresa que atingiu significativo índice de sucesso nesse processo foi a Google²⁶ que criou um sistema que catalogava as informações de acordo com sua relevância e fazia isso utilizando a própria internet como critério para determinação da importância. Isso tornou os resultados das pesquisas em seu site muito mais precisos e coerentes com os termos pesquisados (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

²⁶ Site de busca, disponível em: www.google.com

Sob esse ponto de vista, vale ressaltar a ideia de Castells (1999), já discutida anteriormente, em que o meio se reinventa a partir de sua própria utilização. A necessidade de reconfiguração dos conteúdos estava dentro da própria internet e ela própria possibilitou um cenário novo de pesquisa e navegação em seu conteúdo.

Outro fato de relevância é a utilização comercial da internet presente ao final da década de noventa e que fez necessário um redesenho do conceito de comércio. Assim como a utilização da internet crescia rapidamente, o surgimento de novas ferramentas e aplicações também se desenvolvia. Uma das ferramentas foi a criação de espaços para a comercialização de produtos e serviços dentro da *web*. Entre os pioneiros desse processo destacam-se o eBay.com²⁷ e a Amazon.com²⁸ que buscaram uma aplicação estritamente comercial para a internet e dessa forma a materialização de um local para a oferta de produtos e serviços (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Os resultados das empresas comerciais na internet foram tão significativos que o mercado financeiro não deixou passar despercebido e em pouco tempo estavam fazendo grandes investimentos nas diversas empresas que se propunham a oferecer algo dentro da internet. Isso gerou o que ficou conhecido como a *bolha da internet*, evento que ocorreu no ano dois mil e que ocasionou um enxugamento significativo do dinheiro investido nas empresas focadas no comércio via internet. Até grandes corporações que estavam relativamente estabilizadas como as já citadas Amazon.com e eBay.com passaram a correr sério risco de fechamento. O que ocasionou esse cenário foi uma busca desenfreada por ações das empresas comerciais da internet no mercado financeiro, isso sem que essas empresas fossem capazes de comprovar sua viabilidade econômica (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Depois desse episódio houve um reordenamento e o comércio eletrônico ou virtual precisou se reinventar e principalmente desenhar uma nova forma de negócio, mais sustentável e com viabilidade financeira sólida (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Lopes (2006) pondera que a instalação da crise dentro das empresas de alta tecnologia é resultado de um desequilíbrio entre o capital fictício e o capital produtivo. Isso porque na *virtualização* dos processos financeiros e dos resultados altamente positivos apresentados por essas empresas nas primeiras fases do seu estágio de desenvolvimento, acabaram por criar um novo panorama de *hipervalorização* comercial

²⁷ Site de leilão virtual, disponível em: www.ebay.com

²⁸ Loja virtual, disponível em: www.amazon.com

desse segmento. Desenhando um cenário díspar de capacidade produtiva e valorativa, culminando no esvaziamento do financiamento, como já fora citado anteriormente.

Nessa contextualização, o autor propôs inclusive uma reorganização do modelo e de todos os processos embutidos na relação com o sistema econômico e as empresas de grande desenvolvimento tecnológico, alertando para uma piora no cenário caso os preceitos conceituais não fossem revistos.

Atualmente, cinco anos após a realização dessa leitura social, é possível identificar um cenário diferente a respeito dos processos comerciais dentro da internet e também da sociedade da informação. Já que se continua um pleno desenvolvimento da economia dentro dos ambientes informacionais sem que haja riscos tão evidentes. Isso porque percebe-se um fortalecimento no capital dessas empresas e uma preocupação em evitar o cenário descrito anteriormente.

Por último, a característica mais marcante da história recente da internet é o que se costuma chamar de *web 2.0*, tópico inclusive que será abordado mais adiante neste capítulo. A ideia de uma nova formatação na internet também é contemporânea dos outros fatos já narrados anteriormente, entretanto passou a ter uma representatividade maior durante a primeira década do século XXI. O conceito principal trabalhado por essa nova formatação é a produção e distribuição de conteúdos por todos os usuários da internet. Nesse modelo, ferramentas e aplicativos são pensados para permitir que todos, de alguma forma, possam transmitir suas informações dentro de espaços predeterminados dentro da *web* (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Essa nova configuração rompe o paradigma presente até então nos meios de comunicação tradicionais que compreendiam o público como mero receptor de informação e passam a entendê-lo também como emissor. Tem-se a possibilidade de compartilhar informações e conteúdos com praticamente todos que estão conectados na internet e isso criou uma nova forma de visualizar a rede (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Inicialmente, os usuários buscavam compartilhar conteúdos e arquivos via internet, trocando entre si arquivos de música em *MP3* e posteriormente outras ferramentas foram desenvolvidas como os *weblogs* ou *blogs* como são conhecidos atualmente, que não passam de páginas pessoais, em que o usuário edita e publica seus conteúdos para os outros usuários acessarem. Dessa forma, todos passam a ser emissores e receptores ao mesmo tempo e um novo formato na comunicação está posto dentro desse meio (INTERNET TRUE HISTORY, 2008).

Assim, pode-se fazer a ligação entre a internet e a materialização da *sociedade da informação*, pois como o próprio Castells (1999) previu, torna-se necessária a existência de um espaço como vetor de ações e atitudes referentes a essa nova configuração da sociedade. A internet, em algumas etapas do processo evolutivo, pode deixar de ser vista como um mero fluxo de informação e principalmente armazenamento de dados para lançar suas bases em busca de uma configuração enquanto espaço midiático ou mesmo um meio de comunicação a serviço da sociedade.

Entretanto, esse meio de comunicação não segue os padrões estabelecidos pelos meios eletrônicos disponíveis até então. Configura-se sim como uma mídia que inova e passa a apresentar novas relações entre o próprio meio e seus usuários.

De acordo com Wolton (1999), as novas tecnologias e pode-se assim considerar a internet dentro dessa configuração, estimulam uma nova forma de interagir do meio de comunicação com a sociedade em que ele está inserido. Os agentes do processo comunicacional, no caso os usuários, têm a possibilidade de *atuar* e despertam a *capacidade criativa* envolvida no diálogo, pois lança novos olhares à imaginação, por uma busca de um estilo e também de formatos que expressem sua cultura.

Pode-se inclusive afirmar que o resultado dessa presença e participação dos indivíduos dentro de espaços virtuais como a internet é entendido sim como novas formas culturais ou mesmo como “lugares de criação da cultura contemporânea” (WOLTON, 1999, p.98)

Como um espaço midiático, é preciso que a internet consiga delinear suas ferramentas comunicacionais e principalmente o papel que a informação tem e exerce dentro de meio de comunicação. Além disso, o que se compreende como internet atualmente era vista, em princípio, apenas como uma função dentre todas as possibilidades da rede, é o que se pode chamar de *web*, rede ou simplesmente internet (WOLTON, 1999).

Segundo Wolton (1999) é possível identificar a presença da informação na internet em quatro categorias: *as informações de serviço, de entretenimento, informações-acontecimentos e informações-conhecimento*.

Essa classificação é bastante interessante, pois retrata um pensamento a partir de uma óptica em que a internet estava buscando uma formatação e permanecia em plena efervescência histórica e conceitual. A partir dessas definições, compreendem-se os usos possíveis dentro desse meio com ênfase na participação do emissor e do receptor.

O próprio Wolton (1999) discorre a respeito de cada categoria. Nas informações de serviço estão alocadas informações a respeito da meteorologia, das bolsas de valores e principalmente dos buscadores, ferramenta até então considerada secundária e principiante na internet, fato que iria se modificar na próxima década devido ao processo de organização da informação e sua hierarquização ganha significativa relevância.

Sobre as informações de entretenimento, o autor propõe que um nível da informação é destinado à utilização em jogos interativos em rede e que com o desenvolvimento tecnológico, essa aplicação deve aumentar significativamente sua importância.

Posteriormente, Wolton (1999) dá duas definições que complementam essa categorização e que se relacionam enquanto à sua aplicabilidade. A terceira categoria destacada por ele trata-se da *informação-acontecimento* que são ofertadas pelos periódicos presentes na internet, jornais e revistas, normalmente mantidos e atualizados por suas equipes e agências de notícias.

Na última classificação, o autor identifica como *informação-conhecimento*. Nesse caso é preciso compreender que tal nível de informação ilustra todo conteúdo acessível dentro da internet, resultado de um saber e de uma construção. A informação não existe se não foi construída, por isso pode ser compreendido como um processo arbitrário e que se relaciona com o real.

Nas três primeiras categorias, fica nítido o fluxo informacional de emissor, meio e receptor, mas na quarta categoria abre-se um pressuposto para uma discussão mais detalhada a respeito da responsabilidade sobre a informação construída. Wolton (1999) não explicita quem desenvolve essa construção e permite que o modelo de emissor, meio e receptor seja colocado em questão, pois quem deve construir essa informação? Além dos meios de comunicação e provedores de conteúdo é preciso pensar em outras fontes de alimentação para esse processo. Atualmente, depois de mais de uma década de desenvolvimento da internet como um meio de comunicação, essa resposta é objetiva. O próprio usuário é o responsável por tal desenvolvimento. É a ideia básica e inicial do que se conhece por *Web 2.0*.

Finalizando essa compreensão, o próprio Wolton (1999) identifica que existe uma oferta de informação muito maior que a própria demanda. Entretanto, essa colocação precisa ser revista, pois em pouco mais de dez anos de desenvolvimento pode-se afirmar que não há bases plausíveis para comprovar tal afirmação. A internet

hoje apresenta uma pluralidade muito grande de produção e consumo e isso permite que todo conteúdo produzido e publicado tenha um bom potencial de ser consumido e assimilado.

Com a informação sendo construída e disseminada dentro da internet, surgem concomitantemente ferramentas que têm como foco estreitar o relacionamento entre os usuários da rede: são as chamadas *redes sociais*. Recuero (2009) faz uma ótima colocação a respeito da presença das redes sociais na internet e as define como um processo de integração social entre atores mediados por computadores.

Essa definição é interessante, pois como foi visto dentro do conceito de web 2.0, essa integração é pautada pela produção de conteúdo por parte dos atores interagentes nesse processo. À medida que as ferramentas virtuais passam a permitir novas formas de composição dessa relação, novos conteúdos são produzidos e o relacionamento dentro desses espaços alcança outro nível de proximidade.

Nesse viés, é possível compreender que a existência da integração de atores sociais dentro de espaços virtuais mediados por computadores por meio de uma relação baseada na produção de conteúdos pelos próprios usuários, torna possível identificar essa produção de conteúdos como uma aproximação com a produção cultural desses atores e transforma as redes sociais em um ambiente de fermentação da cultura dentro dos espaços virtuais.

Recuero (2009) ainda discorre a respeito dos diferentes tipos de laços que podem ser desenvolvidos dentro de tais espaços que acabam por reafirmar a ideia trabalhada anteriormente. Ela classifica os laços desenvolvidos como associativos ou dialógicos, em que o primeiro propõe uma interação reativa e o segundo uma interação mútua.

Nesse contexto, a interação entre os usuários da internet ou atores das redes sociais, amplia a importância dos conteúdos gerados pelos próprios usuários e passa a determinar esse aspecto como um dos mais relevantes dentro da internet na atualidade.

É possível, assim, trazer para a discussão as ideias colocadas por Castells (2001), que discorre a respeito da cultura da internet. Entre suas colocações, ele analisa a formação do processo cultural a partir da própria interação de seus usuários. Ponderando as diferentes formatações culturais que o autor propõe para compreender a internet, faz-se interessante atentar-se a participação de todos em sua constituição.

Castells (2001) demonstra isso ao citar a existência de uma arquitetura aberta dentro da internet, isto é, todos podem contribuir e moldar as funcionalidades e ferramentas a partir do seu próprio uso e também de seus interesses, uma vez que se

rompeu o paradigma de poder ligado a uma minoria, fato possível de ser identificado nos outros meios de comunicação em que o domínio do discurso está diretamente relacionado a quem detém as empresas capazes de gerar a informação.

Como foi visto nas colocações de Recuero (2009), o princípio da *Web 2.0* está presente na internet desde sua concepção e pode-se considerar que boa parte do processo evolutivo dissertado no presente tópico deve-se justamente à possibilidade de participação de todos os seus usuários, sendo pré-requisito para essa participação o conhecimento a respeito das técnicas e linguagens que compõem a formatação do próprio meio, ressaltando não existir um filtro moderador, muito menos modelador do conteúdo e formato a ser transmitido dentro da internet.

É nesse aspecto que Castells (2001) foca parte de sua obra ao contemplar-se a cultura da internet como resultado de um de seus principais trunfos à abertura tecnológica, ou como o próprio autor classifica, a presença de *softwares de fonte aberta*²⁹ em sua estrutura. Esse fato é uma determinação cultural dentro da própria internet.

Para concluir seu pensamento, Castells (2001, p. 77 – *Tradução livre*) diz:

A cultura da Internet é uma cultura construída sobre a crença tecnocrática na evolução humana por meio da tecnologia praticada por comunidades de hackers que se desenvolvem em uma relação de criatividade livre e aberta, colocada nas redes virtuais dedicadas à reinvenção da sociedade e materializada por empreendedores capitalistas no impulso de criar a nova economia.³⁰

Nessa colocação, fica nítida a conceituação que o autor propõe para a cultura dentro da internet. Um fato que se mostra relevante é a constante relação da construção cultural como o desenvolvimento de um processo social e de suas relações com os fatores do cotidiano, no caso da internet a relação com tecnologia e a evolução da mesma. O que pode ser evidenciado é que a responsabilidade, tanto da formatação da internet, como também de seu crescimento está centrado em seus usuários e não em agentes macros com interesses específicos, ainda que o autor ressalte a existência e a

²⁹ Tratam-se de programas e/ou sistemas computacionais que permitem o desenvolvimento dos mesmos a partir de seus usuários. A internet pode ser compreendida como um *software* de fonte aberta, já que todos que detêm certo conhecimento tecnológico são capazes de produzir e disseminar conteúdo dentro da internet (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009).

³⁰ Do original: La cultura de Internet es una cultura construida sobre la creencia tecnocrática en el progreso humano a través de la tecnología, practicada por comunidades de hackers que prosperan en un entorno de creatividad tecnológica libre y abierto, asentada en redes virtuales dedicadas a reinventar la sociedad y materializada por emprendedores capitalistas en el que hacer de la nueva economía (CASTELLS, 2001, p.77).

importância do processo econômico relacionado ao desenvolvimento da própria cultura da internet.

Por isso, fica evidente que a matéria-prima da internet é a informação, porém ela em seu contexto livre, passível de novas formatações e organizações alcançando novos patamares e relações sociais a fim de uma compreensão da cultura resultante desse processo.

Com tais definições, pode-se compreender a importância da presença da informação dentro da internet, entretanto somente esse fato não a torna um espaço midiático. O próprio Wolton (1999) refuta essa proposta, pois de acordo com seu ponto de vista, a internet não se encaixa no perfil e aplicações dos meios de comunicações tradicionais e ele está correto. Entretanto isso não impede que a discussão avance, pois como o próprio autor destacou não se trata de um meio de comunicação tradicional, mas de uma nova definição a respeito de meios de comunicação, reconfigurando suas definições e aplicações a partir de novos paradigmas propostos pela *sociedade da informação*.

Se o conceito de paradigma de Kuhn (1998) fosse trazido ao contexto da internet poderia ser visto justamente como uma crise paradigmática aplicada aos meios de comunicação que como o próprio Castells (1999) propôs, tem por base sua reinvenção a partir de seu uso e aplicação dentro do próprio espaço.

De acordo com Lemos e Cunha (2003, p.16):

Podemos dizer que a Internet não é uma mídia no sentido que entendemos as mídias de massa. Não há fluxo um - todos e as práticas dos utilizadores não são vinculadas à uma ação específica. Por exemplo, quando falo que estou lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estou fazendo. Mas quando digo que estou na internet, posso estar fazendo todas essas coisas ao mesmo tempo, além de enviar email, escrever em blogs ou conversar em um chat. Aqui não há vínculo entre o instrumento e a prática. A internet é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de comunicação e não uma mídia de massa, no sentido corrente do termo.

À medida que a internet se formata como um meio múltiplo, repleto de ferramentas e funcionalidades, na qual está presente a figura do emissor e do receptor em um processo mediado dentro de uma plataforma, tem-se sim um meio de comunicação. Talvez multifacetado, ou ainda em construção e até mesmo em pleno processo evolutivo, mas trata-se sim de um meio de comunicação.

O que precisa ser compreendido são as expectativas a respeito da internet como um meio de comunicação, até porque segundo a proposta de Lemos e Cunha (2003),

tem-se na internet um ambiente propício ao desenvolvimento para diferentes formas de comunicação. Fato reafirmado no discurso de Recuero (2009) ao colocar as diferentes funcionalidades alcançadas por uma aplicação específica da internet, ou mais especificamente de uma ramificação da mesma, que são as *redes sociais*.

Ousar compreender a internet como um processo único é tão errôneo quanto colocar em um único ambiente meios de comunicação como: jornal, rádio e televisão e exigir que haja um diálogo simultâneo sob um mesmo patamar de aplicabilidade dos meios. Criaria assim um espaço ilógico e incoerente, completamente impossível de viabilizar alguma relação saudável entre os meios de comunicação. O mesmo ocorre com a internet e suas múltiplas aplicações, por isso o mais relevante não é exatamente discorrer a respeito das posições limítrofes da internet enquanto meio de comunicação, tampouco torna-se funcional o debate a respeito dos seus fluxos de informação até porque um dos pilares da sua lógica é a construção em rede onde não é possível identificar fluxos informacionais unidirecionais como propõe tanto Lemos e Cunha (2003) como também Wolton (1999).

Por isso, pensar a internet como esse ambiente múltiplo é na verdade possibilitar que seus usuários definam quais são as ferramentas que mais lhe agradam e principalmente fazem sentido em seu cotidiano. Assim é possível inclusive realizar uma analogia com a ideia demonstrada por Lemos e Cunha (2003) a respeito da *cibercultura*. Aplica-se sobremaneira no tocante a utilização da internet sob a óptica de um novo fluxo de informação, em que todos são emissores e também receptores.

Como possibilidade futura é interessante destacar que umas das realidades do início do século XXI é a ênfase na ampliação do acesso móvel, atendendo um pressuposto colocado por Castells (1999) anteriormente e reafirmado em Lemos e Josgrilberg (2009) em que após uma década da publicação do sociólogo hispânico é possível não somente identificar suas propostas, mas compreender a importância delas no contexto atual já que é nítido o forte desenvolvimento tecnológico presente nos últimos anos, o que acabou por ocasionar novas formas de acessar o conteúdo e gerar os fluxos informacionais dentro da sociedade.

Isso porque a internet não está mais somente relacionada ao computador como ponto de acesso e nem mesmo esse acesso está restrito a questões físicas de conexão. Ao identificar a importância da mobilidade no acesso, Lemos e Josgrilberg (2009) discorrem ao longo de sua obra sobre as diferentes formas de proporcionar o acesso à

internet para a população e a presente preocupação em torno a conexão cada vez mais móvel atingindo o aspecto ubíquo constantemente destacado dentro do texto.

Essa ubiquidade é relevante dentro da sociedade atual, pois como foi colocado em Lemos e Cunha (2003), as formas de comunicação desenvolvidas na internet não são substitutivas aos processos sociais já instaurados, mas na verdade apresentam e desenvolvem novas formas de materializar a comunicação, principalmente pelo desenvolvimento de novas ferramentas comunicacionais, com as mais diversas funcionalidades e aplicações. Por isso, o estar conectado deve deixar de ser opção e cada vez mais tornar-se não apenas uma realidade, mas sim uma necessidade dentro dos processos e relações sociais, culturais e, é claro, comunicacionais.

Assim, compreende-se a sociedade informacional a partir de um novo paradigma em que os fluxos sociais são pautados e desenvolvidos tendo por base a informação. Essa definição não pode, nem deve assumir um caráter reducionista, pois como foi visto no capítulo, ela abarca uma grande quantidade de novas proposições que precisam ser estudadas, compreendidas e principalmente aplicadas.

Com isso, faz-se necessário definir uma forma de materializar a nova composição, ou como Castells (1999) propõe, o novo paradigma para a sociedade da informação. Nesse aspecto, ao estudar e detalhar a internet desde sua constituição até o espaço que ocupa atualmente pôde-se conceituá-la como a materialização da proposta feita pelo autor e que ao longo da primeira década do século XXI foi confirmada pelos avanços apresentados pelo próprio meio.

Por isso para a continuidade do trabalho é importante definir a adoção do pensamento de Castells (1999, 2009) procurando ampliar seu pensamento e dialogar com o mesmo autor em dois momentos diferentes, tendo como foco a relação que o mesmo faz entre comunicação e cultura.

3.3 A INCLUSÃO DIGITAL

Para tratar da inclusão digital é preciso delinear que esse tópico busca somente conceituar sua importância no momento atual da sociedade tendo em vista a crescente presença da internet como ferramenta comunicacional para a população e sua característica tecnológica para o seu uso.

Como colocam Lemos e Cunha (2003), o modelo de computador pessoal mudou e agora se fala em computador conectado. Para isso é preciso proporcionar a inclusão digital à população.

Costa e Bianchini (2008) demonstram a presença de políticas públicas que visam proporcionar ou mesmo facilitar o acesso à internet. Os autores indicam o ato n^o. 66.198 da Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL, como um dos responsáveis por providenciar um acesso mais rápido à internet. Esse ato trata da permissão que o governo federal concedeu às prefeituras para que elas pudessem ofertar o acesso à internet de forma gratuita para a população, sendo que a única restrição era o fato de não haver custo algum para os beneficiados (ANATEL, 2007).

Ações como essa entre outras políticas que visem possibilitar o acesso à internet garantem a manutenção do foco na ampliação do acesso aos meios de comunicação e prioritariamente à própria informação.

Para aprofundar esta análise é preciso considerar o estudo feito por Mattos e Chagas (2008) ao relacionar o desenvolvimento econômico dos países com a realidade de acesso à informação, particularmente em relação aos processos e projetos de inclusão digital.

De acordo com os autores, é possível identificar que a própria expansão da internet acaba por gerar uma nova forma de desigualdade social, criando o que ele intitula de “inforricos” e “infopobre”, criando assim um neologismo para a diferenciação causada pelo acesso ou restrição ao uso das novas tecnologias da informação – TICs, em especial a internet (MATTOS; CHAGAS, 2008).

Reforçam a ligação entre o desenvolvimento socioeconômico com processo de ampliação do uso das tecnologias digitais inseridas em seu cotidiano. Isso porque o processo de inclusão digital leva em consideração prioritariamente a possibilidade de uso dessas tecnologias pela população. Além disso, a materialização desse processo está intimamente ligada ao uso da internet como vetor da inclusão digital enquanto processo. Isso fica evidente nos dados indicados por Mattos e Chagas (2008) em que a própria inclusão digital é mensurada pela presença da internet nas diversas regiões analisadas.

Isso reforça a presença da internet como mecanismo de inclusão digital, sendo entendida pelos autores como forma de proporcionar a própria inclusão ao disponibilizar o acesso a ela. Entendendo-a como um meio múltiplo de ampliação do acesso à informação e também de construção do que se pode compreender como cultura é possível afirmar que se trata de um meio que pode ser considerado fator de inclusão

digital na sociedade. Entretanto, é preciso avançar o conceito de inclusão digital, alinhando com as realidades que se encontram dentro da própria rede atualmente. É o que propõem Teixeira e Campos (2009) ao identificar uma mudança na significação da inclusão digital enquanto processo.

Os autores identificam uma primeira fase de conceituação como a inclusão de alguns segmentos da sociedade no acesso às tecnologias digitais. Esse conceito, de acordo do Teixeira e Campos (2009), não está incorreto, porém limita a inclusão digital a apenas o acesso a tecnologias sem contemplar suas outras possibilidades que são inerentes ao uso ou mesmo aplicações no cotidiano.

Tendo isso em mente, eles avançam o conceito e propõem um novo olhar sobre a inclusão digital, entendendo que ela deva ser um mecanismo de apropriação crítica e reflexiva das ferramentas digitais, entendendo os participantes (ou “nós” como também são chamados) como coautores da construção das próprias ferramentas e mesmo dos conteúdos produzidos e publicados nesses esses espaços (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009).

Assim, a inclusão digital ganha à força da participação colaborativa e da partilha do conhecimento entre seus agentes, passando de participantes a papéis principais nesses espaços, buscando consolidar e valorizar a cultura própria de cada espaço (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009).

Ao relacionar esse conceito com as ferramentas da internet da atualidade é possível identificar alguns locais em que é identificada a presença desse conceito de inclusão digital, como os próprios autores colocam, a presença e disseminação dos *softwares livres*³¹ como uma possibilidade (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009).

Ao tomar a cultura como processo central, uma ferramenta que possibilita essa identificação são as redes sociais, que preveem uma interação entre seus participantes e esses interagem de forma a compartilhar seus conhecimentos e construir colaborativamente uma cultura da participação. É sob tal perspectiva que se buscará compreender os espaços de acesso livre à internet como forma de incluir seus usuários nas ferramentas digitais, mas também em espaços de colaboração e construção coletiva do que já se definiu como cultura.

Por isso, no próximo capítulo será discutida a presença dos espaços de acesso livre à internet na cidade Bauru, bem como será aprofundada a reflexão sobre a utilização desses espaços de acordo com entrevistas realizadas com os usuários do

³¹ *Softwares livres* são programas desenvolvidos e melhorados pelos seus usuários e por princípio são livres de direitos autorais e podem ser compartilhados na internet (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009).

infocentro do ACESSA São Paulo localizado na Oficina Cultural “Gláuco Pinto de Moraes”.

4. OS ESPAÇOS DE ACESSO LIVRE À INTERNET NA CIDADE BAURU E SUA UTILIZAÇÃO

Este capítulo final apresenta a seguinte estruturação: inicialmente será identificada a metodologia aplicada nas etapas da pesquisa de campo a fim de elucidar o desenvolvimento prático do trabalho; posteriormente será feita uma breve explanação a respeito dos programas de acesso livre à internet presentes na cidade de Bauru, identificando as instituições ou entidades que subsidiam e mantêm esses projetos, além de explicar seu funcionamento e disponibilidade para a população e, finalmente, encontra-se o foco central no qual se apresentam os resultados obtidos por meio de uma pesquisa realizada com os usuários do *infocentro* do Programa ACESSA São Paulo presente dentro da Oficina Cultural Glauco Pinto de Moraes localizado em Bauru/SP.

4.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta etapa da pesquisa foi necessário realizar dois momentos diferentes. Num primeiro momento, procurou-se identificar a existência dos espaços de acesso livre à internet na cidade de Bauru e compreender sua contextualização. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando, prioritariamente, materiais eletrônicos disponíveis nos sites oficiais dos programas existentes.

A pesquisa bibliográfica já foi conceituada anteriormente na introdução do trabalho e segue as premissas de Marconi e Lakatos (2001) em composição com os outros autores usados naquele momento.

No segundo momento, o foco principal deste capítulo, consistiu na realização de uma pesquisa com os usuários do Programa ACESSA São Paulo do *infocentro* localizado na Oficina Cultural Glauco Pinto de Moraes em Bauru/SP.

Para isso, utilizou-se a entrevista como forma de obtenção dos dados da pesquisa. Para conceituar a entrevista utilizou-se, inicialmente, o conceito de Duarte e Barros (2010, p. 62) que a especifica como “[...] um recurso metodológico que busca em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Esse conceito é reafirmado por Flick (2009, p. 149) ao compreender a entrevista como semi-aberta ou como o autor coloca, sendo sinônimo o termo semipadronizada e possibilita estudar o que ele intitula de teorias subjetivas, que não mais é do que “refere-

se ao fato de os entrevistados possuírem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo”. Com isso, torna-se possível compreender a vivência dos participantes e suas opiniões como foco da coleta de dados necessárias a respeito do que se deseja analisar.

Tendo essa definição, justifica-se a escolha dessa metodologia, pelo objetivo principal deste trabalho ser a compreensão da utilização da internet pelos usuários dos espaços de acesso livre à internet. Assim, identificar os participantes da pesquisa é muito importante, pois é a partir da experiência desses indivíduos que se pode entender o uso da internet sob o viés dos *Estudos Culturais Latino-americanos*.

Essa escolha não se justifica somente pela sua aplicabilidade, mas principalmente pela sua interpretação, pois como coloca Demo (2001 apud DUARTE; BARROS, 2010), não basta a coleta dos dados, mas sim sua interpretação e o debate realizado pelo pesquisador por meio de uma análise e comparação crítica com a realidade.

Para o desenvolvimento da análise, utilizou-se a entrevista semi-aberta que tem por princípio um roteiro de questões que procura dar cobertura ao foco principal da pesquisa. As perguntas estão relacionadas ao problema identificado para a mesma e devem trabalhar com amplitude, sendo apresentadas na forma mais aberta possível (DUARTE; BARROS, 2010).

As questões apresentam certa flexibilidade, sendo um roteiro para sua aplicação e coleta dos dados, por isso o ordenamento, profundidade e forma de apresentação variam de acordo com o julgamento do pesquisador. Dessa forma sintetizando as características da entrevista semi-aberta, é possível considerá-la um estudo qualitativo, com questões semi-estruturadas, utilizando-se do roteiro como base de aplicação e a profundidade como abordagem da pesquisa. Sendo assim, as respostas são indeterminadas e dependem da compreensão e interação do participante ao ser questionado.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de março e abril do ano de 2012 aplicando as questões elaboradas previamente. A seleção dos participantes aconteceu tendo como princípio ser um usuário do espaço de acesso livre à internet pertencente ao Programa Acesso São Paulo do *infocentro* localizado na Oficina Cultural Gláuco Pinto de Moraes.

O processo de coleta dos dados foi realizado pelo próprio pesquisador em campo, onde o mesmo frequentou o espaço nos períodos matutino e vespertino de forma

alternada durante aproximadamente três semanas. A abordagem se deu durante ou após o período de utilização da internet pelos usuários, e assim eles eram convidados a participar da enquete.

Todos eram informados antes do início da coleta de dados que a identidade seria preservada, sendo identificados por ordem numérica crescente de participação, iniciando-se no número “1” e assim sucessivamente até o último participante. Ao todo foram entrevistados quatorze indivíduos, sendo que todos são usuários do espaço analisado.

A análise dos dados será apresentada no item 4.3. Antes disso, serão apresentadas as informações a respeito dos espaços de acesso livre à internet da cidade de Bauru com aprofundamento no campo pesquisado, o Programa ACESSA São Paulo.

4.2 OS ESPAÇOS DE ACESSO LIVRE À INTERNET NA CIDADE DE BAURU

Para discorrer sobre a existência de espaços de acesso livre à internet na cidade de Bauru foi preciso realizar um levantamento documental bibliográfica por meio de materiais eletrônicos e sítios oficiais³² dos programas existentes com postos de atuação na cidade.

Ao realizar o estudo de identificação dos espaços de acesso à internet dentro da cidade de Bauru, destacaram-se três programas existentes há um período relevante e que oferecem esse serviço a seus usuários. São eles: *Programa ACESSA São Paulo*, *Programa ACESSA Escola* e o *Internet Livre*. Os dois primeiros são de responsabilidade do Governo do Estado de São Paulo que atua desde a implantação, assumindo as responsabilidades pelo seu funcionamento. Já o terceiro programa pertence ao Serviço Social do Comércio – SESC que atua como mantenedor do espaço e das atividades nele desenvolvidas.

Não é objetivo desse item esgotar a identificação dos postos de acesso livre presentes na cidade de Bauru, mas sim permitir a compreensão dos programas que existem e já estão consolidados e que são conhecidos e utilizados pela população.

Tendo em mente a premissa de analisar um posto com acesso livre para a população utilizar, faz-se necessário compreender em qual ou quais desses locais essa

³² Optamos por escolher os dados oficiais devido a não haver uma preocupação analítica dos centros usados. Apenas queremos registrar sua existência e alertamos que um estudo mais crítico dos mesmos foge às pretensões deste texto.

característica está de fato em curso para assim delinear o espaço de análise desta pesquisa.

O programa Internet Livre³³, trata-se de um posto de acesso localizado dentro de 24 unidades do SESC pelo estado de São Paulo, dispondo de estrutura física e de pessoal capaz de oferecer o acesso à internet para seus usuários, além de cursos e atividades pertinentes à própria internet. A partir dessa informação inicial faz-se necessária uma análise pontual, pois para a utilização desse espaço o indivíduo precisa ser usuário do SESC, característica essa que condiciona o uso diretamente a funcionários do segmento comércio ou de serviços de cada cidade e também a seus dependentes. Assim, o acesso, apesar de existir, está condicionado à situação anterior que é ser usuário do SESC, restringindo a participação de uma parcela da população (INTERNET..., c2009).

O Programa Acessa Escola³⁴ se trata de um projeto pertencente ao Governo do Estado de São Paulo e desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação sob a coordenação da Fundação para o Desenvolvimento Educacional. Percebe-se que se trata de um programa com foco na inclusão digital dos estudantes, professores e funcionários das escolas estaduais, pois se utiliza das salas de informática dessas escolas para a realização de suas atividades. Os objetivos do programa estão muito ligados ao fato do programa acontecer dentro das próprias escolas e visa estimular a participação dos jovens, buscar a socialização do saber, troca de conhecimento entre seus usuários, prestação de serviços, potencializando assim a estrutura existente nas próprias escolas (O QUE..., c2010).

Outra análise pontual a respeito de algumas características faz-se importante, como identificar que o Programa Acessa Escola tem um foco muito bem delineado, ou seja, alunos, professores e funcionários das escolas estaduais do Estado de São Paulo. Com isso, há uma restrição relevante ao acesso da população em geral, não estando assim o espaço disponível a todos, o que em momento algum diminui sua importância, até porque o foco e os objetivos do projeto são voltados para o ambiente escolar e não para toda a população.

O Programa Acessa São Paulo é o único entre os analisados que não apresenta restrição direta ao uso por parte da população. Nele, qualquer pessoa que precise ou

³³ As informações coletadas estão disponíveis no sítio oficial do programa, disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/servico.cfm?servico_id=4>.

³⁴ As informações coletadas estão disponíveis no sítio oficial do programa, disponível em: <<http://acessaescola.fde.sp.gov.br/>>.

tenha interesse em utilizar a internet pode fazê-lo. O acesso é livre e gratuito, garantido pelo Governo do Estado de São Paulo.

Por isso, o item a seguir irá detalhá-lo a fim que se possa compreender sua concepção, objetivos, amplitude, abrangência geográfica e atividades desenvolvidas dentro dos seus postos de acesso.

4.2.1 Programa Acessa São Paulo

Para compreender a composição do Acessa São Paulo utilizou-se as informações do sítio oficial (figura 1). Trata-se de um programa de inclusão digital desenvolvido pelo Governo do Estado de São Paulo, com coordenação da Secretaria de Gestão Pública e gerido pela Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo – Diretoria de Serviços ao Cidadão – Prodesp (O QUE..., [c2012?]).



Figura 1 – Sítio oficial do Programa Acessa São Paulo
Fonte: ACESSA..., [c2012?].

O programa, instituído em julho do ano 2000, busca oferecer à população acesso livre e gratuito à internet como também as novas tecnologias da informação e

comunicação. Dessa forma busca contribuir com o desenvolvimento social, cultural, intelectual e inclusive econômico dos seus usuários (O QUE..., [c2012?]).

Por isso, de acordo com o O que... [c2012?], identifica-se sua visão, missão e valores:

Visão

Acabar com a exclusão digital no Estado de São Paulo. Ser reconhecido internacionalmente como referência em inclusão digital.

Missão

Garantir acesso democrático e gratuito às tecnologias da informação e comunicação, facilitando o uso dos serviços de governo e produção de conhecimento, e promovendo os processos de participação pública e redes sociais para o desenvolvimento econômico, social, pessoal e da cidadania.

Valores

Trabalhar com respeito ao cidadão e sua diversidade, com ética, transparência e comprometimento, buscando a excelência e a generosidade, promovendo o conhecimento livre e a colaboração, para inclusão digital e social dos cidadãos do Estado de São Paulo.

Com essas colocações, nota-se a característica social do projeto e sua aplicação no cotidiano da população. Inicialmente com a proposta da *visão* do programa que se inicia com a proposição do fim da exclusão digital dentro do Estado de São Paulo, tornando-se uma referência internacional em termos de inclusão digital.

Ao desenvolver uma relação entre o conceito indicado na *visão* e o objetivo de oferecer acesso às *TICs* e em especial à internet, pode-se considerar uma *visão* ao mesmo tempo adequada e ousada, que leva tempo e investimento para ser concretizada.

Já a *missão* dá um detalhamento maior da aplicabilidade do programa, indicando suas peculiaridades de acesso democrático e gratuito como forma de promoção pessoal, social, cultural, econômica e mesmo da própria cidadania. Além disso, vale destacar a indicação de uso feita com foco nos serviços do próprio governo disponíveis na internet, bem como a produção e divulgação de conteúdos dentro da internet com destaque para as redes sociais presentes inclusive como citação nesse trecho.

Ao garantir em sua *missão* o acesso aos serviços do governo disponibilizados via internet, tem-se como justificativa não só a criação, mas também o planejamento e ampliação de programa de acesso à internet.

Nesse conjunto, os *valores* indicam o que deve ser apontado como significativo na oferta dos seus *serviços* à população, isso porque indica a importância de valores sociais como respeito, ética, transparência e comprometimento com a proposta do programa, reforçado na exaltação da inclusão digital e social como prioridade do *Acessa São Paulo* em relação ao que oferece para os cidadãos do Estado de São Paulo.

Com essa composição inicial, torna-se possível identificar o conceito presente na ideia da criação e desenvolvimento do programa, com foco principalmente na utilização desse programa por seus usuários. Salienta-se que um programa, pelo menos em teoria, de iniciativa do Estado com essa composição conceitual, indica a preocupação com a excelência na oferta de serviços públicos para a população.

Isso permite aprofundar não somente o conceito do programa, mas sim sua aplicação, que de acordo com o que está descrito no O que... [c2012?], a alocação dos postos de acesso ao programa materializam-se de duas formas. A primeira se dá por meio de parceria com o poder público municipal. Nessa modalidade, a implantação ocorre em conjunto com a prefeitura dos municípios, inserindo os postos de acesso em alguma de suas instalações. Normalmente isso ocorre em bibliotecas municipais.

Já a segunda possibilidade acontece por meio dos *Postos Públicos de Acesso à Internet*, também chamado de *POPAs*, em que os postos são implantados em parceria com as secretarias e órgãos do Governo do Estado. Essa aplicação acontece nas instalações do Poupatempo, nos restaurantes Bom Preço, estações de ônibus, trens e metrô, além de Secretarias do Estado e Centros de Integração e Cidadania – CICs (O QUE..., [c2012?]).

Com essas possibilidades de acesso, pode-se considerar que as oportunidades de materialização de um posto do Programa ACESSA São Paulo nas cidades do Estado de São Paulo são consideráveis. Assim, têm-se múltiplas alternativas de proporcionar um acesso à internet de forma constante e descentralizada garantindo a consolidação por meio de parcerias com diferentes esferas do poder público.

Isso permite uma aproximação geográfica e até mesmo cultural com a população, proporcionando um acesso à internet em diferentes momentos e situações, relacionando a possibilidade de acesso com uma característica muito presente na própria internet: a multiplicidade. Com diferentes locais e momentos de uso amplia-se também o público atendido e assim a internet de fato se torna acessível a um número maior da população.

Ainda de acordo com o O que... [c2012?], além de proporcionar o acesso à internet, o Programa ACESSA São Paulo conta também com atividades que visam ampliar as ações de inclusão digital. Para isso, promove projetos de formação continuada em que é possível a realização de cursos e oficinas que devem ser ofertadas de forma gratuita à população e que possibilitem um aprimoramento no uso da tecnologia.

Outra ação é o desenvolvimento de materiais eletrônicos³⁵ para consulta pelos usuários. Esses materiais recebem o título de Cadernos Eletrônicos (figura 2) e abordam temas múltiplos, desde o uso de *e-mails* até as ferramentas *on-line da web 2.0*, trabalhando assim uma amplitude temática relevante para os usuários da internet (O QUE..., [c2012?]).



Figura 2 – Página dos Cadernos Eletrônicos do Programa ACESSA São Paulo
Fonte: CADERNOS..., [c2012?].

Outra atividade presente é a realização de minicursos³⁶ na modalidade à distância que possibilitam a ampliação do conhecimento ligado a diversas áreas, muitas delas de utilidade pública, como o curso de formatação de currículos, atendendo assim não somente a demanda da própria internet, mas ampliando sua atuação para aspectos do cotidiano do usuário. A figura 3 mostra a página inicial dos minicursos (O QUE..., [c2012?]).

³⁵ Os materiais ficam disponíveis no site: http://www.acesasp.sp.gov.br/cadernos/caderno_10_01_p2.php

³⁶ Os minicursos estão disponíveis no site: <http://minicursos.acesasp.sp.gov.br/>



Figura 3 – Página dos Minicursos do Programa Acessa São Paulo
 Fonte: MINICURSOS..., [c2012?].

Outra função presente entre as possibilidades oferecidas pelo sítio do Programa Acessa São Paulo é a listagem de *links* úteis para utilização do governo eletrônico. Atualmente, muitas funções do governo nas suas diversas dimensões: municipal, estadual e federal, estão presentes para acesso e utilização via internet e o Acessa São Paulo se configura como uma oportunidade de uso desses serviços (O QUE..., [c2012?]).

Além disso, existe também o Programa de Formação Continuada, que dispõe de atividades realizadas nas modalidades presencial e à distância, com foco maior no treinamento de monitores do Programa Acessa São Paulo que permite, dessa maneira, a melhor utilização do espaço e de sua estrutura além de orientar de forma precisa os usuários (O QUE..., [c2012?]).

Por fim, apresentam-se, também, dados e pesquisas sobre o uso dos postos do programa. A maioria dos levantamentos tem uma característica descritiva a respeito de sua utilização, entretanto o que se mostra importante é a disponibilidade desses dados no sítio oficial do programa para consulta pública e com a possibilidade de navegação e compreensão dos mesmos (O QUE..., [c2012?]).

O programa apresenta em O que... [c2012?] e Relatórios... [c2012?] dados oficiais, até abril do ano de 2012, a respeito de sua abrangência e consolidação:

- 11 anos de existência
- 62 milhões de atendimentos
- 2.413.369 total de cadastros
- 627 postos ACESSA em funcionamento
- 52 postos em implantação
- 535 municípios atendidos
- 1.040 monitores

Pode-se considerar que as informações disponibilizadas apresentam o programa de forma ampla e que demonstram uma abrangência relevante do mesmo dentro de sua área de atuação, o estado de São Paulo.

Ao verificar a existência do programa há onze anos é possível afirmar que ele foi idealizado e implantado muito próximo à ampliação da internet pelo país e atualmente têm-se um nível de consolidação considerável, desenvolvendo uma média aproximada de cinco milhões de atendimentos por ano e conta com mais de dois milhões de usuários cadastrados.

O fato que chama atenção é a quantidade de municípios do estado que fazem parte do programa. Atualmente, são quinhentos e trinta e cinco municípios com pelo menos um posto do ACESSA. Ao se comparar essa informação com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (CIDADES@, [c2012?]) em que o Estado de São Paulo conta atualmente com seiscentos e quarenta e cinco municípios, pode-se chegar ao índice de 82,94% de cidades paulistas participando com ao menos um posto do programa. Diante desses dados, é possível considerar esse número importante em se tratando de acesso livre à internet nos dias de hoje.

A cidade de Bauru conta com dois postos de atendimento do Programa ACESSA São Paulo em funcionamento, um deles está localizado no Poupatempo Bauru e o outro fica na Oficina Cultural Gláuco Pinto de Moraes. Esse último foi o local escolhido para desenvolvimento da pesquisa com usuários e que será apresentada no tópico a seguir.

4.3 PESQUISA COM USUÁRIOS DO ACESSA SÃO PAULO DA OFICINA CULTURAL GLÁUCO PINTO DE MORAES – BAURU/SP

Nesta etapa do trabalho, apresentam-se os resultados alcançados com a aplicação do questionário por meio de entrevista individual de acordo com a metodologia anteriormente explicada.

O detalhamento das questões dar-se-á da seguinte maneira; inicialmente uma breve explicação da questão aplicada na pesquisa, na sequência a demonstração das respostas obtidas dos participantes³⁷, apresentadas em forma de quadro, em que cada questão está agrupada com as respectivas respostas. Logo após a inserção dos quadros, segue uma análise das respostas a fim de identificar padrões e características pertinentes ao estudo, principalmente na relação entre o processo comunicacional e as premissas dos estudos culturais latino-americanos.

Além disso, propôs-se também uma ampliação na análise e uma inclusão de um elemento relativamente novo para explanação das respostas, bem como a análise das mesmas. Para isso, utilizou-se a *nuvem de palavras*³⁸ como forma de síntese das informações coletadas em cada questão. Com essa aplicação, foi possível identificar e analisar os termos mais recorrentes nas respostas obtidas, compreendendo a frequência de uma citação ou um termo na pesquisa como uma forma de reforço ao assunto como um todo, colaborando para o entendimento da importância de termo ou assunto dentro de cada questão.

Assim, a primeira questão aplicada aos participantes refere-se ao conteúdo acessado por eles durante o tempo em que ficaram utilizando a internet, pois a questão foi aplicada da seguinte forma: *O que você fez hoje durante o tempo em que ficou na internet?*

Pode-se notar que todos os participantes compreenderam bem a questão e participaram descrevendo o uso da internet de acordo com o que realizaram naquele acesso. As respostas podem ser conferidas na figura 4.

Participantes	Questão 1 – O que você fez hoje durante o tempo em que ficou na internet?
Participante 1	Eu estava procurando na parte de emprego.
Participante 2	Nas minhas horas que eu estou de folga do trabalho eu uso mais a internet, que eu não sou <i>expert</i> de internet não, mas eu entro só pra ver os concursos, entrar nos Diário Oficial, Jornal da Cidade, nesses lugares que a gente não tem tempo, que a gente vê, pra assinar uma revista, um jornal, então a gente usa ela mais pra acessar, esses links do Jornal da Cidade, do Diário Oficial do Estado.
Participante 3	Chequei e-mails, redes sociais, me inscrevi em promoções.

³⁷ A oralidade das respostas foi corrigida, sem que alterasse o conteúdo das mesmas.

³⁸ A *nuvem de palavras* é uma representação gráfica do texto que agrupa e organiza visualmente as palavras e os termos colocados em um texto. Dessa forma, as palavras com um número maior de incidência aparecem em um tamanho maior no visual (O QUE..., 2007).

Participante 4	Abri e-mails, visitei minhas páginas sociais, o que mais? Enviei relatório do acesso de ontem pra São Paulo, enfim só isso.
Participante 5	Entrei só no Facebook.
Participante 6	Eu acessei só os aplicativos e o Facebook.
Participante 7	Usei a internet a trabalho hoje.
Participante 8	Eu acessei um site de esporte para ver roupa e entrei numa empresa de cartão.
Participante 9	Resumo de livro, redes sociais e notícias.
Participante 10	Pesquisas e trabalhos.
Participante 11	Normalmente aqui eu entro nas redes sociais, MSN, concurso público, imprimo boletos gerais assim. Segunda via de contas, esse tipo de acesso.
Participante 12	Eu faço trabalho e vejo e-mail.
Participante 13	Rede social, comunicação via e-mail, mais pra ficar conversando e comunicar mesmo com as pessoas que estão longe e o vício de todo mundo mesmo, o Facebook.
Participante 14	Um pouco é para o estudo, pesquisa mesmo né? Bate-papo, tenho muitos amigos no Facebook. É mais essa parte, estudo e bate-papo mesmo.

Figura 4 – O que fez na internet.

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com as respostas demonstradas na figura 4 é possível perceber que uso da internet é múltiplo. Entende-se sua aplicação de duas formas. A primeira relacionada à sua finalidade como são encontradas nas respostas as declarações indicando o seu uso para o trabalho, ou mesmo estudo, mostrando-a como uma ferramenta potencializadora do cotidiano, seja ele predominantemente *on-line* ou *off-line*. A segunda aplicação se relaciona com as ferramentas e funções realizadas dentro da internet. Nesse foco, os relatos dos usuários mostram desde uma utilização focada em ferramentas de uso pessoal como *e-mail*, ou aplicações de comunicação, como as

Essa questão amplia a primeira pergunta e permite delinear o uso não apenas pontual, como mais detalhado e profundo da internet.

Ficou nítido também que todos os participantes entenderam de forma clara a questão e participaram informando os hábitos de acesso a internet, bem como uma possível variação dentro do conteúdo acessado. As respostas estão demonstradas na figura 6.

Participantes	Questão 2 – Você costuma fazer sempre a mesma coisa (acessar os mesmos sites e conteúdos)?
Participante 1	Geralmente eu procuro emprego, eu olho sobre as novelas, o que acontece no dia a dia. Também vejo a parte do Big Brother que eu gosto.
Participante 2	Eu costumo mais fazer isso aí, entrar no meu e-mail também de vez em quando né? É a oportunidade que a gente tem, mas precisa melhorar bastante que de vez em quando, o tempo que eu ia demorar, pois hoje tá meio lento, tem vez que você vem tá rápido, mas é um lugarzinho bom pra gente.
Participante 3	Digamos que sim.
Participante 4	Então, aqui em ministro aulas pra terceira idade a tarde, no período da tarde, é, geralmente é isso mesmo, segunda e quinta eu ministro aula pra terceira idade na parte da tarde, noções básicas de informática.
Participante 5	Às vezes eu pesquiso.
Participante 6	Não, outras coisas também. Eu acesso o jornal aqui da cidade. É mais as notícias que eu vejo, e se precisar eu entro no Hotmail.
Participante 7	Ah, ter informações do dia a dia, facilidade de jornal <i>on-line</i> .
Participante 8	Música. Escutar música.
Participante 9	Com mais frequência é o Facebook, o site do STF, site da câmara, e-mail porque eles também mandam muito e-mail, só às vezes começa a ser chato, MSN.
Participante 10	Veiz ou outra sim. Vejo e-mails e redes sociais, fora a procura de empregos também.
Participante 11	É normalmente mais assim, e-mail, rede social, ficar procurando as coisas, bastante concurso público, até do próprio ACESSA São Paulo tem umas dicas de concurso, então geralmente eu entro pra dar uma olhadinha, vídeos no Youtube, essas coisas.

Participante 12	Baixar filme e ficar vendo concurso.
Participante 13	Ler, pesquisa, mas agora eu, por falta de tempo, ultimamente é só isso mesmo. Geralmente eu pego pra ler, pesquisa quando eu tava na faculdade, pesquisa de faculdade e tudo mais.
Participante 14	Impressão de documentos que às vezes precisa, compro alguma coisa, compras a gente faz também né? Emitir boletos, segunda via de contas também né? Esse tipo de coisa.

Figura 6 – Como utiliza a internet.

Fonte: elaborado pelo autor

As respostas obtidas na segunda questão inicialmente reforçam os tipos de uso identificados na primeira questão, entretanto observa-se uma incidência maior da referência das ferramentas da internet utilizadas, entre elas o *e-mail* aparece com uma grande incidência, mostrando a importância dessa aplicação e sua alta funcionalidade atualmente.

Algumas ocorrências destacaram-se nessa etapa. A primeira delas é a citação feita pelo participante um, quando ele indica que usa a internet para pesquisar informações das novelas e o Big Brother, pois são conteúdos que interessam e os quais ele costuma assistir constantemente em outro meio de comunicação, no caso específico a televisão. Com isso, percebe-se o uso da internet dentro desses espaços como uma ampliação e afirmação dos gostos e hábitos dos seus usuários. Assim, esses indivíduos utilizam-se da internet como um processo de alimentação de informação sobre seus interesses e por que não afirmar que com isso o próprio processo cultural do indivíduo que está sendo realimentado por meio do uso da internet dentro desses espaços.

Esse fato é reafirmado pela colocação do participante 8 que indica como o uso constante da internet pautado pela busca e também para escutar música. Sendo assim, a internet passa a se configurar como um meio de acesso a manifestações culturais antes restritas a meios como o rádio, no caso da música. Assim, o usuário pode pesquisar ativamente os estilos e/ou artistas de interesse a fim de ouvir aquilo que mais lhe agrada, podendo ampliar o nível de conhecimento sobre o estilo musical ou mesmo sobre o próprio artista. Nesse contexto, o ambiente cultural ao qual esse indivíduo pertence está sendo reafirmado por meio da utilização da internet.

Além disso, a própria internet apresenta aplicações específicas para o rádio, como a distribuição do sinal das rádios convencionais por meio da internet, fato esse

Participantes	Questão 3 – Onde mais você acessa a internet?
Participante 1	Só aqui.
Participante 2	Eu tenho em casa também, mas só que eu acesso aquela via rádio, mas hoje tá fora o sistema lá, eu também eu vim aqui mais pra fazer essas coisas.
Participante 3	Às vezes em Lan House.
Participante 4	Na minha casa.
Participante 5	Em casa.
Participante 6	Em casa.
Participante 7	Em casa, no trabalho.
Participante 8	No serviço.
Participante 9	Em casa.
Participante 10	Poupatempo.
Participante 11	No trabalho, na minha casa também eu tenho.
Participante 12	Em casa.
Participante 13	Em casa.
Participante 14	Em casa.

Figura 8 – Locais de acesso.
 Fonte: elaborado pelo autor

As respostas obtidas e confirmadas na figura 8 mostram as possibilidades de acesso que os usuários desse espaço fazem uso. Destaca-se a frequência com que aparece o uso da internet nas residências dos respectivos participantes. Apenas quatro participantes não citaram suas residências como um ponto de acesso, sendo que desses, um faz uso da internet somente por meio desse espaço, enquanto que os outros colocam o acesso acontecendo também no seu local de trabalho, ou em *lan house*, ou ainda no Poupatempo, lembrando que nesse caso o acesso também é dentro do Programa Acesso São Paulo.

Isso mostra que boa parte dos usuários tem acesso à internet em outros locais, entretanto isso não limita o uso desse espaço, valorizando assim a importância da sua existência.

A reincidência da residência como resposta ao local de acesso é reafirmada na figura 9, em que a palavra “casa” ganha significativa relevância em comparação aos outros locais, indicando que esse espaço surge na maioria das vezes como alternativa a outras possibilidades de acesso, o que não configura uma exclusão ou substituição do acesso, mas sim uma complementação entre as oportunidades de utilização dos espaços de acesso à internet.



Figura 9 – Locais de acesso à internet.

Fonte: elaborado pelo autor

A justificativa para essa complementaridade será abordado nas próximas questões, em que os acessos são comparados e permitem uma melhor identificação das razões de uso entre os locais e sua diferenciação.

A quarta questão buscou identificar e se possível aprofundar a existência da relação entre o local de acesso e o conteúdo acessado, isso visando determinar se há essa influência e o quanto ela pode determinar o uso da internet. Para isso, a questão apresentada foi: *O lugar de onde você acessa a internet muda alguma coisa a respeito do que você faz nela? O quê?*

De acordo com as respostas obtidas na questão anterior foi possível identificar que essa pergunta não se aplicava a todos os participantes, pois alguns utilizam a internet somente por meio desse *infocentro* e com isso não há variação de local de acesso e muito menos de conteúdo utilizado. Para os participantes a que a pergunta se aplicava, foi identificada a compreensão da questão por todos, bem como a participação que pode ser conferida nas respostas registradas na figura 10.

Participantes	Questão 4 - O lugar de onde você acessa a internet muda alguma coisa a respeito do que você faz nela? O quê?
Participante 1	NÃO SE APLICA.
Participante 2	É porque em casa assim, eu uso aquele Windows 7, eu acho muito mais prático e aqui tem esse diferente e a gente demora mais pra gente vê o que a gente tem que fazer.
Participante 3	Não, basicamente a mesma coisa, trabalho, pesquisa.
Participante 4	Ah, sim, muda. Porque aqui é meio restrito em algumas coisas é meio restrito. Na minha casa eu abro qualquer coisa, abaixo tanto filmes quanto música. Faço jogos <i>on-line</i> também.
Participante 5	Não.
Participante 6	Muda, porque na minha casa a rede é pequena. Tem coisa que lá não pega.
Participante 7	Não.
Participante 8	Não, não muda nada.
Participante 9	Não, é que aqui, geralmente eu venho mais aqui pra imprimir um boleto, um trabalho.
Participante 10	No que eu sei não, em todos é a mesma coisa.
Participante 11	É de forma geral em todos os lugares o acesso é mais ou menos igual né? O que diferencia o Acesso é que ele já é uma coisa específica só de uso da internet, então, por exemplo, pra mim ele é um uso específico só de internet, então em casa no trabalho eu vou usar Excel, Word, outras ferramentas do computador e aqui não aqui eu venho pra tirar uma segunda via, entrar num concurso rapidinho, fazer uma busca rápida, pra ver rapidinho o Facebook, pra dar um recado no MSN pra alguém, então é um uso exclusivo só de internet, eu não uso o Acesso pra outros usos no computador.
Participante 12	Não.

Participante 13	Não.
Participante 14	Muda sim. Aqui é mais rápido, a minha é um pouco mais devagar, tenho uma certa dificuldade.

Figura 10 – A influência do local no acesso.

Fonte: elaborado pelo autor

A análise das respostas obtidas nessa questão assinala certa divergência de opiniões, ainda que de forma reduzida, pois a grande maioria dos participantes não identifica diferença na utilização da internet na medida em que se altera o local de utilização. Essa informação é importante, pois reafirma a utilização desse espaço de acesso livre como uma alternativa ao uso da internet, proporcionando maior acessibilidade aos seus usuários ainda que a finalidade do uso seja a mesma que em outra local.

Outra análise importante é o fato identificado nessa questão que permite afirmar que o espaço cumpre seu principal objetivo que é de proporcionar a inclusão digital da população atendida, pois ao compreender o uso como igualitário, independente do local, pode-se considerar que a alternativa de acesso é vista a partir de sua função principal, que é de proporcionar o acesso de qualidade à internet e principalmente a democratização da informação por meio do uso das tecnologias da informação.

Já aqueles que identificam diferenças no acesso, pode-se considerar duas vertentes: enquanto alguns indicam aspectos positivos em relação ao uso do espaço do Programa ACESSA São Paulo, outros indicam algumas deficiências do acesso em relação às demais localidades em que fazem uso da internet.

Dentre os que registraram alguma deficiência, o participante 2 indica a diferença de sistema operacional utilizado pelo ACESSA São Paulo como um problema em relação ao que ele utiliza em sua residência; já o participante 4 indica algumas restrições de uso, ainda que não identifique quais são essas restrições.

Já aqueles que identificaram pontos positivos, apontam a diferença de velocidade de acesso como um ponto favorável a respeito da utilização da internet nesse espaço. Isso é importante, pois tanto o participante 6 como o participante 14 relataram essa característica como um fator limitador do uso da internet, fato esse que permite o melhor uso na medida em que se tem uma qualidade melhor de conexão à disposição do usuário, fato esse identificado dentro do ACESSA São Paulo.

	que seja o mesmo sistema lá do Poupatempo, aqui pela numeração do seu RG e lá no Poupatempo também é muita fila, não tem jeito de você vir. Aqui é um espaço mais tranquilo, mas acho que pela população não sabe muito bem desse espaço.
Participante 3	Eu acho bacana, só essa questão dos 30 minutos que cai e você tem que se cadastrar de novo, então é só isso que incomoda.
Participante 4	Sim, sim, atende sim e geralmente é mais para as pessoas carentes da região. O acesso é livre pra qualquer pessoa.
Participante 5	Atende sim.
Participante 6	Sim, não só eu como os alunos né? Que quando precisa fazer trabalho de escola tem aqui.
Participante 7	Olha eu acho bastante útil. No meu caso atende e como estou de passagem, paro e sou bem atendido.
Participante 8	Ótimo, atende o que eu preciso, é ótimo.
Participante 9	Atende.
Participante 10	Tá pra bom tamanho.
Participante 11	É um espaço que ainda tem que ter melhoria em termos de estrutura, não de computador em si, de máquina, então uma sala que ainda não tem cortinas, não tem ar-condicionado, então isso acaba às vezes... é o SESC tem essa estrutura maior, as Lan Houses fornecem isso então eu acho que a pessoa também acaba não vindo porque a sala não tem a estrutura, em sentido de máquina, são máquinas novas, o acesso é rápido, ele é liberado, você pode jogar, você pode ter vários tipos de uso liberado, então assim em termos de máquina é ótimo.
Participante 12	Atende.
Participante 13	Tranquilo, hoje em dia é até melhor né? Porque a gente, eu como moro aqui do lado, conheço isso aqui desde que inaugurou, então hoje em dia atende, a gente chegou a tentar fazer projetos aqui e tudo mais, aulas de informática e tudo mais, pro pessoal aqui, mas eu nem sei como está, porque a gente vai crescendo, mas dentro do que sempre eu procurei usar, sempre me atendeu.
Participante 14	Atende sim, atende muito bem, inclusive o pessoal, os funcionários.

Figura 12 – O que acha do espaço de acesso livre.

Fonte: elaborado pelo autor

Nessa questão, pode-se observar nas respostas registradas na figura 12 que todos indicam aspectos positivos a respeito do espaço disponível para o acesso, indicando que

A figura 13 afirma a grande incidência dos aspectos positivos, principalmente em relação à percepção dos usuários a respeito da estrutura presente no espaço como sendo suficiente para a proposta de utilização da internet, atendendo assim às necessidades dos seus usuários.

Para a sexta questão o foco do questionamento foi a identificação e compreensão da permissão, ou não, de acesso aos diferentes conteúdos da internet dentro do espaço de acesso livre. Assim a questão aplicada aos participantes foi: *Existe algo ou algum conteúdo que você gostaria de acessar aqui e que não é possível? O que e por quê?*

Essa questão buscou diagnosticar possíveis restrições de acesso a conteúdos em um espaço de acesso livre. Isso porque, como já foi demonstrado na parte teórica do trabalho, a internet é um espaço múltiplo, com os mais variados conteúdos disponíveis à seus usuários. Esses conteúdos *estão a um clique de distância* de qualquer um e podem ser acessados a qualquer momento e em qualquer lugar, basta ter um computador com acesso à internet. Outro ponto importante é que nem todo conteúdo é compreendido como apropriado para todos os usuários, ou mesmo para todas as faixas etárias dos usuários.

Por isso, ao se tratar de um espaço de acesso livre, é de se esperar que se tenham alguns filtros para esse acesso. As respostas obtidas mostram que os participantes compreenderam a questão e responderam de acordo seu uso cotidiano tal como evidencia a figura 14.

Participantes	Questão 6 – Existe algo ou algum conteúdo que você gostaria de acessar aqui e que não é possível? O que e por quê?
Participante 1	Não por enquanto o que eu to entrando até agora pra mim deu certo.
Participante 2	Não, não é tranquilo. Não tem nada assim.
Participante 3	Tudo que eu quero eu consigo.
Participante 4	Conteúdo? Não, normal, não, tranquilo.
Participante 5	Não.
Participante 6	Não, tudo até hoje o que eu acessei entrou.
Participante 7	Não, normalmente eu uso a internet mais para os fins de trabalho, de notícias e sites de bate papo de amigos, Facebook.
Participante 8	Não, nenhum.

Participante 9	Eu não uso muito, e também não sei se tem algum site que é bloqueado, mas é que eu não acesso sites bloqueados. Mesmo normal em casa se fosse controle de pais entende? Aqueles sites tipo restrito não é necessário, não costumo acessar.
Participante 10	Consigo. Aqui eu não tenho nenhum problema desse tipo.
Participante 11	Não.
Participante 12	Não. Eu consigo usar tranquilamente.
Participante 13	Não.
Participante 14	Não, não tem.

Figura 14 – Restrição a conteúdo nesse espaço.
Fonte: elaborado pelo autor

As respostas dessa questão estão demonstradas na figura 14 e identificam nitidamente a inexistência de restrição de acesso de acordo com o conteúdo acessado pelos usuários, possibilitando uma permissão ampla de uso e acesso ao conteúdo disponibilizado na internet.

Fato esse que pode causar até certa surpresa, mas está diretamente ligado a sua missão enquanto programa de inclusão digital, garantindo a democratização da informação por meio do acesso livre tanto ao espaço físico como também ao conteúdo da internet, permitindo, como foi identificado anteriormente, o uso inclusive das redes sociais e outras ferramentas da internet que vão além da simples disponibilidade de informação. Tal ocorrência nos permite apontar que existe interação entre os usuários e até mesmo entretenimento por meio dos dispositivos disponíveis.

A figura 15 mostra de forma sintetizada a relevância da negativa a respeito da existência de restrição de acesso ao conteúdo, deixando nítido que não há restrição a conteúdo, pelo menos aqueles que os usuários procuram utilizar nesses espaços.

Ao relacionar essas respostas com as obtidas na questão quatro, onde os participantes identificaram o uso da internet muito parecido, independente do local de acesso, pode-se compreender que a utilização entre o que eles buscam de conteúdo e ferramentas para utilizar no *infocentro* é muito uniforme em relação ao que procura fazer em outros locais, como citado anteriormente, suas residências ou mesmo o local de trabalho, mostrando que o uso não foge ao rotineiro. Esse contexto indica que o acesso ao que é valioso para cada usuário acontece sem restrição ou classificação do que deve ou não ser utilizado.

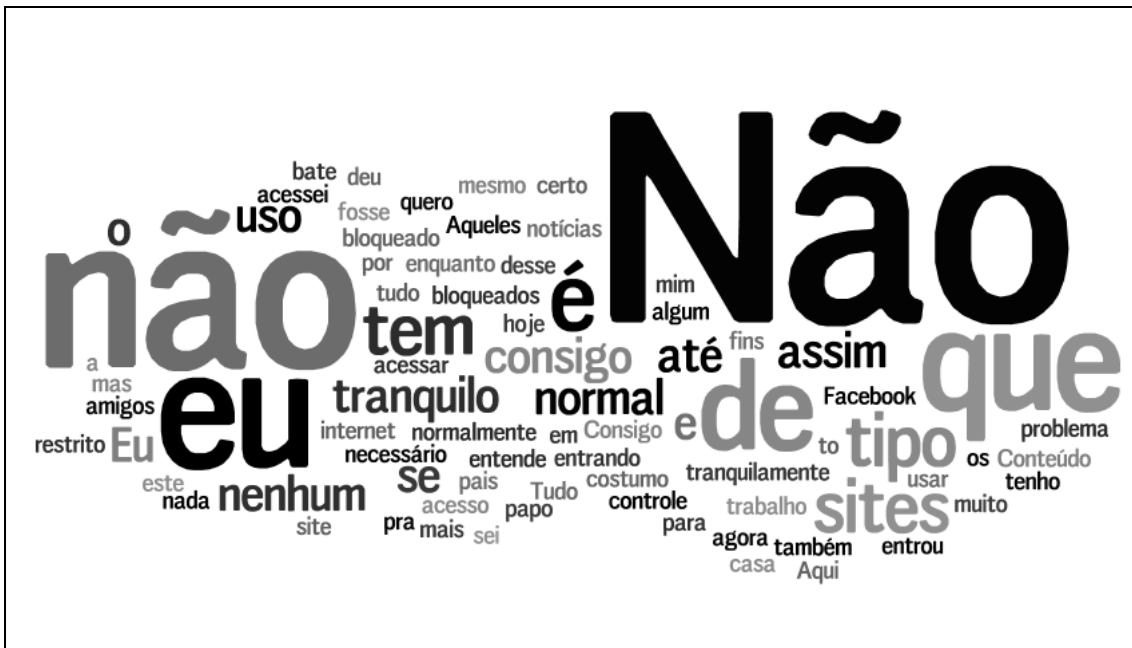


Figura 15 – Restrição a conteúdos durante o acesso.

Fonte: elaborado pelo autor

Na sétima, procurou-se diagnosticar o uso de blogs e redes sociais pelos participantes e assim entender a participação dos usuários em ferramentas da web 2.0, por isso a pergunta elaborada foi a seguinte: *Você acessa blogs e redes sociais?*

A figura 16 traz as respostas obtidas. Nela é possível constatar que todos os participantes entenderam a questão e responderam de acordo com o uso ou não dessas ferramentas.

Participantes	Questão 7 – Você acessa blogs e redes sociais?
Participante 1	Não, ainda não, eu não entrei nisso.
Participante 2	Não, eu não tenho muito tempo pra fazer, mais é Hotmail mesmo. Facebook, eu não uso muito não.
Participante 3	Sim. Facebook, Badoo, blogs da minha estofaria, blogs de amigos.
Participante 4	Sim.
Participante 5	É só Rede Social. Acessava Blog, agora fico mais no Facebook e no MSN.
Participante 6	O Facebook, o Google e Orkut.
Participante 7	Tenho, tenho acesso a rede social.
Participante 8	Blog não, redes sociais sim.

Participante 9	Sim.
Participante 10	Sim.
Participante 11	Sim.
Participante 12	Sim, o Facebook.
Participante 13	Sim.
Participante 14	Sim.

Figura 16 – Acessa blogs e redes sociais.

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com as respostas obtidas e demonstradas na figura 16, a grande maioria dos participantes são frequentadores de *blogs* e redes sociais. Por se tratar de uma pergunta aberta, eles tiveram a oportunidade de explicar o que mais frequenta ou fazem uso, ganhando destaque para a presença nas redes sociais. Pode-se citar a lembrança do Facebook, do Orkut e do Badoo como redes sociais memorizadas e elencadas nessa questão.

Um ponto importante é a presença de participantes dentro da amostra pesquisada que não utilizam os *blogs* e redes sociais. Tal dado mostra que apesar de serem populares entre os usuários da internet não são unanimidades e nem podem considerar-se absolutas nos espaços de acesso livre à internet.

Outra característica relevante é a incidência maior de usuários das redes sociais em relação aos *blogs*. Isso demonstra que ferramentas como Facebook têm uma importância significativa para os usuários em relação à utilização da internet. O surgimento das redes sociais é posterior ao dos *blogs*, inclusive é possível compreender algumas ferramentas presentes nelas, como uma forma de evolução das aplicações existentes nos *blogs*, especialmente a interatividade entre os seus usuários. Devido a esse fato, é compreensível que atualmente a audiência das redes sociais seja maior e mais impactante na internet.

A figura 17 sintetiza e ilustra o uso de *blogs* e redes sociais pelos participantes com destaque para o Facebook. Além disso, a figura evidencia a divergência existente entre a maioria que utiliza frequentemente as redes sociais concomitantemente com a presença de participantes que não fazem uso dessas ferramentas em sua utilização da internet.



Figura 17 – Acesso a blogs e redes sociais.
Fonte: elaborado pelo autor

A oitava questão complementava a sétima ao questionar os participantes a respeito de possuir blogs ou perfis em redes sociais e assim permitir identificar não apenas o uso, bem como o domínio dessas ferramentas. Por isso a questão foi a seguinte: *Você tem blogs ou perfis em redes sociais?*

De acordo com as respostas obtidas e demonstradas na figura 18, pode-se compreender que ao relacionar com as repostas obtidas na questão anterior essa pergunta não se aplicava a todos os participantes, somente àqueles que acessavam previamente essas ferramentas.

Participantes	Questão 8 – Você tem blogs ou perfis em redes sociais?
Participante 1	NÃO SE APLICA
Participante 2	NÃO SE APLICA
Participante 3	Tenho.
Participante 4	Tenho sim. Mais rede social.
Participante 5	Sim.
Participante 6	Sim.
Participante 7	Sim.

Participante 8	Tenho. Eu tenho Orkut e tenho Facebook.
Participante 9	Tenho.
Participante 10	Tenho. Facebook , Twitter, Orkut, por aí. No caso eu mantenho um blog aqui, eu tenho um blog que eu atualizo de onde eu estiver.
Participante 11	Tenho perfil do Facebook, blog eu não tenho, mas eu acompanho blogs de amigos, de pessoas até da parte cultural mesmo, porque eu trabalho com cultura então existem muitos blogs legais da cultura e eu acabo acessando direto assim, mas eu não tenho blog.
Participante 12	Tenho.
Participante 13	Rede social – Facebook, Orkut, Twitter, mas agora um blog específico não.
Participante 14	Rede social. Facebook, Orkut, é o básico mesmo, vai se criando e a gente vai se atualizando também.

Figura 18 – Tem blogs e perfis em redes sociais.

Fonte: elaborado pelo autor

As respostas reafirmam o cenário identificado na questão anterior e avançaram na análise de participação dos usuários dentro da internet e de suas ferramentas. O objetivo da questão anterior era identificar o uso das mesmas enquanto o objetivo da atual era avançar e não se limitar somente ao uso, mas sim a participação efetiva e interação com os outros usuários dessas ferramentas.

A primeira análise foi a não aplicação dessa questão para todos participantes, pois aqueles que não fazem uso dos *blogs* e redes sociais não podem ter perfil nesses espaços, por isso essa questão não foi aplicada para os participantes que declararam não fazer uso na questão anterior.

Para os participantes a que se aplicava a questão foi interessante a identificação de uma similaridade muito grande entre os que usam essas ferramentas da internet e que possuem *blogs* ou perfis em redes sociais. Tal característica mostra que os que se interessam por essas aplicações não se limitam apenas ao uso, mas avançam e interagem com outros participantes e também publicam seus conteúdos, fato esse que será objeto de análise na próxima questão.

O exposto anteriormente confirma um significativo avanço da internet em relação a outros meios de comunicação, pois essa participação efetiva é a materialização

da interatividade entre usuários por mediação de um veículo de informação, no caso a internet.

Dessa forma, a internet passa a configurar como o veículo de informação que possibilita uma participação ativa entre emissor e receptor, havendo a troca de mensagens emitidas por ambos os lados do processo de forma instantânea, fato esse que motiva os seus usuários a se inserirem nesses ambientes e não somente acompanhar os conteúdos publicados.



Figura 19 – Possui blogs ou perfil em redes sociais.

Fonte: elaborado pelo autor

Ao observar a síntese da figura 19, nota-se a grande incidência da participação dos usuários nos *blogs* e redes sociais, com destaque para o Facebook e o Orkut como as principais redes sociais citadas. Os *blogs* aparecem com bastante incidência, porém a maioria dos que participaram, identificaram que não possuem *blog*. Apenas dois participantes mostraram ter nas questões sete e oito, dando ênfase ainda maior à participação nas redes sociais.

Ainda falando das ferramentas da web 2.0, a nona questão procurou identificar as características ou perfis dos conteúdos publicados pelos participantes. Para isso foi aplicada a seguinte pergunta: *Que tipo de conteúdo você produz e costuma publicar?*

Assim como na questão anterior, essa também não se aplicava a todos os participantes da pesquisa, mas de acordo com as respostas obtidas e registradas na

figura 20 é possível identificar que eles compreenderam e responderam de acordo com os conteúdos produzidos e publicados nessas ferramentas.

Participantes	Questão 9 – Que tipo de conteúdo você produz e costuma publicar?
Participante 1	NÃO SE APLICA
Participante 2	NÃO SE APLICA
Participante 3	Então, esse é um blog mais profissional, um blog ligado a trabalho, então é designer de móveis, designer de interiores. Além de fotos pessoais, fotos de passeios e comentários, às vezes algo relativo ao social, alguma notícia que aconteceu, alguma coisa que aconteceu, comentários também sobre.
Participante 4	Textos, eventos daqui da Oficina Cultural ou senão encontros regionais do ACESSA São Paulo.
Participante 5	É, divulgando minhas aulas, as coisas que eu faço. Aula de fórró universitário.
Participante 6	Mais é foto e os aplicativos.
Participante 7	Não, não muito pouco. Foto só, normal né? Pouca coisa. Texto, não.
Participante 8	No Orkut sim, no Facebook ainda não. Foto familiar, minha pessoal.
Participante 9	No meu blog, geralmente coloco, fotos ou matérias, principalmente da faculdade, porque a gente administra um blog da nossa sala, então tem bastante conteúdo jurídico, no Tumblr também fotos e Facebook e Twitter só.
Participante 10	Cidadania, trabalhos artísticos e por aí.
Participante 11	É, eu publico diversos, é um perfil meu, porém é uma ferramenta do meu trabalho também, então tudo que eu vou, tudo que acontece durante o dia, se vai ter uma atividade legal aberta eu publico ali, músicas que eu gosto, coisas interessantes, matérias que eu acho legal que todo mundo tem que ler eu acabo publicando link, de concursos também que saiu eu acabo publicando então é um meio de divulgação daquilo que eu acho importante para os meus amigos e as pessoas que estão na minha rede saberem o que está acontecendo.
Participante 12	No face? A programação da oficina cultural.
Participante 13	É mais questão de comentários, são laços de amizade mesmo.
Participante 14	Ah, a gente usa também algumas coisas do trabalho né? A gente faz divulgação pelo Orkut também. O Face também as vezes ocorre algum evento também, a gente ajuda os amigos, a gente recebe e

	repassa para os demais
--	------------------------

Figura 20 – Conteúdo que publica.
Fonte: elaborado pelo autor

As respostas obtidas nessa questão e registradas na figura 20 e sintetizadas na figura 21, mostram o que os blogs e redes sociais têm de mais importante, que é o conteúdo publicado pelos seus usuários.

Assim como nas últimas duas questões, essa não se aplicava a todos os participantes, pois aqueles que reponderam não acessar blogs ou redes sociais também não produzem e publicam conteúdos nesses espaços. Por isso a análise focou apenas nos participantes que efetivamente têm essa participação em tais ferramentas.

Foi possível identificar que em se tratando das redes sociais, os conteúdos mais publicados são fotos pessoais e pequenos textos, bem como comentários. Nota-se que as possibilidades de compartilhamento de conteúdo são indicadas pela estrutura das próprias redes sociais, como o fato de vários participantes publicarem textos e fotos no Facebook. Tal atitude se deve porque a ferramenta contemplou essa aplicação, caso contrário isso seria uma restrição existente.

Faz-se digno de nota que não houve um padrão determinante a respeito do conteúdo publicado, enquanto que alguns publicam mais fotos ou fazem apenas comentários, divulgam seu trabalho e produzem texto para seus *blogs*, mostrando assim a diversidade de formas de materialização de produção e publicação de conteúdos.

Outra falta de padrão aconteceu nas redes sociais utilizadas, pois apesar do Facebook liderar o índice de incidência, outras ferramentas foram citadas como o Orkut, Twitter e o Tumblr, isso sem se esquecer dos blogs. Essa amplitude de acessos mostra a diversidade de ferramentas disponíveis e utilizadas pelos participantes como forma de produção e compartilhamento de informação com outros usuários dessas redes sociais.

Essa multiplicidade fica ainda mais evidente ao observar a síntese presente na figura 21. Nela destacam “fotos”, “comentários” e “gente”, enquanto que as demais estão niveladas em relação à sua incidência.

Faz-se importante observar que as respostas obtidas para essa questão demonstraram o quanto o contexto cultural dos indivíduos é reforçado por meio do uso de ferramentas de relacionamento e troca de informações com outros usuários. Dessa forma, a cultura pode ser compreendida em processo de construção e assim ser vista como resultado do que é consumido ou como vetor do mesmo ao exteriorizar

Participante 3	No mínimo umas 3 vezes por semana. A média é um período, uma tarde.
Participante 4	Todos os dias e eu fico geralmente acima de 5 horas conectado.
Participante 5	Ah, umas 4 ou 5 vezes. Ah, 1 hora, 1 hora e meia, pra lá e pra cá.
Participante 6	Duas, três vezes por semana. Quando dá tempo.
Participante 7	Diariamente, várias vezes ao dia. Olha, mais de umas 2 horas por dia, em horários alternados.
Participante 8	Atualmente tá sendo bem difícil, pra falar a verdade, 3 vezes na semana. Tá bem pouco mesmo. Varia entre 1 hora, 1 hora e meia, como pode ser também 10 min., meia hora.
Participante 9	Bom, todo dia e ainda mais que sou universitária, durante a madrugada inteira.
Participante 10	De 3 a 4 dias. Quase 2h30min.
Participante 11	Praticamente todos os dias, menos final de semana que eu faço outras atividades, mas durante a semana eu acesso todo dia. Eu fico em torno de 2 a 3 horas por dia, mas não direto picado.
Participante 12	De 3 a 4 vezes por semana por 3 horas.
Participante 13	Todo dia e em média de 2 a 6 horas por dia.
Participante 14	Quase todos os dias. Umas 4 horas.

Figura 22 – Frequência de acesso.

Fonte: elaborado pelo autor

Essa questão objetivou identificar e compreender a frequência de uso da internet por parte dos participantes e pode-se perceber, de acordo com as respostas obtidas, que há uma presença forte e constante da internet no cotidiano dos entrevistados, demonstrando assim um nível significativo de relevância no dia a dia de seus usuários.

Foi possível identificar que uma boa parte dos participantes relatou que utilizam a internet todos os dias com período entre 2h30 até 6h por dia, mostrando que uma fração importante do seu dia é destinada ao uso da internet.

A menor frequência de uso relatada foi de dois a três dias na semana com uso entre 1h e 3h. Em todos os casos foi possível identificar a percepção dos usuários a respeito de sua frequência de uso, reforçando ainda mais a importância desse acesso em seu dia a dia.

foi: *Fora da internet o que você faz em seu tempo livre? Do que você gosta ou como você se diverte?*

Essa questão foi colocada ao final do questionário de forma proposital, pois caso ela fosse inserida no início do mesmo, poderia influenciar todas as outras respostas a respeito da internet, quando o foco do trabalho é justamente compreender os hábitos da internet e uma possível relação com as atividades do cotidiano.

A figura 24 mostra as respostas obtidas, sendo possível afirmar que a maioria entendeu o questionamento e participou relatando seus hábitos e costumes do cotidiano.

Participantes	Questão 11 – Fora da internet o que você faz em seu tempo livre? Do que você gosta ou como você se diverte?
Participante 1	Eu adoro curtir as chácaras da minha mãe, passear, piscina. Novela das oito.
Participante 2	Praticar esporte. Que eu venho de bicicleta aqui, eu ando bastante de bicicleta, jogo bola. Assim, nos meus finais de semana, quando eu posso, sempre fazer essa prática de esporte.
Participante 3	NÃO RESPONDEU
Participante 4	No tempo livre eu vou pra balada. Balada senão eu vou pro sítio.
Participante 5	Pego balada.
Participante 6	Momento de lazer eu não tenho nenhum não. A única coisa que a gente faz é só assistir televisão, os filhos não deixam, só a noite mesmo, na hora do jornal, por que caso contrário.
Participante 7	Eu gosto de clube, piscina.
Participante 8	Eu gosto muito de música, escuto bastante música, pratico esporte, apesar de eu praticar mais antes, mas agora bem menos, mas gosto de praticar esporte e trabalho também né?
Participante 9	Sair, ler, tipo dar uma volta com os amigos, assistir, basicamente isso né? Sair bastante.
Participante 10	Jogar bola, ler, sair com os amigos, minha família também.
Participante 11	Como eu trabalho numa casa de cultura meu tempo livre é sempre ligado a isso. Show, espetáculos, apresentações, muito no teatro, no SESC, no jardim botânico, nas praças de Bauru, onde tem atividade cultural geralmente meu final de semana é ligado a isso.
Participante 12	É meio complicado. Trabalho. Eu saio daqui e vou pro trabalho.

Participante 13	Quando eu não estou trabalhando eu vou pra barzinho, pra clube, pego minha filha e vou dar uma volta, vou pra casa de amigos, mas como tempo livre é um pouquinho menor, então a gente ou tá na internet ou depende muito do que a cidade tem proporcionando geralmente.
Participante 14	Lazer eu curto mais a minha família, a minha filha, sobrou uma folguinha eu to passeando com a minha menina, andar de bicicleta, dar uma voltinha a pé, eu curto ela.

Figura 24 – Relação com hábitos *off-line*.

Fonte: elaborado pelo autor

A realização dessa questão buscava identificar algumas atividades realizadas pelos participantes a fim de compreender a relação entre seu cotidiano *off-line* e sua vivência *on-line*. As respostas obtidas demonstram como foi eclética e diversificada a amostra pesquisada (figura 25), identificando diferentes perfis e registrando seus hábitos e gostos.

Os fatos que merecem destaque foram as relações desenvolvidas entre os dois processos. Logo no primeiro participante ocorreu a relação direta entre a resposta das duas primeiras questões e essa, quando ele indica que um dos usos que faz na internet dentro desse espaço de acesso livre é pesquisar informações sobre a novela que ele assiste.

O mesmo fato ocorre com o participante 8 que utiliza a internet para buscar informações a respeito da prática esportiva que ele faz e também sobre música e nessa questão ele indicou a música e a prática de esportes como as atividades de lazer e entretenimento que ele realiza. Com isso, identifica-se não somente um uso da internet relacionado aos seus gostos e hábitos, mas também como ferramenta de ampliação do nível de informação a respeito dos seus interesses e constitui, assim, o elo de fato entre seus hábitos no cotidiano e sua participação na internet como usuário.

Além disso, a relação com o trabalho, mesmo em momentos de lazer teve uma incidência significativa, o que é reforçado na relação que esses usuários fazem dentro da internet, na qual suas ferramentas têm aplicação praticamente com foco profissional.

Complementando essa análise, outras incidências foram observadas, tais como: sair com os amigos, baladas, ficar com a família e outras possibilidades. Elas são importantes para compreender até que ponto a formação da cultura e sua exteriorização por meio das práticas dentro da internet são capazes de serem mensuradas. Isso possibilita entender a própria cultura no centro desse processo, não apenas com o foco

	porque o pessoal fugiu daqui cara, não sei o que aconteceu.
Participante 5	Não, tudo ok.
Participante 6	NÃO RESPONDEU.
Participante 7	Não, sabendo usar a internet ela é muito útil, bem útil, bem usada né?
Participante 8	Não.
Participante 9	Eu acho que a internet em si ela é, tipo uma ferramenta que às vezes é boa e também às vezes não é sabe, porque ao mesmo tempo em que ela leva um conteúdo muito rápido, ela leva tipo informações erradas e as pessoas que não conhecem, por exemplo, no Facebook, você vê uma pessoa julgando, apedrejando as pessoas sem nem saber o que acontece, já vi pessoas, que nem daquele caso da Eloá, falando que o cara ia cumprir não sei quantos anos e as pessoas acham isso super legal, tipo é errado, é um pouco errado de tudo. Sem conhecer elas começam a justificar e apedrejar, tudo sem conhecer, só na base da mídia.
Participante 10	Não, não.
Participante 11	Não, só isso.
Participante 12	Não.
Participante 13	Não.
Participante 14	Eu acho que a internet é uma ferramenta indispensável hoje no dia a dia né? Ali você encontra de tudo né? Se você tem alguma dificuldade, você vai lá e digita no santo Google e ele já te traz bastante coisa, bastantes soluções.

Figura 26 – Outras informações a respeito da internet.

Fonte: elaborado pelo autor

Essa questão era o fechamento da pesquisa e de acordo com as respostas obtidas e demonstradas na figura 26, a grande maioria dos participantes não quiseram acrescentar nenhuma informação ao que foi questionado e com isso finalizaram sua participação efetivamente na questão anterior.

Em relação aos que citaram algumas situações, o fato mais comentado foi a relevância da internet na atualidade como uma ferramenta que pode acrescentar muito ao dia a dia dos seus usuários quando bem utilizada. Inclusive, o participante 14

4.4 ANÁLISE GERAL DA PESQUISA

Para o fechamento desse capítulo faz-se necessário o desenvolvimento de uma análise geral das informações registradas na pesquisa com os usuários do Programa Acesso São Paulo a fim de aprofundar a relação entre o conteúdo estudado e dissertado nos capítulos 2 e 3 com os questionamentos e análises das primeiras partes do capítulo 4.

Buscando aprofundar a análise sob a óptica dos *Estudos Culturais Latino-americanos*, pode-se compreender que o uso da internet enquanto veículo de informação tem se caracterizado de acordo com sua inserção e interação social, pois seu uso é pautado pelos interesses e hábitos do cotidiano de seus usuários, sendo ela uma ferramenta para afirmação e ampliação do processo cultural dos indivíduos.

Esse processo de análise vem a confirmar os pressupostos relatados anteriormente, tendo como referência as obras de Martín-Barbero (1995a apud ESCOSTEGUY, 2010), Canclini (2000) e a própria Escosteguy (2010), que identificam e discutem a importância da comunicação exercer um papel ativo junto ao processo cultural, inclusive destacando a relação entre a compreensão das ações dos indivíduos como expressões da cultura que interferem na forma pela qual a comunicação se dá e precisa ser compreendida.

Ao diagnosticar que uma parcela dos usuários da internet fazem referência a questões e temas do seu cotidiano, mesmo que dentro de um sistema de alimentação de informação, eles estão sim constituindo sua cultura durante esse percurso. Por isso é possível afirmar que ao deparar-se com respostas que indicam o uso da internet desde pesquisas sobre novela ou um programa de televisão, até o uso significativo de redes sociais, são questões ancoradas no cotidiano do usuário que levam até ele um número maior de informações sobre os assuntos mais pertinentes ao seu contexto cultural.

A pluralidade da caracterização e hábitos de acesso dos participantes da pesquisa estando inseridos em um espaço de acesso livre à internet, não é somente um fato relevante para análise e discussão, mas sim a indicação da proposta de Canclini (2006) de ser um processo característico da América Latina a ponto de diferenciá-la sobremaneira das outras regiões do globo, sendo esse mesmo pluralismo o agente de diferenciação entre essa região e as demais existentes, em especial a América do Norte.

Agora ao aprofundar essa análise e focar-se na produção e disseminação dos conteúdos produzidos e publicados pelos usuários por meio das ferramentas da internet,

em especial dos blogs e redes sociais, fato esse que apareceu com grande incidência e relevância no decorrer da pesquisa, faz com que essas informações sejam compreendidas como exteriorização dos pensamentos, opiniões, hábitos e gostos desse indivíduo, refletindo assim parte de sua cultura e transformando essas ferramentas em um potencial espaço para manifestação da cultura popular ou mesmo alternativa, só que em um âmbito em que ela se torna capaz de uma amplitude muito representativa no contexto social e cultural em que se insere.

Além disso, a presença da cultura em sua *roupagem* popular nesse espaço visa alcançar o processo de democratização da comunicação, preceito primário dos *Estudos Culturais Latino-Americanos*. Se considerarmos que essa análise deu-se dentro de um espaço oferecido e mantido por meio de um programa do Governo do Estado de São Paulo, essa relação ainda se amplia, pois outra premissa presente nessa linha de pensamento é a participação do Estado no cotidiano da sociedade através do desenvolvimento de ações que tenham exatamente esse objetivo: a democratização da informação e é claro, da comunicação.

Avançando a discussão e analisando a participação da cultura e da comunicação dentro das propostas da Sociedade da Informação, é possível identificar a dialética com a cultura presente nas obras de Castells (1999; 2009) sendo reafirmada, pois o autor propõe um reposicionamento da cultura nesse processo, em que em um primeiro momento ela é construída e alimentada de acordo com a utilização das informações e ferramentas presentes dentro da *sociedade da informação*, compreendendo aqui a internet como um espaço de materialização desse conceito.

Posteriormente, traz a cultura como vetor de identificação dos processos sociais, culturais e até mesmo das relações de poder. Esse reposicionamento pode ser observado principalmente por meio do uso das ferramentas da internet, aqueles que buscam somente alimentar-se de informações, muitas delas pautadas pelos seus gostos e hábitos *off-line* podem ser entendidos como membros do primeiro processo – cultura em construção por meio da busca por informação – e aqueles que fazem uso de ferramentas que ampliam o espectro da participação e permitem uma interação maior por parte dos usuários podem ser considerados como membros do segundo momento – cultural como forma de expressão dos valores dos indivíduos.

Assim a proposta de mudança de paradigma vista em Castells (1999; 2009) pode ser considerada de fato em curso e merece destaque por ser possível não apenas identificar, mas compreender essa mudança em curso que representa o desenvolvimento

do próprio veículo enquanto ferramenta dentro da sociedade e o possibilita ser compreendido com um grau maior de importância.

Essas considerações ainda que breves e pontuais abrem o espaço para o desenvolvimento das considerações finais do trabalho, ponto esse que será apresentado no tópico a seguir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento das etapas deste trabalho é possível considerar que a utilização do espaço de acesso livre à internet estudado cumpre a função de inclusão digital proposta pelo próprio programa e possibilita que seus usuários façam parte de forma mais presente das ferramentas presentes na internet e possam dela usufruir a partir de seus interesses. Aliás, são as preferências dos indivíduos que pautam prioritariamente sua presença dentro da internet e, como foi identificado anteriormente, da própria sociedade da informação.

Vale ressaltar que foi possível perceber um índice de utilização muito baixo desse espaço, ficando a maior parte do tempo sem uso, o que indica uma possibilidade para ampliar a divulgação do mesmo, visando aumentar sua utilização. Isso porque como os Estudos Culturais latino-americanos preconizam, os espaços comunicacionais precisam proporcionar a democratização da comunicação e sua utilização materializa esse preceito.

Partindo para a compreensão dos Estudos Culturais latino-americanos como vertente teórica adotada, foi possível perceber nitidamente sua decorrência dos Estudos Culturais Britânicos, ainda que esse fato tenha gerado muita discussão no campo teórico e até mesmo ideológico. Um ponto importante a ser observado foi a conceituação e principalmente localização do campo de estudo desenvolvida por Escosteguy (2010) que juntamente com outros renomados autores latino-americanos como Canclini (1983, 1997, 2000, 2006) e Martín-Barbero (1989, 1995, 1997, 2002) acabam por conceituar e legitimar esse espaço de pensamento e construção do conhecimento.

Se a herança dos Estudos Culturais latino-americanos a respeito dos britânicos foi predominante à preocupação com o estudo e compreensão da *cultura vindo dos debaixo*, essa vertente possibilitou um avanço no desenvolvimento dos estudos e focou-se nas relações de hegemonia e poder presente em seus territórios, buscando evidenciar essa realidade por meios das discussões que o próprio campo permitiu devido à sua estrutura multi, inter, trans e até mesmo anti-disciplinar.

Quando se busca alinhar esse contexto teórico com o objetivo de pesquisa desse trabalho, a relação surge com uma relevância importante, pois o delineamento do trabalho está direcionado à compreensão do uso das ferramentas de comunicação presentes em um meio plural como é a internet, inserida na conceituação de Sociedade da Informação proposta pela óptica de Castells (1999, 2001, 2003, 2009), em que os

indivíduos buscam informação e não somente produzem, mas são capazes de publicar conteúdos a respeito de seus interesses. É nesse cenário em que se insere a constituição da cultura desses indivíduos e se permite compreender a relação que os mesmos desenvolvem com os hábitos e interesses do cotidiano.

É possível afirmar que se tem sim um uso da internet e de suas ferramentas capazes de ampliar a cultura advinda dos espaços *off-line* e alimentar com diversidade de informação nos mais diferentes níveis de profundidade e interesse. Sendo pautada uma busca em seu conteúdo desde o interesse por um produto da teledramaturgia, como também o interesse por um programa de televisão ou mesmo um grupo musical favorito.

Considerando que a produção cultural se dá em um espaço de acesso livre é possível compreender uma aproximação ainda mais forte com o viés ideológico dos estudos culturais britânicos e também com a proposta dos latino-americanos, pois além de entender a exteriorização dos aspectos culturais a partir do uso de um espaço comum, permite delinear o que a população pesquisada indica como importante em sua formação cultural, como também na produção pautada por aquilo que mais lhe interessa.

Além disso, a produção de conteúdo por parte dos seus usuários acaba sendo um caminho possível para conhecer os interesses e anseios de quem produz determinado conteúdo. Com isso seu papel no meio social pode ser influenciado pelo conteúdo gerado nos ambientes, como as redes sociais, utilizadas na internet.

Assim, essa informação está carregada de significado e tem uma força importante na construção do indivíduo perante seu grupo e dinâmica cultural em que ele está inserido. Escosteguy (2010) indica como uma preocupação permanente dos pesquisadores dos Estudos Culturais latino-americanos em entender a participação ativa dos indivíduos dentro dos processos culturais a que estão inseridos. Ainda que nem sempre o engajamento político seja o foco central dos debates, mas sim a amplitude temática encontrada que permite um delineamento dos interesses do público que utiliza esses espaços e principalmente sua participação constante na produção cultural da sociedade.

O uso da internet dentro desses espaços divide-se desde uma busca por conteúdos diversos, como também por ferramentas disponíveis na própria internet, pois atualmente o próprio governo disponibiliza para acesso da população.

Além disso, surge com significativa relevância o uso das redes sociais pelos usuários, em se tratando de um espaço em que seus participantes podem filtrar os

assuntos de interesse, como também conectar-se e interagir com outras pessoas, além de permitir que os indivíduos cadastrados publiquem conteúdos sobre os mais diversos temas de acordo com seus próprios interesses.

Essa aplicação revela um contexto importante em que o conteúdo publicado possa suscitar a aplicação que o usuário entende para a ferramenta, como também um pouco do seu cotidiano, indicando seu uso para fins profissionais ou pessoais em que é possível listar temas como informação, entretenimento e outros usos dentro do escopo de finalidade da própria rede social.

Essa conceituação reafirma a proposição de Castells (1999, 2009), que identifica a sociedade da informação, mais precisamente o espaço ocupado pela internet como materialização desse conceito e a participação dos indivíduos e sua representação dentro de suas aplicações. O autor ainda destaca a relação da presença dos indivíduos na Sociedade da Informação com o processo cultural em que está inserindo, indicando a cultura não somente como resultado dessa utilização, mas também como vetor capaz de expressar seus hábitos e seus valores. Refletindo assim suas opiniões e exteriorizando seu pensamento de acordo com o conteúdo produzido e publicado nos espaços destinados para esse fim. Constituindo as construções socioculturais dos indivíduos que fazem uso da internet cotidianamente, como propõe Reguillo (2004).

O contexto apresentado até o momento acaba por afirmar a proposta colocada na hipótese desse trabalho em que o uso dos espaços de acesso livre à internet ocupa o lugar de extensão do processo cultural do indivíduo alimentando-o com informação e possibilitando expressar seus valores por meio de suas ferramentas e assim reafirmar o que lhe agrada e aprofundar nas possibilidades que por meio desses espaços se apresentam para ele em relação à construção de sua cultura.

Por isso, a internet como espaço comunicacional caracteriza-se por sua multiplicidade, ao se analisar esse veículo de comunicação e sua utilização a partir da proposta dos Estudos Culturais latino-americanos, podendo-se identificar uma similaridade conceitual muito grande, pois a América latina também é plural, com muitos movimentos culturais inseridos em seu contexto, com diferenças muito marcantes ao longo de sua extensão, assim como a própria cultura que se manifesta no uso da internet.

Assim, da mesma forma como a América Latina é múltipla, o uso da internet em espaço de acesso livre também o é. Isso ocorre por princípio de fato. O que precisa ser feito agora é ampliar esse uso para que um percentual maior da população também

tenha a possibilidade de aumentar seu referencial *off-line* com os conteúdos que estão dentro da internet e além disso, que um número maior de pessoas possam produzir e publicar conteúdos que reflitam seus pensamentos e mostrem sua cultura a outros que também tenham os mesmos interesses.

REFERÊNCIAS

- ACESSA SP. Desenvolvido pelo Governo de São Paulo. São Paulo, [c2012?]. Apresenta informações sobre o Programa ACESSA SP. Disponível em: <<http://www.acesasp.sp.gov.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2012.
- ANATEL: Agência Nacional de Telecomunicações. **Implantação de redes de telecomunicações no âmbito municipal**, ATO N° 66.198, 27 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=202826&assuntoPublicacao=null&caminhoRel=In%EDcio-Biblioteca-presenta%E7%E3o&filtro=1&documentoPath=202826.pdf>>. Acesso 14 mai. 2012.
- BARTHES, R. **Mitologias**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BEVERLEY, J. Sobre la situación actual de los Estudios Culturales. In: MAZZOTTI, J.A.; CEVALLOS, J. (Ed.). **Asedios a la Heterogeneidad Cultural**. Pittsburg: Asociación Internacional de Peruanistas. 1996. p. 455-474.
- BRAVO, V. ¿Poscoloniales, Nosotros? Límites y Posibilidades de las Teorías Poscoloniales, 1999. In: **Cholonautas**, c2006-2012. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/poscol.pdf>>. Acesso em: 15 jul 2011.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Guttenberg a internet**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2004.
- CADERNOS eletrônicos. Desenvolvido pelo Governo de São Paulo. São Paulo, [c2012?]. Apresenta informações sobre os cadernos eletrônicos do Programa ACESSA SP. Disponível em: <<http://www.acesasp.sp.gov.br/cadernos/>>. Acesso em: 18 abr. 2012.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2006. 6ª Ed.
- _____. Para un diccionario herético de estudios culturales. **Fractal**, v. 5, n. 18, p. 11-27, jul./sept., 2000.
- _____. El malestar en los estudios culturales. **Fractal**, v. 2 n. 6, p. 45-60, jul./sept., 1997.
- _____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliene, 1983.
- CASTELLS, M. **Communication power**. New York: Oxford University Press, 2009.
- _____. **La galaxia Internet**. Reflexiones sobre Internet, empresas y sociedad. Barcelona: Areté, 2001.
- _____. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V.1 A sociedade em rede. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

_____. **Internet e sociedade em rede.** In: MORAES, Dênis de (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CIDADES@. **IBGE**, [c2012?]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

COSTA, P. da; BIANCHINI, D. **Caracterização da demanda futura de usuários da internet no Brasil: uma contribuição para o desenvolvimento de políticas governamentais de inclusão digital e acesso a internet.** *JISTEM J.Inf.Syst. Technol. Manag. (Online)* [online]. 2008, vol.5, n.1, pp. 135-162. ISSN 1807-1775.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2ª. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DALMONTE, E. F. A cultura popular a partir dos estudos culturais britânicos. In: I COLÓQUIO BRASIL/GRÃ-BRETANHA DE ESTUDOS CULTURAIS, 1999, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro, XXII Congresso da Intercom, setembro de 1999.

DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Cartografias dos estudos culturais:** uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. 250 p.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FOLLARI, R. A. Estudios sobre postmodernidad y estudios culturales: ¿sinónimos? **Revista Latina de Comunicación Social**, Córdoba, n. 35, nov. 2000.

_____. **LOS ESTUDIOS CULTURALES COMO TEORÍAS DÉBILES** In: Congreso de la LASA (Latin American Studies Association), 2003, Dallas. Disponível em: <http://www.portalcomunicacion.com/both/aab/txt/follari_1.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2011.

FREIRE, I. M. **Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local.** *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol.35, n.2, pp. 58-67. ISSN 0100-1965.

FREIRE, I. M. **Janelas da cultura local: abrindo oportunidades para inclusão digital de comunidades.** *Ci. Inf.* [online]. 2006, vol.35, n.3, pp. 227-235. ISSN 0100-1965.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HALL, S. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG/ Unesco, 2006.

_____. **Cultural studies: Two paradigms**. In: STOREY, John (org.), *What is Cultural Studies? A Reader*, London: Arnold, 1996 [1980].

_____. **Estudios culturales: dos paradigmas. Causas y azares**. n. 1, 1994.

HOGGART, R. **La culture du pauvre**. Paris: Les Éditions de minuit, 1970.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. M.; FRANÇA, V. V. (orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

INTERNET livre. **Portal SESC SP**, c2009. Disponível em: <
http://www.sescsp.org.br/sesc/servico.cfm?servico_id=4>. Acesso em: 20 abr. 2012.

INTERNET TRUE HISTORY: Browser Wars / Search / Bubble / People Power. Apresentação: John Heilemann. Marc Andreessen, Bill Gates, Sergey Brin, Larry Page, Henry Blodget. [S.l.]: Oxford Scientific Films, 2008. 2 DVD. 4 Documentários (180 min).

JAMESON, F. Sobre los “Estudios Culturales”. In: JAMESON, F.; SLAJOV, Z. **Estudios culturales. Reflexiones sobre el multiculturalismo. Espacios del saber**. Argentina, n. 6, p. 69-136, 1998.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

KUHN, T. **Estrutura das revoluções científicas**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva. 1998.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 22ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2008.

LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, A.; JOSGRILBERG, F. (orgs.). **Comunicação e Mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O que é virtual?**. São Paulo Editora 34, 1996.

LOPES, R. S. **INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E VALOR**. 2006. 207 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia, São Paulo, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARQUES DE MELO, J.; DIAS, P. da R. (orgs.). **Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero**. São Bernardo do Campo: Umesp Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana. In: GLOBALISME ET PLURALISME COLLOQUE INTERNATIONAL, 2002, Montreal. **Anais...** Montreal, 2002.

_____. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. **Pre-textos – Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos**. Cali: Centro Editorial Universidad del Valle, 1995.

_____. Panorama bibliográfico de la investigación latinoamericana en comunicación: 1985-89. **Revista Telos**, 19, p. 140-146, 1989.

MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (org.) **A genealogia do Virtual**. Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MATO, D. Cultural Studies y “Prácticas Intelectuales en Cultura y Poder”: Falsos dilemas, retos y oportunidades. **Boletín de la Latin American Studies Association**. v.23, n. 2, p. 8-9, verão 2002.

MATTOS, F. A. M. de; CHAGAS, G. J. do N. **Desafios para a inclusão digital no Brasil**. *Perspect. ciênc. inf.* [online]. 2008, vol.13, n.1, pp. 67-94. ISSN 1413-9936.

MATTELART, A. **Historia de la sociedad de la información**. Barcelona: Paidós, 2002.

MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo, Loyola, 2002. 5ª ed.

MATTELART, A.; NEVEU, E. La institucionalización de los estudios de la comunicación. Historias de los Cultural studies. **Telos, Cuadernos de Cultura y Sociedad**, nº. 49, marzo 1997.

MCLUHAN, H. M. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MINICURSOS. acessasp.sp.gov.br. Desenvolvido pelo Governo de São Paulo. São Paulo, [c2012?]. Apresenta informações sobre os minicursos do Programa ACESSA SP. Disponível em: < <http://minicursos.acessasp.sp.gov.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

O QUE é nuvem de tags. **Portal da cultura**, 2007. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/site/o-que-e-nuvem-de-tags/>>. Acesso em: 7 jun. 2012.

O QUE é o Programa ACESSA Escola. **ACESSA ESCOLA**, c2010. Disponível em: <<http://acessaescola.fde.sp.gov.br/Public/Conteudo.aspx?idmenu=11>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

O QUE é o programa ACESSA São Paulo?. **ACESSA SP**, [c2012?]. Disponível em: <http://www.acessasp.sp.gov.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=1>. Acesso em: 15 abr. 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGUILLO, R. Los estudios culturales. El mapa incómodo de un relato inconcluso, 2004. **Portal de La Comunicación**. c2001-2012. Disponível em: <http://www.portalcomunicacion.com/uploads/pdf/16_esp.pdf>. Acesso em: 20 maio 2011.

RELATÓRIOS de cadastros, atendimentos e usos. ACESSA SP, [c2012?]. Disponível em: <http://www.acessasp.sp.gov.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=54>. Acesso em: 15 abr. 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª Ed., São Paulo: Cortez, 2002.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

TEIXEIRA, A. C.; CAMPOS, A. de. A indissociabilidade entre inclusão digital e software livre na sociedade contemporânea: a experiência do Mutirão pela Inclusão Digital. In. TEIXEIRA, A. C.; MARCON, K. (org.). **Inclusão digital: experiências, desafios e perspectivas**. Passo Fundo: Editora da Universidade da Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 15-32.

TYLOR, E. B. **Primitive Culture**. 4ª. ed. Londres: John Murray, 1903. v. 1.

YÚDICE, G. Tradiciones comparativas de estudios culturales: América Latina y los Estados Unidos. **Alteridades**. v. 3, nº. 5, p. 9-20, 1993.

WILLIAMS, R. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Península, 1980.

_____. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

WOLTON, D. **Internet, ¿y después: una teoría crítica de los nuevos medios de comunicación**. Barcelona: Gedisa, 1999.